

O INÍCIO DO FIM

um outro olhar sobre as dramaturgias da cidade



HOSANA FERNANDES GOMES

O INÍCIO DO FIM: UM OUTRO OLHAR SOBRE AS DRAMATURGIAS DA CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eugênio Moreira Sousa

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

G

614i Gomes, Hosana Fernandes.

O início do fim : um outro olhar sobre as dramaturgias da cidade / Hosana Fernandes Gomes. –
2022. 192 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Me. Carlos Eugênio Moreira Sousa.

1. Sistema de áreas livres. 2. Planejamento urbano. 3. Teatro de Rua. 4. Corpo-cidade. I. Título.

CDD 720

HOSANA FERNANDES GOMES

O INÍCIO DO FIM: UM OUTRO OLHAR SOBRE AS DRAMATURGIAS DA CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 18/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Carlos Eugênio Moreira (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Clarissa Sampaio Freitas

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Nággila Taissa Silva Frota

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Felizmente, uma série de pessoas atravessou meu caminho e me deu suporte para concluir esse início de fim de curso. À minha mãe e ao meu pai, obrigada por todo o apoio emocional: a vocês pedi emprestada a palavra sabedoria e espero continuar a escrevê-la daqui pra frente.

Ao meu melhor amigo, companheiro das mais bobas risadas e dos mais serenos conselhos, sem você não teria sido possível, meu irmão. À minha madrinha, obrigada por sempre me dar a mão quando precisei. Sem o amor e o apoio da minha família, eu não teria conseguido. A todos os meus amigos que fizeram parte dessa longa jornada: obrigada pelo apoio e principalmente pelos momentos de leveza, em especial Ana, Raquel, Marcello, Julia, George, Denise, Erick, Hugo, Vitor e Jefferson.

Ao Curso de Princípios Básicos de Teatro, pois talvez, sem essa oportunidade, uma parte de mim ainda continuasse adormecida. Sou o que sou pelo que nós somos. A todos os artistas de rua que re-existem nesse tablado difícil que é a cidade, agradeço a sensibilidade e a inspiração. Aos professores Roberto Vieira e Almir Farias pelas oportunidades e trocas, ter sido monitora me ajudou a traçar rotas familiares para continuar essa viagem rumo a novos desafios.

Clarissa e Daniel, obrigada pelo acolhimento durante os anos de ArqPET e de outros trabalhos ao longo da graduação - com vocês descobri o que gosto de fazer. Ao Eugênio - obrigada por acolher este trabalho. Pra mim é uma honra ter sido orientada em tantos momentos por você. Obrigada por ser uma pessoa tão presente e solícita, você me inspira a ser uma profissional melhor.

Ao Theo, pela parceria, pelos sorrisos e pelas palavras de incentivo, você tornou isso mais leve. Ao SUS e ao Instituto Butantan, talvez sem a terceira dose da vacina contra a covid-19, eu não estivesse aqui para finalizar essa pesquisa.

À Deus, por tudo.



rabisco de um dia de
esperança.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Fachada principal CCBJ.....	84
Foto 2: Biblioteca CCBJ.....	84
Foto 3: Espaço de formação NARTE - CCBJ.....	84
Foto 4: Protesto de moradores na Granja Portugal em defesa da conclusão das obras da Praça da Juventude.....	85
Fotos 5 a 7: Situação da Praça da Juventude em jun/2020.....	87
Foto 8: Esquina da Rua Primeiro de Maio com a Rua Umurarama.....	91
Foto 9: Vista do canal, Rua Umurarama.....	91
Foto 10: Habitações em área de risco, Rua Umurarama.....	91
Foto 11: Habitações em área de risco, Rua Umurarama.....	91
Foto 12: Habitações próximas ao canal, Rua Humuarara.....	91
Foto 13: acúmulo de lixo/entulho, Rua Humuarara.....	91
Foto 14: Vista do canal, esquina da Rua Londrina com Tv. Humberto Lomeu	92
Foto 15: Campinho, esquina da Rua Humberto Lomeu com Tv. Humberto Lomeu.....	92
Foto 16: Parquinho abandonado, Rua Coronel Fabriciano.....	92
Foto 17: Habitações em área de risco, Rua Coronel Fabriciano.....	92
Foto 18: Habitações em área de risco, Rua Taubaté.....	92
Foto 19: habitações precárias, outro lado da rua Taubaté.....	92
Foto 20: Avenida José Torres, com pontos de alagamento.....	101
Foto 21: arborização no canteiro central da Av. Coronel Vigílio Nogueira.....	101
Foto 22: ciclofaixa em estado degradado na rua Oscar Araripe.....	102
Foto 23: arborização sobre a ciclofaixa na rua Oscar França.....	102
Foto 24: trecho arborizado da ciclofaixa na rua Vital Brasil.....	102
Foto 25: trecho com estacionamento lateral na rua Emílio de Menezes.....	102
Foto 26: trecho com ciclofaixa na rua Emílio de Menezes.....	102
Foto 27: trecho implementado com pouca arborização e acúmulo de lixo. Via paisagística no Bonsucesso. Rua Manoel Antônio Leite.....	103
Foto 28: Habitações em área de risco no trecho não implementado da via paisagística na margem oeste do Rio Maranguapinho.....	104
Fotos 29, 29-A e 29-B: primeira quadra do recorte, com destaques para os trechos A e B.....	108

Foto 30, 30-C e 30-D: segunda quadra do recorte, com destaques para os trechos C e D.....	108
Foto 31, 31-E, 31-F: terceira quadra do recorte, com destaques para os trechos E e F.....	109
Foto 32, 32-G, 32-H: quarta quadra do recorte, com destaques para os trechos G e H.....	109
Foto 33, 33-I, 33-J: quinta quadra do recorte, com destaques para os trechos I e J.....	110
Foto 34, 34-K, 34-L: sexta quadra do recorte, com destaques para os trechos K e L.....	110
Foto 35, 35-M, 35-N: sétima quadra do recorte, com destaques para os trechos M e N.....	111
Foto 36 e 37: Espetáculo “Urubus”.....	121
Foto 38: Lançamento do livro “Caminhares Periféricos” em 2017.....	123
Foto 39: Espaço Múltiplo.....	125
Foto 40 e 41: Cruzamento Rua Londrina x Av. José Torres.....	133
Foto 42: situação em tempo real do fluxo de trânsito da região.....	134
Foto 43: Proposição de conexão paisagística entre os afluentes do Maranguapinho.....	135
Foto 44 e 45: Trechos de drenagem deficiente ao longo da rua Londrina.....	135
Foto 46: Sinalização presença de ciclovia na Av. Vergueiro São Paulo.....	148
Foto 47: Semáforo para bicicletas.....	148
Foto 48: Sinalização de ciclofaixa com placa educativa.....	148
Foto 49: Ciclovia separada por jardins de chuva adaptados na Oak Street, San Diego, California...154	
Foto 50: Riacho Pajeú revitalizado.....	154
Foto 51 a 62: Espécies de árvores sugeridas para arborização em Fortaleza.....	155
Foto 63: Piso drenante com arremate para acabamento.....	156
Foto 64: Piso intertravado.....	156
Foto 65 a 68: Fotos da instalação e das performances de Parangolés, Hélio Oiticia.....	158
Foto 69 a 71: Fotos da instalação “The shadows of Sant Steve”.....	159
Foto 72 a 74: Fotos ocupadas do Red Ribbon Parque.....	176
Fotos 75 a 77: Parque da cidade em Sobral.....	177
Foto 78: Piso intertravado artificialmente colorido.....	178
Foto 79: Rua Almirante Jaceguai.....	179
Foto 80: Amarelinha em calçada de São Francisco, EUA.....	179
Foto 81: Proposta de ampliação das calçadas.....	179
Foto 82 e 83: Ampliação dos limites da praça teatro (quadra 05).....	180
Foto 84 a 87: Fotos do playground Bertelmanplein, na Holanda.....	187
Foto 88: Instalação realizada no Festival Novas Frequências, dez/2021.....	188

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Print de Notícia “Policial Militar envolvido em morte de adolescente no Ceará já era investigado por tortura.”.....	51
Figura 2: Print de Notícia “Homem é preso e SSPDS investigará atuação de policiais na morte de adolescente em Caucaia”.....	52
Figura 3: Print de Notícia “Praça das Artes retorna, neste final de semana, com programação artística e cultural para o Grande Bom Jardim”.....	83
Figura 4: Print de Notícia “Formação em Pauta: inscrições abertas para o curso de Malabarismo”.....	83
Figura 5: Trechos e residenciais previstos no Projeto Rio Maranguapinho.....	95
Figura 6: Quadra de interesse próxima ao recorte temático.....	106
Figura 7: Volume máximo de ciclistas observado ao longo do dia em Fortaleza.....	144
Figura 8: Situação desfavorável para pedestres.....	145
Figura 9: Proposição para cruzamento amigável ao pedestre.....	146
Figura 10: Sugestão para o desenho de ruas compartilhadas.....	178

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa de Fortaleza triangulando parques urbanos x praças e renda média dos bairros.....	41
Mapa 2: Mapa de Fortaleza triangulando equipamentos x dispositivos de mobilidade urbana no GBJ e renda média dos bairros.....	42
Mapa 3: Mapa de Fortaleza cruzando acesso a saneamento básico e renda média dos bairros.....	43
Mapa 4: % população não branca (preta, parda, amarela e indígena).....	53
Mapa 5: Renda média/domicílio.....	53
Mapa 6: % abastecimento de água /domicílio.....	53
Mapa 7: % saneamento básico / domicílio.....	53
Mapa 8: % coleta de lixo / domicílio.....	53
Mapa 9: % alfabetização (5 anos ou mais).....	53
Mapa 10: Quantidade de domicílios existentes em 1991 (IBGE).....	65
Mapa 11: Quantidade de domicílios existentes em 2000 (IBGE).....	65
Mapa 12: Quantidade de domicílios existentes em 2010 (IBGE).....	65
Mapa 13: Crescimento do número de domicílios entre 1991 e 2000 (IBGE).....	65
Mapa 14: Crescimento do número de domicílios entre 2000 e 2010 (IBGE).....	65
Mapa 15: Crescimento do número de domicílios entre 1991 e 2010 (IBGE).....	65
Mapa 16: População existente em 1991 (IBGE).....	69
Mapa 17: População existente em 2000 (IBGE).....	69
Mapa 18: População existente em 2010 (IBGE).....	69
Mapa 19: Crescimento populacional entre 1991 e 2000 (IBGE).....	69
Mapa 20: Crescimento populacional entre 2000 e 2010 (IBGE).....	69
Mapa 21: Crescimento populacional entre 1991 e 2010 (IBGE).....	69
Mapa 22: Limites geográficos da Granja Lisboa e da Granja Portugal.....	76
Mapa 23: Situação dos bairros Granja Lisboa e Granja Portugal em relação ao Centro da cidade e aos equipamentos culturais públicos.....	77
Mapa 24: Disponibilidade de equipamentos nos bairros Granja Lisboa e Granja Portugal; e no entorno imediato.....	81
Mapa 25: Sistemas ambientais de Fortaleza, com destaque para áreas próprias e impróprias para ocupação.....	89
Mapa 26: Sistemas ambientais e curvas de nível no setor 2.....	90

Mapa 27: Sistema viário do setor 2.....	98
Mapa 28: Mapa de usos do solo e equipamentos culturais no setor 2.....	99
Mapa 29: Aproximação para o recorte de intervenção.....	105
Mapa 30: Classificação viária.....	132
Mapa 31: Malha cicloviária de Fortaleza e próximas implementações.....	139
Mapa 32: Mapa com a malha cicloviária de Fortaleza + implementações dentro do setor 2.....	140
Mapa 33: Malha cicloviária de Fortaleza e propostas pela Prefeitura e pela Autora.....	141
Mapa 34: Intervenções esquemáticas.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistemas ambientais.....	94
Quadro 2: Atributos de classificação, análise e síntese propostos por Tardin (2008).....	107
Quadro 3: Objetivos da ZPA segundo o PDPFor (2009).....	112
Quadro 4: Usos permitidos na ZPA segundo a LUOS (2017).....	112
Quadro 5: Diretrizes para as quadras 01, 02, 03 e 07.....	163
Quadro 6: Diretrizes para a quadra 04.....	167
Quadro 7: Diretrizes para a quadra 05.....	171
Quadro 8: Diretrizes para a quadra 06.....	182

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de domicílios no Grande Bom Jardim + taxa de evolução.....	67
Tabela 2: Número de domicílios em cada setor + taxa de evolução.....	67
Tabela 3: Número de domicílios no Grande Bom Jardim + taxa de evolução.....	70
Tabela 4: Número de domicílios em cada setor + taxa de evolução.....	71
Tabela 5: Indicadores de IDH (IBGE 2010) da Granja Lisboa, Granja Portugal e do GBJ.....	73
Tabela 6: Número de domicílios em cada setor + taxa de evolução.....	79
Tabela 7: Comparativo per capita do número de praças.....	82
Tabela Síntese: diretrizes para as quadras do recorte de intervenção.....	113
Tabela 8: Sugestão de espécies - Manual de Arborização Urbana de Fortaleza (2020).....	153

LISTA DE ESQUEMAS E CROQUIS

Esquema 1: extrapolação de domicílios entre 1991 - 2010 (IBGE).....	64
Esquema 2: setorização GBJ.....	66
Esquema 3: Esquema ilustrativo da composição do sistema do canal.....	154
Esquema 4: Esquema ilustrativo da cobertura.....	160
Esquema 5: Esquema ilustrativo do corrimão.....	160
Esquema 6: Esquema ilustrativo da composição do sistema do canal + passarela.....	161
Croqui 1: Cenário ilustrativo da passarela da praça teatro.....	161
Croqui 2: Fluxo de pensamentos da autora.....	183

LISTA DE PLANTAS BAIXAS

Planta 1: Quadra 1, praça frouxa.....	164
Planta 2: Quadra 1, legendas.....	165
Planta 3: Quadra 1, Iluminação.....	166
Planta 4: Quadra 4, praça de jogar.....	168
Planta 5: Quadra 4, legendas.....	169
Planta 6: Quadra 4, iluminação.....	170
Planta 7: Quadra 5, praça teatro.....	172
Planta 8: Quadra 5, legendas.....	173
Planta 9: Quadra 5, iluminação.....	174
Planta 10: Quadra 06, praça de brincar.....	184
Planta 11: Quadra 06, legendas.....	185
Planta 12: Quadra 06, iluminação.....	186

SUMÁRIO

1	PRETEXTO.....	18
2	O INÍCIO DO FIM.....	19
3	SUSTENTO.....	21
4	CAPÍTULO 1: O NADA CONTINUA.....	29
5	CAPÍTULO 2: DESATANDO O NÓ	46
6	CAPÍTULO 3: CIDADES INVISÍVEIS.....	56
7	CAPÍTULO 4: SINAPSES.....	113
8	CAPÍTULO 5: UM CHAMADO À INVENÇÃO.....	122
9	CAPÍTULO 6: DE ONDE.....	187



um pretexto
que se justifica
em estrutura



à Cidade

[...] Você não quer que corra o sangue de seu pai nos túneis da cidade má e misteriosa

E a cidade misteriosamente cresce
Pacto de sangue que todos fizeram e desconhecem [...]

Trecho da música **Pacto de Sangue**, Jards Macalé (2019). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hqZWx9CcLiU>

PRETEXTO

Esse trabalho parte de uma rejeição à naturalidade¹, de uma inquietação diante do meu papel enquanto futura urbanista-arquiteta frente às contradições de uma cidade colonial: como diagnosticar as problemáticas de um território e atuar na construção de condições que levem à superação destas? Entendendo meu papel dentro de uma rede de agentes [re]produtores do espaço, me aproprio da palavra construção à medida que ela reflete o modo como procuro ensaiar uma forma outra de tecer uma intervenção: começando de frente pra trás, vislumbrando o final para depois avançar para o começo.

Me apoio na poesia de Manoel de Barros, que, tratando da desutilidade poética em seu Livro Sobre o Nada (1996), – um olhar afetuoso sobre o que se considera desprezível [aquilo que se opõe ao ritmo útil, funcional e acelerado das coisas] – me abre os poros para enxergar o espaço que invade e tratar da desutilidade nas cidades, buscando uma outra forma de intervir ao olhar para os processos ambivalentes de troca nas afetações corpo-cidade, ao brincar com os conceitos e redescobrir o que está embaixo do conhecido para buscar no [en]fim saídas para a construção de narrativas escritas diante da ressurreição do [até então] desprezível homem público.

¹ Parto da definição dicionarística de naturalidade [estado ou condição daquilo que se é natural] para atribuir uma outra leitura deste termo ao convidar à reflexão a respeito das barbáries e contradições naturalizadas pelas desigualdades do mundo contemporâneo.

desen
formar
o
mundo

O INÍCIO DO FIM

Instrumentos de vigia e punição, genocídio da juventude negra e periférica, institucionalização da violência e do medo se justificam e se alimentam de uma cidade desigual, circunscrita por processos colonizadores e racistas na corporificação de indivíduos não-dignos e da consolidação imagética das periferias enquanto lugares perigosos. Ao passo que a cultura é um poderoso instrumento de socialização e de re-socialização, é indispensável que existam espaços descentralizados na cidade que suportem as produções artísticas locais, pois são estas que, na ausência do Estado, cumprem também o papel de formação social do indivíduo, principalmente da juventude.

A motivação deste trabalho parte do nosso contexto de dissolução do acesso à cultura e de inquietações a respeito dos *espaços subutilizados x relações sociais* e sobre qual o papel do arquiteto-urbanista de atuar nesses espaços. Adotar a triangulação entre espaços livres, cultura e lazer como norte de análise e de projeto configura uma **inversão na hierarquia**² de demandas de projeto urbano para áreas carentes, que costumam tratar outras necessidades de sobrevivência como prioridade em vez desses artigos tidos como secundários escolhidos. Opto por essa inversão à medida que para transformar o espaço e suas relações é preciso fornecer condições para que uma nova realidade surja e supere a anterior – neste caso, dispor de espaços livres de qualidade que sirvam de **palco urbano**.

² “Além disso, os sonhos e desejos dos habitantes desta **cidade escondida** são igualmente desconhecidos, à medida em que a adoção generalizada de um planejamento pragmático os transforma em um somatório de **demandas, cruelmente hierarquizadas** entre necessidades básicas (as mínimas para a sobrevivência e reprodução da força de trabalho) e secundárias (aquelas que, na periferia, são “luxos” poucas vezes concretizados: a arte, a paisagem, o humano na cidade).” (WEHNMANN, LIMA, 2019, p.2, grifo nosso).

O uso desse termo é intencional, uma vez que o processo de espetacularização das cidades atenua a existência corporal destas (JACQUES, 2008), isto é, com o declínio da noção de ser e de estar nas ruas, perde-se (também) a dimensão estética e artística desses espaços. O palco urbano surge como um dispositivo de leitura das dramaturgias urbanas e de ação projetual, capaz de **incorporar** atualizações espaciais derivadas das **errâncias** e das apropriações dos sujeitos sobre si.

Sendo assim, a proposta de um teatro a céu aberto para um desses espaços surge diante da necessidade de integrar e fortalecer a criação “na própria natureza, no espaço real” (ARTAUD, 2006, p. 131 apud MONTEIRO, A.G; VÁSQUEZ, H.A.B., 2017, p.72) e de **confrontar** o capital que privatiza os espaços públicos e **enclausura as produções culturais**.

O recorte escolhido encontra-se nos bairros **Granja Lisboa e Granja Portugal** devido à grande quantidade de terrenos baldios, proximidade com o Centro Cultural Bom Jardim – conhecido pelo engajamento cultural em maior parte da juventude; e principalmente por conter a sede do Nois de Teatro, um grupo de teatro *com a rua*. Readequar uma praça e outros terrenos baldios nessas periferias para descentralizar os espaços artísticos em favor de uma comunidade que já se manifesta é afirmar e garantir a permanência da cultura que provém e resiste nas ruas.

Palavras chave: espaços livres, palco urbano, teatro de rua, praças, requalificação

SUSTENTO

A metodologia desse trabalho se encaminha partindo **dos espaços livres e da cultura como nós centrais de reflexão e de proposição**. Esse trabalho pretende abordar um outro olhar sobre as dramaturgias urbanas: buscar referências e formas *alternativas de escrita no espaço urbano* enquanto arquiteta-urbanista, desatando nós e criando outros emaranhados ao longo do caminho.

Pretende-se caminhar no sentido da democratização do acesso a espaços culturais e de lazer **através da requalificação de terrenos vazios** localizados no recorte temático, compreendendo o contexto dos bairros, buscando melhorar as condições de mobilidade intraperiférica e um espaço público flexível que sirva de palco para arte urbana e outras atividades de lazer, capaz de fornecer **qualidade de vida e oportunidades de socialização** para os moradores. Procuo sustentar e organizar o pensamento elencando os seguintes objetivos específicos:

1. Refletir sobre o papel do planejamento e projeto urbanos e do arquiteto urbanista na produção/reprodução dos espaços;
 - a. Fazer uma breve leitura sobre produção capitalista dos espaços urbanos, planejamento e projeto urbano e direito à cidade, relacionando essas informações apreendidas e as dinâmicas e os processos de ocupação em Fortaleza;
 - b. Fazer uma revisão bibliográfica sobre sistema de áreas livres, lazer urbano e paisagem;

- c. Levantar dados por bairro sobre infraestrutura, áreas verdes, mobilidade urbana, usos do solo e renda média;
- d. Produzir reflexões acerca do lugar de importância dos espaços livres no projeto urbano, adotando-os numa triangulação com arte e cultura como estrutura central de partido.

2. Compreender e relacionar o papel da democratização do acesso a espaços livres, à cultura e ao lazer com efetivação do direito à cidade, dando enfoque para a região de estudo (Grande Bom Jardim):

- a. Realizar levantamento de indicadores de IDH por setor censitário no GBJ e relacionar com os dados apreendidos do item anterior;
- b. Buscar compreender as dinâmicas entre essas instâncias e produzir reflexões sobre o tipo de cidade que se encaminha para o futuro, ressaltando a relevância do objeto de estudo deste trabalho como tática de ruptura.

3. Situar o Grande Bom Jardim em Fortaleza, ressaltando a relação dos bairros Granja Portugal e Granja Lisboa com a bacia do Rio Maranguapinho, buscando verificar nos vazios urbanos desdobramentos possíveis em um cenário onde aconteça ocupação desordenada:

- a. Realizar estudos de evolução de densidade demográfica, a fim de estabelecer previsões de cenários futuros de ocupação. Isso será feito através de ferramentas fornecidas pelo qgis e de dados dos setores censitários (1991, 2000 e 2010) do IBGE;

- b. Caracterizar a bacia do Maranguapinho, pontuando o projeto de revitalização do rio e seus impactos quantitativos e qualitativos;
- c. Realizar um diagnóstico dos bairros e do entorno imediato do recorte temático escolhido, utilizando dados quantitativos do IBGE e da PMFor para a elaboração de tabelas; e de sites e softwares como Google Earth, Google Maps e Qgis para análises, produção de mapas, tabelas, esquemas e outros materiais visuais pertinentes;
- d. Sistematizar, a partir desses desdobramentos e dessas outras metodologias de apreensão do espaço, um quadro final com problemáticas e potencialidades.

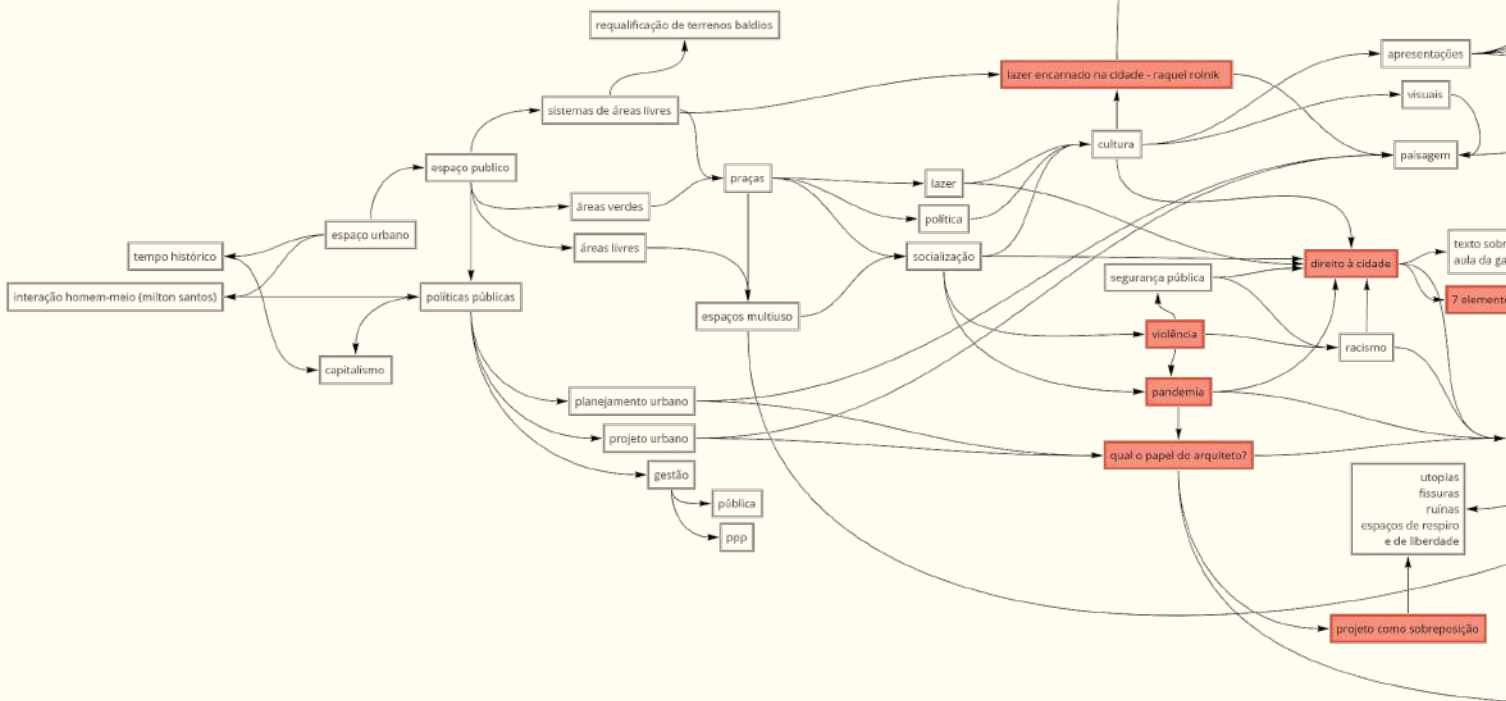
A partir da apreensão desse quadro-síntese, a fase projetual deste trabalho propõe uma abordagem orientada de leituras sobre arte e dramaturgias urbanas, corpo-cidade, re-existências e teatro de rua **como complementos** desse diagnóstico mais técnico previamente apresentado e **como diretrizes de projeto**. Os objetivos específicos dessa etapa são:

4. Realizar o planejamento dos vazios urbanos, com ênfase no projeto da praça-teatro:
 - a. Estudar o teatro de rua e suas interpretações das afetações corpo-cidade para abordar esses conceitos e leituras durante a fase de projeto;
 - b. Levantar estudos de caso que foquem na triangulação entre espaço público, arte e revitalização;
 - c. Fazer a proposta de intervenção, criando espaços de conexão

Dado o momento de incerteza, tentativas de controle surgem como possibilidade de diálogo com estruturas tradicionais de metodologia e de diagnóstico cujos prazos de validade estão próximos de expirar: esse trabalho sofre a primeira ruptura à medida em que **não se é possível ir à campo e ser afetado pelo espaço.**

Minhas impressões corpografadas do entorno não encontrarão lugar de existência nesse momento de pesquisa, o qual me convida a reinvenções: tentaremos redescobrir a deriva.

MESMO SUSTENTO,

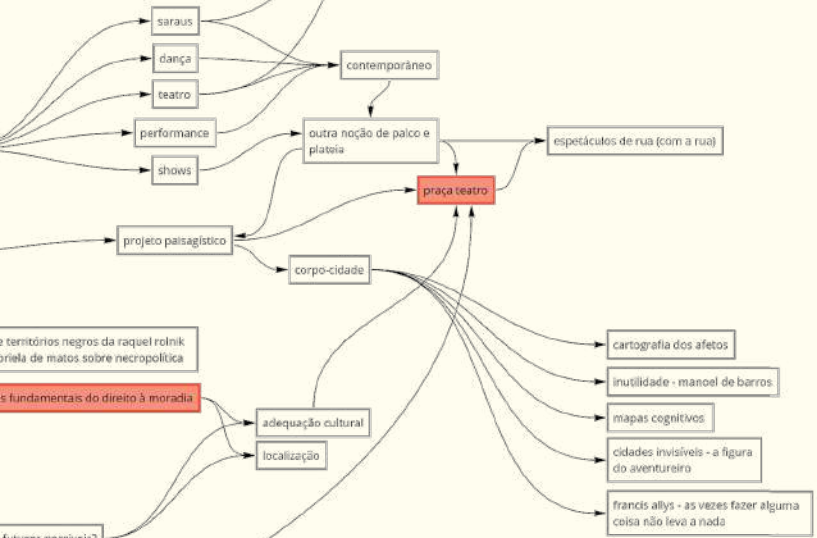


OUTRO TEXTO



clowns de shakespeare
 nós de teatro
 ó nós aqui traveltz
 as dez graças

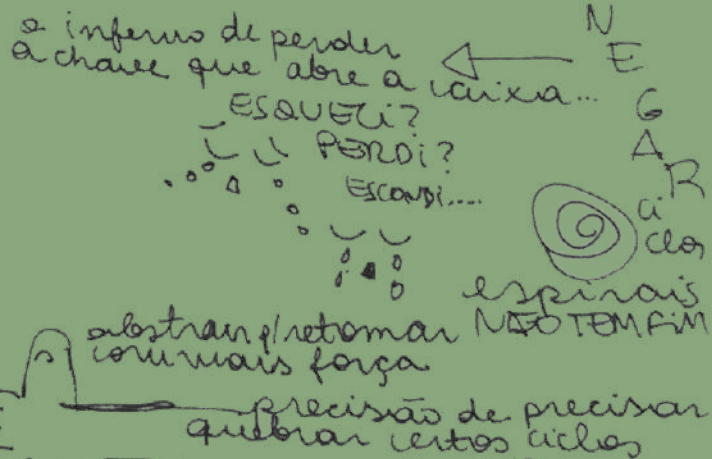
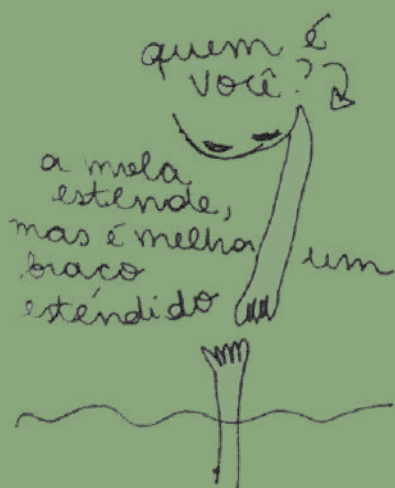
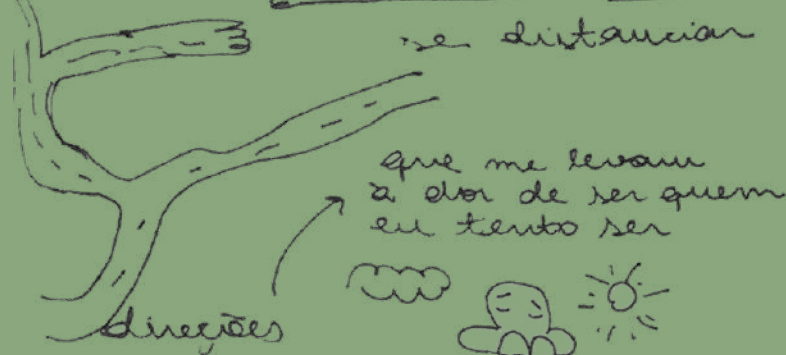
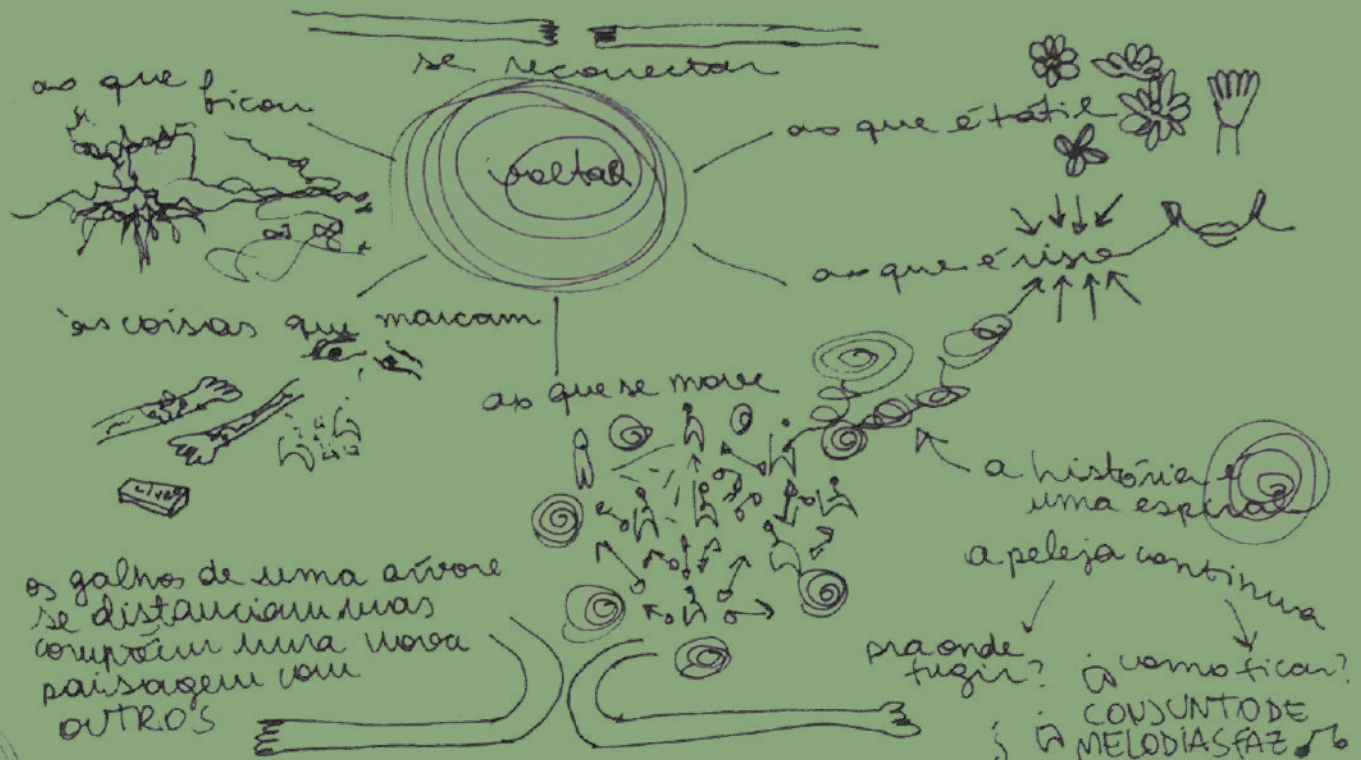
teatro pobre - grotowski
 brecht
 extracotidiano - eugenio barba
 artaud - teatro da crueldade



FLUXOS DE PENSAMENTO



inserir as formas de se portar
de escrever
retomar -> que se perder



de quem é essa mão?

puxa estica dói e volta de novo

NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR
NEGAR



A
P
C

planejamento?
arquiteto e urbanista?
espaços livres pra quê?

ANTES DE MAIS NADA...

Este capítulo pretende introduzir o leitor nos temas relacionados a planejamento urbano e direito à cidade – melhor explicados anteriormente na seção de metodologia –, relacionando-os com o papel do arquiteto e o contexto de Fortaleza. Além disso, também busca demarcar a necessidade de se adotar outras práticas norteadoras de planejamento e projeto, a citar os sistemas de espaços livres, de Tardin (2008).

Inicialmente, utiliza-se dos trabalhos de Limonad (2019) e Souza (2002) para conceituar e refletir sobre planejamento urbano e papel do arquiteto-urbanista, passando por Santos (1978), com suas reflexões acerca de espaço urbano, e por Castells (1998) e Lefebvre (1968) a fim de compreender a questão urbana capitalista e direito à cidade, respectivamente. Diante disso, é necessário buscar em outros autores referencial sobre como essas dinâmicas se imprimem no Nordeste e em Fortaleza, a fim de dar continuidade ao raciocínio.

Seguindo para o rebatimento dessas instâncias sobre o Nordeste, Araújo (2000) aborda em seu trabalho a evolução das dinâmicas econômicas dessa região, sendo possível traçar paralelos com os com o trabalho de Pequeno e Aragão (2009), que abordam mais especificamente as realidades de Fortaleza e da nossa região metropolitana.

Compreendendo as dinâmicas de produção do espaço capitalista e entendendo a relevância do contexto da pandemia no que diz respeito ao uso de espaços públicos x distanciamento social, ba-

-seia-se na tese de Tardin (2008) – que traz a perspectiva da adoção de um sistema de espaços livres como estratégia norteadora dos projetos urbanos –, e em pesquisas sobre exclusão territorial de Rolnik (1999) e lazer urbano (ROLNIK, 2000) para o levantamento de notícias relacionadas à pandemia e a elaboração de mapas que versam sobre esse impasse.

Destacam-se principalmente indicadores que dizem respeito a **renda média, infraestrutura, mobilidade urbana e áreas verdes a fim de compreender como se dá a relação entre exclusão territorial e direito à cidade**. As análises feitas intercalam-se com o referencial teórico abordado a fim de produzir reflexões sobre as implicações de se adotar os espaços livres numa triangulação com arte e cultura como estruturas centrais de partido.

o Nada continua:

[...] As coisas que não levam a nada
Têm grande importância...
Cada coisa sem préstimo
Tem seu lugar
Na poesia ou no geral [...]

(BARROS, 2010, p. 145-146)

O NADA CONTINUA

Muitos de nós estão passando por um momento atípico: a pandemia do novo coronavírus **escancara nossos problemas estruturais**, afinal como revelam dados do SUS⁴, a vítima fatal padrão da covid-19 no Brasil é **o homem negro periférico**. Apesar de o vírus não realizar um censo demográfico antes da infecção, as condições de sobrevivência (muitas vezes precárias) desse perfil o torna a estatística mais óbvia.

Em Fortaleza, os moradores que menos cumprem o isolamento social são os das **regionais I, III e V** (com taxas acima de 63%)⁵. Os principais motivos da não adesão ao isolamento são para **ir trabalhar, ir ao supermercado e às casas lotéricas, e suas principais ocupações são babás, porteiros, faxineiras e zeladores**, como revela a pesquisa feita pelo LEPEC/UFC no fim de abril⁵.

Esses deslocamentos, que carecem de estratégias do Estado para evitar aglomerações, **aliados à resposta lenta do mesmo diante a outras fragilidades**, principalmente no que diz respeito aos elementos fundamentais do direito à moradia (Comentários gerais 4º e 7º, Art.11 PIDESC)⁶ dificultam a adesão ao isolamento social e à quarentena. Isso torna a parcela de baixa renda a mais impactada pela pandemia, na qual o **percentual de óbitos chega a ser cerca de 18 vezes maior que nas áreas nobres da capital**, sendo a regional V a que concentra o maior número de mortes⁷.

Nesse ínterim, reconhecendo essas vulnerabilidades e o nosso papel profissional de

⁴ Fonte: “**Dados do SUS revelam vítima-padrão de Covid-19 no Brasil: homem pobre e negro.**” Matéria publicada no jornal Época em 3 jul. 2020.

⁵ Fonte: “**Isolamento social é menos seguido nas Regionais I, III e V da Capital**”. Matéria publicada no Diário do Nordeste em 22 abr. 2020.

⁶ São esses elementos: segurança da posse, habitabilidade, acesso a serviços e infraestrutura, localização, custo acessível, acessibilidade e adequação cultural. Disponível em: <<http://acnudh.org/wp-content/uploads/2011/06/Compilation-of-HR-instruments-and-general-comments-2009-PDHJTimor-Leste-portugues.pdf>>. Acesso em 8 ago. 2020.

⁷ Fonte: “**Periferia de Fortaleza concentra maiores taxas de letalidade pelo novo coronavírus**”. Matéria publicada no G1 CE em 1 ago. 2020.

agente modelador do espaço, escolho demarcar a importância de garantir outros locais dignos que funcionem como uma **extensão generosa da casa**⁸, onde aconteçam recepção de fluxos cotidianos e de afetações que permeiam a nossa subjetividade enquanto transeuntes e residentes, fundamental para o constante processo de **recriação e recreação** do espaço.

Pretendo trazer neste capítulo reflexões sobre o **papel do arquiteto-urbanista** na produção do espaço e de suas ações de caráter requalificador nos espaços livres, ressaltando a importância de **repensar seus lugares no projeto urbano**: entendendo-os como peça fundamental no que tange o direito à moradia e à qualidade de vida; ressignificando-os como estrutura central nesse processo de transformação conduzido pela ideia do público e do coletivo. Re-escrever o discurso urbano através da valorização das relações dinâmicas entre corpo-cidade⁹.



⁸ **#CidadesEmDisputa | As cidades e os desafios da luta popular em tempos de pandemia.** Raquel Rolnik respondendo a comentários durante Live no Youtube. Publicado em 14 jul. 2020.

⁹ "(...) no mundo em que tudo é de alguém – e ter é o verbo que faz a existência no corpo ocidental do mundo (HISSA, 2009) –, cabe pensar a rua como o território do coletivo e do compartilhamento, sem ressalvas?" (HISSA, C.V.; NOGUEIRA, M.L.M., 2013, p.57).

Com a ascensão do neoliberalismo durante esse período, as dinâmicas de migrações metropolitana e intraurbana **são também orientadas pelas lógicas excludentes de produção e de financeirização do espaço**: fuga do aluguel oneroso derivado da gentrificação, perda do poder de compra diante das crises econômicas são exemplos de razões da expansão dos processos de favelização urbana, que crescem em direção a áreas precárias, sendo estas periféricas ou centrais (PEQUENO; ARAGÃO, 2009. p.93). Dependendo do vetor de expansão e das complexidades do território estudado, o resultado das ocupações e/ou consolidação destas observado no espaço intra-urbano é diferente: em áreas mais próximas aos bairros centrais, por exemplo, observam-se processos de auto verticalização e de coabitação decorrentes do crescimento demográfico daquela população.

Diante do exposto, entende-se que de fato o espaço urbano é fruto da interação do homem e de suas técnicas com meio, portanto é instância da sociedade (SANTOS, 1988); e através da análise crítica do tempo histórico e de outras relações técnicas e sociais é possível compreender o território e verificar pistas futuras para sua conformação.

Esse tipo de organização social é complexo e dinâmico, com suas contradições sendo cada vez mais demarcadas por problemas estruturais, como o racismo, a pobreza e a violência. Criam-se contrastes profundamente desiguais impressos no espaço, tornando a tarefa de encontrar formas de tentar estabelecer um planejamento para as cidades indispensável à vida social organizada (SOUZA, 2002).

Ao tentar antever situações e propor resolução de problemas, as estratégias de planejamento urbano também possuem **caráter estruturador do espaço espaços**. Isso impõe à figura do planejador a alcunha de alguém capaz de pensar e articular ideias e ações que conciliam os mais diversos interesses e que seja capaz de promover harmonia social, buscando universalizar o direito à cidade e à moradia.

Essa tarefa requer multidisciplinaridade e participação de diversos atores para que as expectativas de todos os agentes envolvidos sejam atendidas, inclusive do social, cuja participação deve ser intrínseca aos processos de planejamento. Sobre isso, Limonad (2015) traz:

[...] os planejadores e grupos sociais envolvidos definem e trabalham na formulação das soluções e medidas a serem adotadas, sendo o planejamento implementado de forma descentralizada e focado na construção de parcerias e diálogos com a população. (LIMONAD, 2015, p. 91)

Prever participação social, des hierarquização das demandas de projeto, das figuras acadêmicas e profissionais é tarefa que vai de encontro às tendências de aceleração e mercantilização da vida. É tentar imprimir no espaço pistas de uma cidade mais democrática e justa, partindo também da subjetividade. É assumir responsabilidade diante do nosso papel profissional de agente reprodutor do espaço. Se muitos intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento apontam que a pandemia do coronavírus é o marco do início do século XXI, devemos portanto **repensar nossas cidades considerando os problemas e as prioridades concretas deste novo século**.

Compreender as dinâmicas do capitalismo tardio (MANDEL, 1978 apud SANTOS, 1988, p.10) e seus rebatimentos nos processos de financeirização e espetacularização das cidades¹⁵ foi indispensável ao início de reflexões acerca do papel dos espaços públicos e do que os vazios urbanos dentro das cidades representam¹⁶, entendendo-os enquanto expectativas (SOLÀ-MORALES, 1995 apud CAVALCANTI, 2018 p.31) e rupturas, para em seguida ir ao encontro do que Tardin (2008) aborda em sua tese de doutorado sobre **sistema de espaços livres**:

“Os espaços livres, neste marco, podem deixar de ser simplesmente áreas de futura ocupação para representar a possibilidade de **redirecionar o processo de construção do território** e atuar a favor da delimitação das condições de sua consolidação, se baseando na coerência e na complementaridade entre espaço livre e ocupado. Esta proposta brinda a possibilidade de reivindicar o papel protagonista do espaço livre como ativo na intervenção urbanística, contra posturas mais protecionistas e/ou vitimistas **frente às lógicas dominantes da ocupação.**” (TARDIN, 2008. p.19)

Essas lógicas dominantes de ocupação alteram as funções e o sentido de ser e de estar público na cidade, que vão minguando e sendo gradativamente substituídos pelo caráter e pelo modelo **privatista** de organização e de circulação nos espaços e na sociedade. Essa perda reflete diretamente em nosso modo de se deslocar pelas ruas, cujo propósito principal de ser é o de servir de conexão entre um ponto e outro.

Perde-se a noção de **estar na rua** enquanto espaço de fruição: este é o primeiro sinal de seu declínio, é sintoma desse processo de espetacularização, em que, **convertendo a vida pública em mercadoria**, condena as parcelas mais pobres a uma eterna ilegalidade.

¹⁵ Para saber mais, consultar Rolnik (2000) em “O lazer humaniza o espaço urbano”.

¹⁶ Mais a frente esse trabalho irá abordar melhor a questão dos vazios urbanos, tratando de relacioná-los com a questão da violência e com a leitura de suas configurações como espaços de liberdade para socialização e expressões artísticas.

Paradoxalmente, é diante dessa dicotomia que as cidades sobrevivem: como lugar de consumo e do consumo do lugar (LEFEBVRE, 1968). Ainda pode-se dizer sobre a cidade:

[...] é o lugar da criação, da fertilização. A cidade, o lugar da vida moderna, também, **é o espaço da arte; o lugar da vida**, contraditoriamente, é o lugar da exclusão, dos sonhos frustrados e da marginalidade. O espaço da arte é o da sua negação. Lugar do encontro, espaço inventado para a palavra, a cidade é a praça. (HISSA, 2008, p. 269).

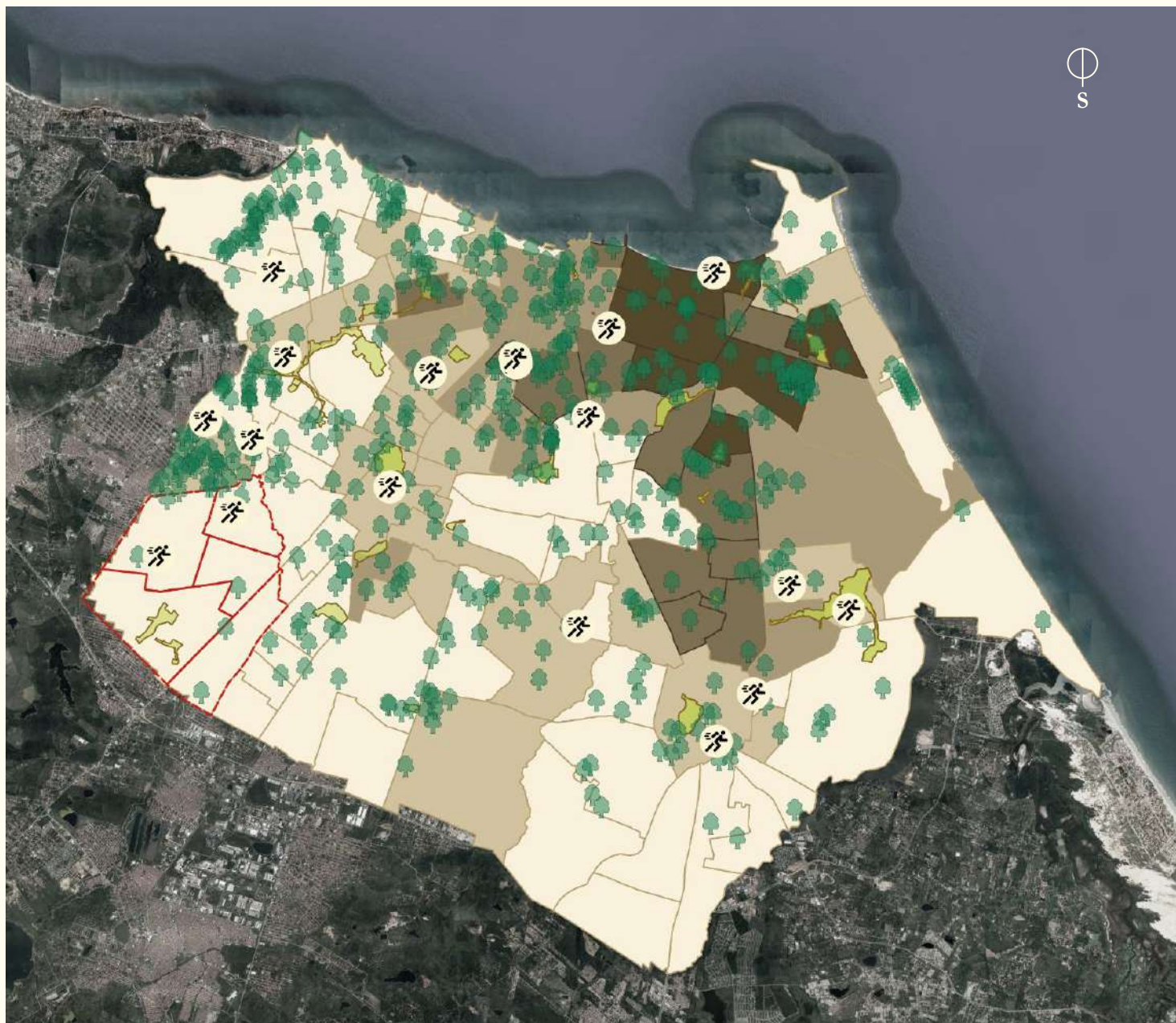
Vale salientar que em áreas mais nobres das metrópoles esse modelo de ocupação dos espaços pode ser quebrado em certa medida, uma vez que existe interesse do capital em criar e repetir símbolos para que um certo tipo de cidade passe a ser **vendido e inserido no mapa turístico-cultural mundial** (JACQUES, 2003).

A fim de verificar se infraestrutura e espaços de lazer também atuam em Fortaleza como demarcadores sociais, ou seja, se estão relacionados com renda média, levantam-se a partir de dados do IBGE sobre setor censitário e da PMFor, dados secundários sobre usos específicos do solo e mobilidade urbana para verificar onde esses indicadores estão mais concentrados na cidade, considerando principalmente o recorte expandido que será trabalhado. Os questionamentos propostos a serem respondidos são:

1. Mapa 1: Áreas verdes **implementadas**¹⁷ estão mais concentradas em que setor da cidade? Qual a distribuição dentro do Grande Bom Jardim (GBJ)?
2. Mapa 2: Onde estão localizados os principais espaços culturais e institucionais da cidade? A mobilidade urbana (transporte público) conecta o GBJ a esses espaços?
3. Mapa 3: Saneamento básico e renda média são inversamente proporcionais?

¹⁷ Nota: Resolvi adotar áreas verdes implementadas para não retratar uma falsa disponibilidade de áreas de lazer, em que parques urbanos cujas obras estão paralisadas e seus espaços estão tomados de entulhos aparecem como existentes nos dados, mas não são ocupados diante da impossibilidade.

ESCALA GRÁFICA (km)



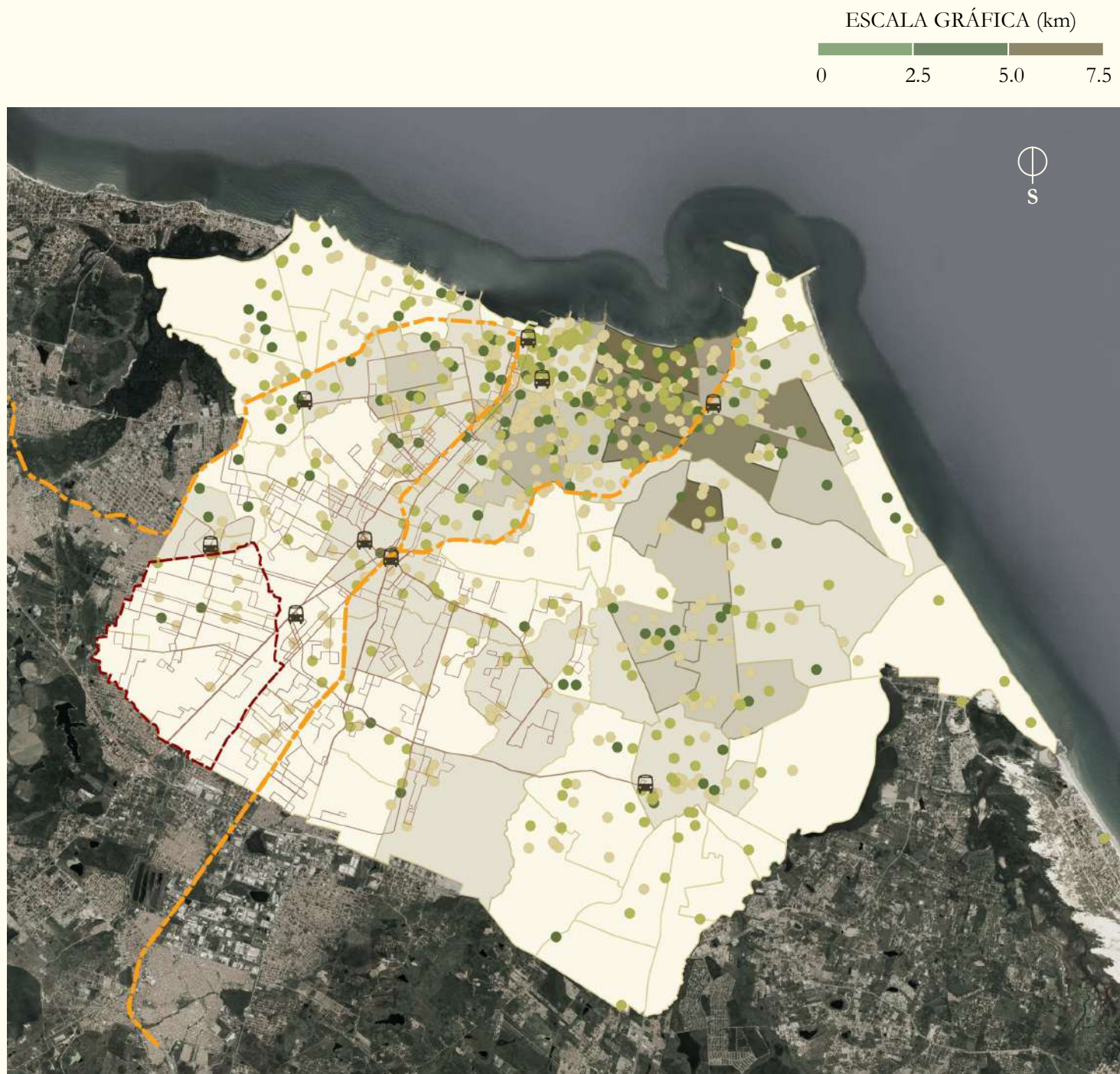
Mapa 01: Mapa de Fortaleza triangulando parques urbanos x praças e renda média dos bairros. Base de dados disponível em: <<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>>. Elaboração própria em 20 nov. 2021.

LEGENDA EQUIPAMENTOS:

- Parques propostos
- Equipamentos esportivos
- Praças
- Bairros GBJ

LEGENDA RENDA MÉDIA:

- R\$ 190,00 - R\$ 500,00
- R\$ 500,00 - R\$ 1000,00
- R\$ 1000,00 - R\$ 1500,00
- R\$ 1500,00 - R\$ 2000,00
- R\$ 2000,00 - R\$ 2500,00
- R\$ 2500,00 - R\$ 3000,00
- R\$ 3000,00 ou acima



Mapa 02: Mapa de Fortaleza triangulando equipamentos x dispositivos de mobilidade urbana no GBJ e renda média dos bairros. Base de dados disponível em: <<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>>. Elaboração própria em 28 ago. 2020.

LEGENDA EQUIPAMENTOS:

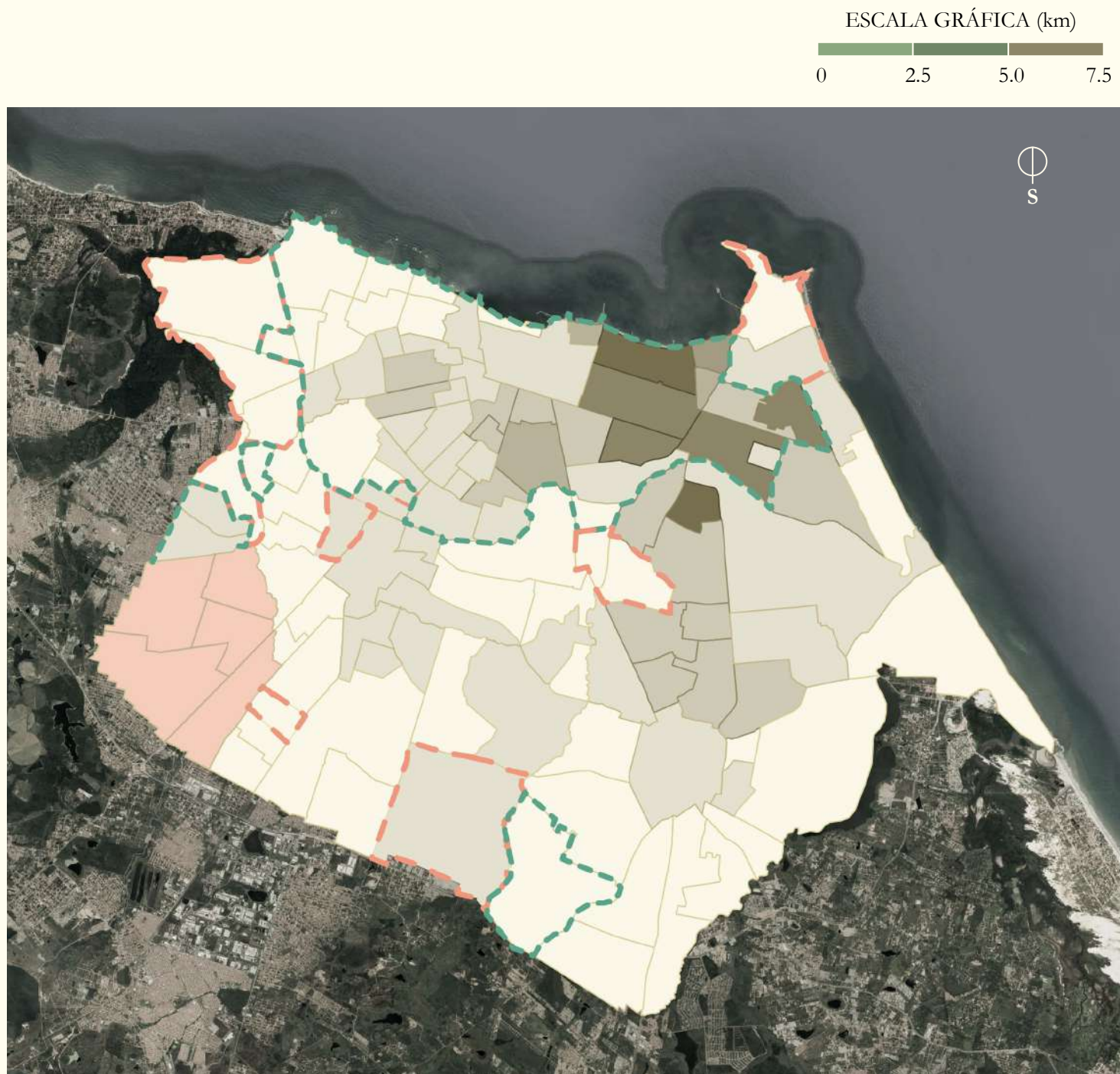
- Cultural/Lazer
- Institucional
- Desportivo
- Contorno GBJ

LEGENDA MOBILIDADE

- Linha de metrô
- Linhas de ônibus do GBJ
- Terminais de ônibus

LEGENDA RENDA MÉDIA:

- R\$ 190,00 - R\$ 500,00
- R\$ 500,00 - R\$ 1000,00
- R\$ 1000,00 - R\$ 1500,00
- R\$ 1500,00 - R\$ 2000,00
- R\$ 2000,00 - R\$ 2500,00
- R\$ 2500,00 - R\$ 3000,00
- R\$ 3000,00 ou acima



Mapa 03: **Mapa de Fortaleza cruzando acesso a saneamento básico e renda média dos bairros.** Base de dados disponível em: <<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>>. Elaboração própria em 4 set. 2020.

LEGENDA % SANEAMENTO:

- - - Região com 80% ou mais
- - - Região com 60% - 80%
- Contorno GBJ

LEGENDA RENDA MÉDIA:

- R\$ 190,00 - R\$ 500,00
- R\$ 500,00 - R\$ 1000,00
- R\$ 1000,00 - R\$ 1500,00
- R\$ 1500,00 - R\$ 2000,00
- R\$ 2000,00 - R\$ 2500,00
- R\$ 2500,00 - R\$ 3000,00
- R\$ 3000,00 ou acima

No mapa 01, verifica-se uma maior concentração nas áreas centrais/áreas mais nobres, enquanto no Grande Bom Jardim (contido na antiga regional V, atual SR12) existe um **déficit considerável desses espaços**. Isso denuncia a relação direta e cuidadosa entre espaços escolhidos para receberem investimento e disposição de espaços públicos implementados, os quais nesse momento de pandemia servem como extensão da moradia, como espaços de lazer/socialização seguros. Reconhecer a urgência em viabilizar essas áreas por toda a cidade, especialmente nas periferias, é reconhecer a humanidade e a dignidade de pessoas que necessitam de mais que apenas o básico para sobreviver: **a discussão deve ser sobre viver**.

Já no mapa 02 é possível perceber que as linhas que partem do Grande Bom Jardim chegam até o centro, mas **não fazem conexão direta** às áreas mais nobres, onde existe maior concentração de serviços institucionais e de áreas de lazer, aumentando o tempo de trajeto a esses pontos. Além disso **também pode-se verificar baixa mobilidade intraperiférica**. Uma cidade onde a mobilidade se propõe (não necessariamente com êxito) a facilitar a conexão entre casa-trabalho e não reproduz o mesmo ímpeto considerando outras dinâmicas de origem-destino, é uma cidade em que a reificação das relações de trabalho se imprime no desenho urbano. Isso impacta tanto na possibilidade de ter acesso a essas experiências urbanas, como na forma em que o indivíduo é condicionado a se locomover na cidade (ANDRADE *et al.*, 2020).

Por fim, para o mapa 03 resolvi destacar apenas regiões em que a cobertura de saneamento básico fosse superior a 60% para deixar mais claro o con-

-traste entre as áreas que tivessem maior cobertura desse tipo de serviço. Percebe-se que no **Grande Bom Jardim não há nenhum bairro destacado**, o que ajuda a explicar as altas taxas de contágio e mortalidade da covid-19 nessa área, quando o principal método de prevenção é lavar as mãos/higienizar objetos. Ainda, nota-se que a renda média não se sobrepõe linearmente à distribuição de saneamento. Há espaços periféricos com boa cobertura em contraposição à bairros do Novo Centro Expandido, denunciando que **saneamento básico está relacionado com localização territorial**: espaços que dispõem de infraestrutura recebem mais investimentos em nesse setor, num ciclo vicioso limitante e excludente.

Essa conclusão é semelhante às apresentadas no trabalho de Andrade *et al.* (2020), em que se discute e se apresentam dados referentes ao fenômeno de periferização de Fortaleza x níveis de acessibilidade aos empregos. As regiões de maior renda, conforme aponta o mapa 02 deste caderno, concentram o maior número de áreas institucionais e também, de acordo com Andrade *et al.* (2020), o maior número de oportunidades de emprego. Isso impacta diretamente nas dinâmicas de deslocamento desses indivíduos pela cidade. A consolidação de residências em áreas periféricas **reforçam as grandes distâncias** entre centro-periferia, observadas nos processos de migração pendular feitos principalmente por meio do transporte público (já sobrecarregado).

O acesso, de acordo com o recorte de classe, à essas experiências urbanas leva o nome de **exclusão territorial**, termo que possui analogia óbvia ao termo “exclusão social”, mas que abran-

¹⁸ Fonte: “**Sete linhas de ônibus são excluídas e param de circular na Capital**”. Matéria publicada em 27 ago. 2020 no Diário do Nordeste.

-ge várias deficiências acumuladas no que diz respeito ao direito à cidade, à moradia e à participação social (CASTEL, 1995; PAUGAM, 1996 apud ROLNIK, 1999, p.101). É sintoma e agente de reprodução da desigualdade socioeconômica que se retroalimenta nesse processo dialético capitalista que **favorece a assimetria social** e condena as cidades ao urbanismo incompleto, de risco²⁰.

Esse tipo de exclusão está muito **mais relacionada à violência urbana**²¹ do que a pobreza em si. O cruzamento entre os dados nos mapas anteriores produz uma sobreposição que denuncia a lógica dominante de ocupação dos espaços de Fortaleza, sendo possível depreender os rebatimentos sociológicos desses processos: construção de estigmas corporificados por seus moradores, levando à naturalização da violência institucional, da pobreza e, conseqüentemente também, do genocídio da juventude negra.

Entendo, portanto, que a **cidade dominante** é um território planejado, estratificado e técnico que **saqueia o tempo** através da aceleração e da positividade²² intensa do fazer e do produzir; sem intenção de fruição, de errância, de caminhar, de pensar outros discursos e interagir com alteridades diversas e complexas para re-escrever narrativas urbanas. Nesse sentido, a arte também serve como discurso e dispositivo do movimento constante de [re]significação da cidade e permite tensionar essa multiplicidade que habita os espaços, indo ao encontro de uma **releitura possível** do que se entende por intervenção urbana: técnicas que pressupõem a escrita de um novo tipo de discurso que consiga articular a coexistência entre malha urbana, espaços livres, potencialidades ambientais, cultura e lazer; conversando com Tardin (2008):

¹⁹ “Parou tudo no começo da pandemia e eu precisei continuar me deslocando. Por causa disso, para chegar no serviço, eu tenho que usar aplicativos de transporte. É um custo maior, impactou muito a minha rotina”. Fonte: “**Sete linhas de ônibus são excluídas e param de circular na Capital**”. Matéria publicada em 27 de agosto de 2020 no Diário do Nordeste.

²⁰ “ (...) Mas, neste caso, o urbanismo é de risco para a cidade inteira: por concentrar qualidades num espaço exíguo e impedir que elas sejam partilhadas por todos, os espaços mais bem equipados da cidade sentem-se constantemente ameaçados por cobiças imobiliárias, por congestionamentos, por assaltos.” (ROLNIK, 1999, p. 100).

²¹ Para saber mais, ler Rolnik (1999)

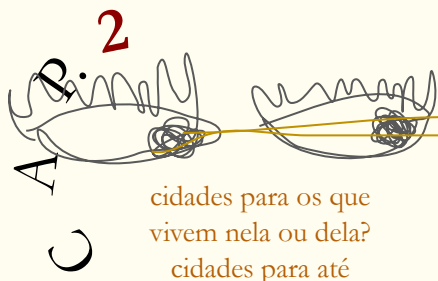
²² “[...] O excesso de **positividade** se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção.” (HAN, 2015. p.14, grifo nosso).

"Entender o não ocupado junto ao ocupado, salva-guardando a primazia dos valores coletivos, como pontos fixos das decisões de ordenação da paisagem, com ênfase na constituição de um sistema de espaços livres diretamente relacionado com o sistema de infra-estruturas e de assentamentos." (TARDIN, 2010. p.9-10, grifo nosso).

Dessa forma, ao pretender criar espaços de possibilidades plurais da vida pública cotidiana, que levem a construção dessa **urbanidade**²⁴ **de potência**²⁵ **através dos espaços livres**, é preciso compreender melhor uma série de relações e de tensões entre estes e as dinâmicas da cidade, aproximando o olhar para o Grande Bom Jardim (GBJ) e enfim, para o recorte temático, que serão abordados nos capítulos a seguir.

²⁴ Fenômeno que envolve sociabilidade e interação entre os diversos atores e suas linguagens comunicadas livremente nos espaços, ou seja, é **resultado e condição** da integração, construção, expressão e experiência social (NETTO, 2013). Se a urbanidade, de acordo com esse autor, é condição que viabiliza a expressão máxima das alteridades, então essa é [por definição] uma qualidade – que deve aparecer nos espaços *porvir*. Ainda segundo Netto (2013), os espaços públicos são capazes de oferecer esse potencial, contanto que sua materialidade dê vazão “ao encontro, à experiência e reconhecimento do Outro em sua alteridade e à efervescência da comunicação” (NETTO, 2013, p.254), isto é, que seja um **espaço de permissividade** em vez de impedimentos.

²⁵ Entendo potência como um desdobramento da fricção entre o agora e o outrora, que gera pulsões articuladas com a idéia do porvir a partir de faíscas que vão **lançar mundos no mundo**, ou seja, trata de denúncias de futuros derivados dessas inter-ações (ou seriam trans-ações?) ambivalentes e constantes do indivíduo com o meio, portanto futuros possíveis.



2

A
P.
C

idades para os que
vivem nela ou dela?
idades para até
quando?

SOBRE O INEVITÁVEL...

Este capítulo pretende levantar dados referentes a indicadores de IDH por setor censitário no Grande Bom Jardim (GBJ) com o intuito de verificar se as dinâmicas e os resultados apresentados nos trabalhos referenciados se aplicam sobre o território analisado. Cruzando essas informações, foi possível depreender conclusões semelhantes a dos demais autores, o que encaminha o presente trabalho a produzir reflexões sobre o tipo de cidade que se está encaminhando e quais são estratégias possíveis de atuação dentro dessa lógica excludente em sua raiz.

Para tal, vale-se dos trabalhos de Pereira (2019), de Silva e Freitas (2018), de Jacques (2008) e de Tardin (2008, 2010), que versam sobre a adoção de outras epistemologias e de outras prioridades como partidos de projeto. Estas serão melhor elucidadas ao longo do capítulo.

uma Receita legal

Há muitas maneiras de matar uma pessoa: cravando um punhal, tirando o pão, não tratando sua doença, condenando à miséria, fazendo trabalhar até arrebentar, impelindo ao suicídio, enviando para a guerra etc. Só a primeira é proibida por nosso Estado.

Frase atribuída ao dramaturgo Bertold Brecht.

DESATANDO O NÓ

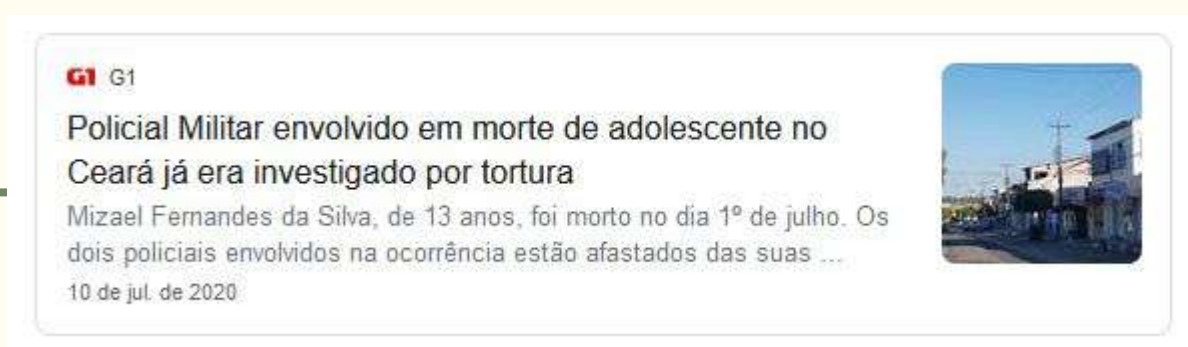
Ao tratar de territórios periféricos, pressupõe-se que a temática da violência seja abordada como eixo central de discussão, dados os processos de construção de um imaginário coletivo pejorativo sobre esses lugares. Quando dotados de novos sentidos, afetos e experiências impostas por agentes sociais que detêm o poder de nomear novos mundos (BOURDIEU, 2001 apud PAIVA, 2015, p. 279), passam a ser institucionalmente estigmatizados e invadidos por tecnologias amplificadas do Estado e da sociedade de repressão e de opressão. Se o Ceará detém o posto de **segundo estado mais perigoso para a juventude e o terceiro mais violento do país segundo**, dados trazidos pela Edição especial do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2018, a discussão não deveria ser sobre violência, mas sobre a naturalização da morte como elemento estruturante de um lugar violento – adjetivo este que serve para amenizar as marcas gravadas com o ferretes da necropolítica estatal sob os corpos que habitam as margens.

²⁸ Figura 01: **Policial Militar envolvido em morte de adolescente no Ceará já era investigado por tortura.** Matéria publicada no G1 CE em 10 abr. 2020.

²⁹ Figura 02: **Homem é preso e SSPDS investigará atuação de policiais na morte de adolescente em Caucaia | Caucaia.** Matéria publicada no jornal O Povo em 6 set. 2020.

Figura 01

28



O POVO

Homem é preso e SSPDS investigará atuação de policiais na morte de adolescente em Caucaia

LEIA MAIS | Jovem comerciante é morto em campo de futebol em ... à Pessoa (DHPP) da Polícia Civil do Estado do Ceará (PCCE) e pela ...

1 semana atrás



Figura 02

29

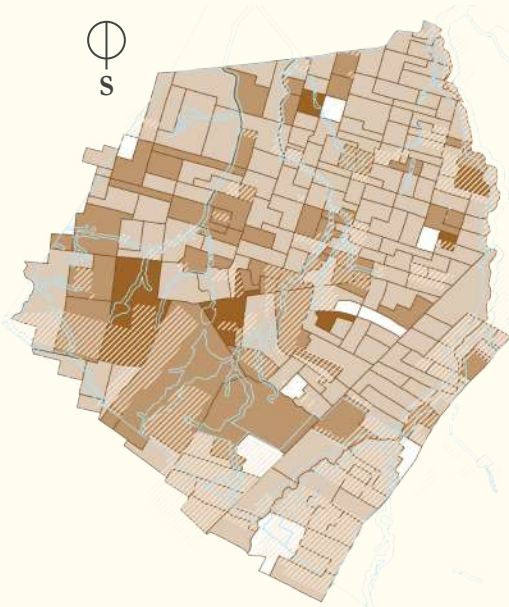
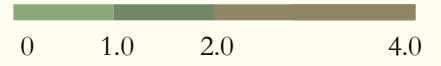
Se, de acordo com Sueli Carneiro, o dispositivo de racialidade é pauta estruturante das relações no Brasil, então as cidades e o racismo são conceitos imbricados que devem ser abordados nas discussões de arquitetura e urbanismo, a fim de compreender qual a real dimensão – isto é, impacto – do ato de projetar dentro dessa estrutura sócio-política que precariza e descarta vidas.

Tomando como base o que foi exposto, faz-se um mapeamento da situação do Grande Bom Jardim buscando verificar possíveis relações entre alguns indicadores que compõem o IDH e a composição étnica dos moradores. Para essa elaboração, utilizou-se a base de dados dos setores censitários de 2010 do IBGE.





LEGENDA GERAL

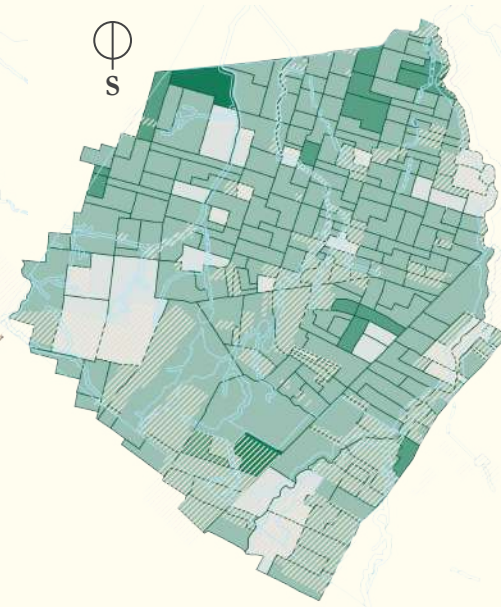
-  Corpos hídricos
-  Assentamentos precários

ESCALA GRÁFICA (km)







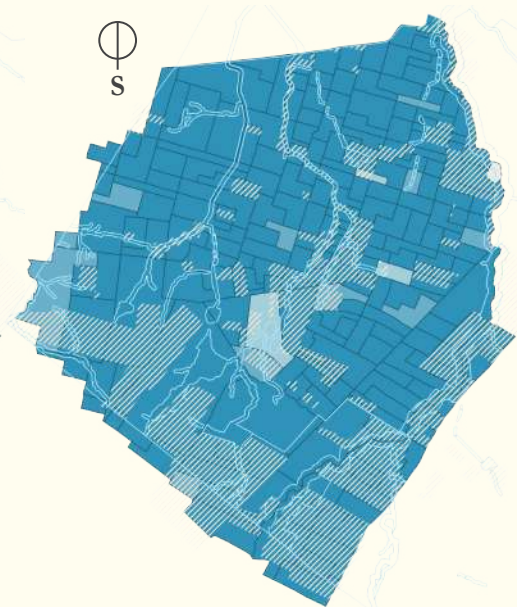
mapa 04/autora

- % população não branca (preta, parda, amarela e indígena)
-  45% - 60%
 -  60% - 75%
 -  75% - 90%
 -  90% - 100%







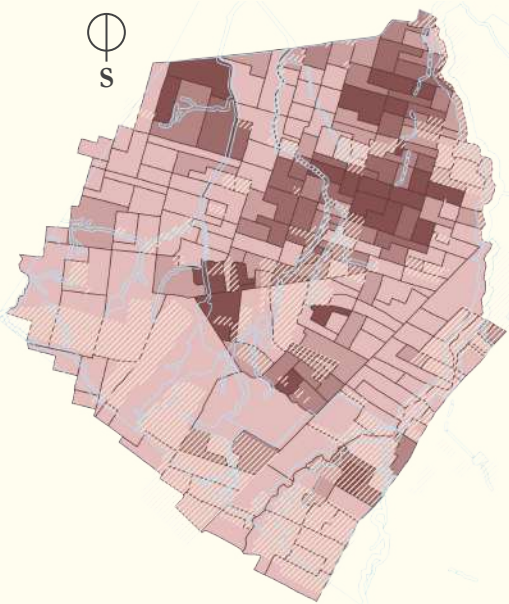
mapa 05/autora

- renda média/domicílio
-  170,00 - 400,00
 -  400,00 - 800,00
 -  800,00 - 1045,00
 -  1045,00 ou mais








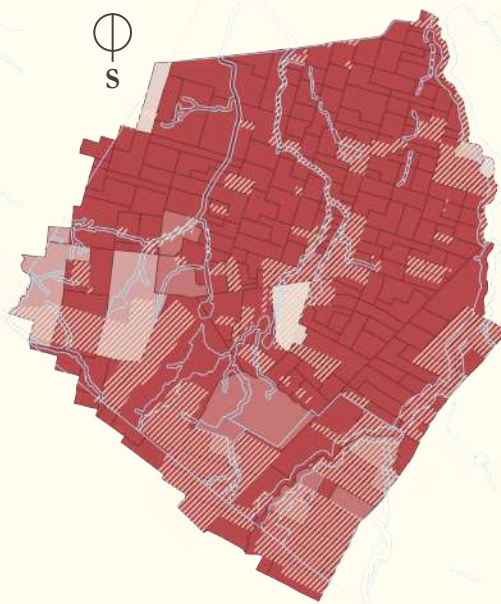
mapa 06/autora

- % abastecimento de água /domicílio
-  80% - 85%
 -  85% - 90%
 -  90% - 95%
 -  95% - 100%







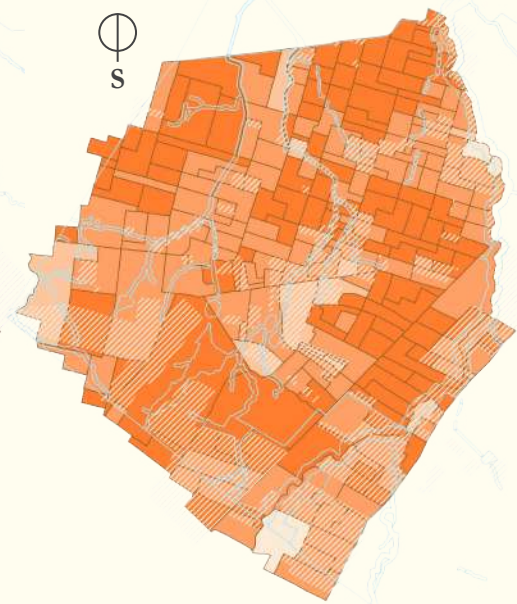
mapa 07/autora

- % saneamento básico / domicílio
-  0% - 20%
 -  20% - 40%
 -  40% - 60%
 -  60% - 80%
 -  80% - 100%







mapa 08/autora

- % coleta de lixo / domicílio
-  20% - 40%
 -  40% - 60%
 -  60% - 80%
 -  80% - 100%



mapa 09/autora

- % alfabetização (5 anos ou mais)
-  50% - 60%
 -  60% - 70%
 -  70% - 80%
 -  80% - 93%

O primeiro mapa (mapa 04) refere-se ao percentual de indivíduos não brancos (pretos, pardos, amarelos e indígenas) em relação à população total do GBJ, que é de 72% em média³⁸. Fazendo a sobreposição deste com os demais mapas, percebe-se que as áreas mais escuras são as que **geralmente possuem as piores taxas dos demais indicadores**, contraste melhor observado na porção sudoeste do mapa, que compreende os bairros Siqueira e Bom Jardim³⁹.

Também são as áreas com **maior concentração de assentamentos precários**⁴⁰ e presença mais expressiva de córregos afluentes da Bacia do Maranguapinho, os quais, aliados ao sistema precário de drenagem observado no mapa 03 apresentado no capítulo anterior e no mapa 07; conferem **pontos de vulnerabilidade ambiental**, com risco de inundação e/ou alagamento em 30 dos 80 assentamentos precários presentes no território.

É importante observar que as taxas de alfabetização da população estabelecem uma correlação de antítese praticamente perfeita entre o mapa 04 e o mapa 09, denunciando uma possível relação entre evasão escolar, raça e periferia, cujas complexidades sociológicas não serão abordadas neste trabalho⁴¹. Ainda, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019) traz um dado semelhante: **cerca de 81,5% das vítimas letais por ação policial possuíam baixa escolaridade** (fundamental completo ou incompleto).

Diante do exposto, entende-se que as situações de vulnerabilidade são questões cujas soluções definitivas pressupõem instâncias para além de

³⁸ Dado secundário produzido pela autora a partir da tabela Pessoa_03 dos setores censitários de 2010 do IBGE.

³⁹ Em 2017, o Bom Jardim foi reportado como o bairro (juntamente com o Jangurussu) em que mais jovens são assassinados. Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/bom-jardim-e-jangurussu-sao-os-bairros-de-fortaleza-onde-mais-jovens-sao-assassinados.ghtml>.

⁴⁰ Dados retirados a partir dos diagnósticos georreferenciados do PLHIS-FOR 2040. Outra informação depreendida é que metade dos assentamentos precários inseridos nessa porção do mapa possuem grau de prioridade de intervenção entre 1-5, denotando alto grau de vulnerabilidade.

⁴¹ Para saber mais, consultar Rodrigues (2014) em “Racismo e evasão escolar”.

atribuições da arquitetura e do urbanismo. Dependem de reformas de ordem social que irão reconfigurar nossas relações a partir de rupturas com essas estruturas hegemônicas de leitura e ação da vida. Os impactos positivos e negativos que nossos projetos podem desempenhar quando implementados (principalmente) em territórios periféricos devem ser considerados desde a sua concepção inicial, uma vez que **partir para uma efetivação do direito à cidade é um processo que vai além da elaboração de um diagnóstico e uma proposição, mas que perpassa "impreterivelmente pela descolonização da cidade e suas epistemologias"** (PEREIRA, 2019, p.2, grifo nosso). Sendo assim, é preciso repensar referências sobre ensino, pesquisa e atuação em nosso campo profissional se quisermos contribuir de forma efetiva para a construção de cidades que visem a emancipação e a coexistência da multiplicidade de sujeitos.

Ainda sobre o assunto, Mossab (2019) discorre em seu artigo “De que lado a arquitetura está? Reflexões sobre ensino, tecnologia, classe e relações sociais” sobre como a área da arquitetura e do urbanismo ignora historicamente o debate sobre raça e classe. Isso corrobora com a prevalência epistemológica do conhecimento ocidental e oculta rede de outras possibilidades do saber-fazer. Por exemplo, ao adotar as experiências europeias e/ou norte-americanas **como as únicas referências de atuação**, Boaventura dos Santos (2006 apud MOSSAB, 2019) afirma que desperdiçamos experiências latino-americanas riquíssimas, no tocante a grandes estruturas, que nossos ancestrais nos deixaram de legado.

Dessa forma, buscar trabalhos sobre cidades e paisagens que não se restringem a leituras de arquitetos e urbanistas configura uma tentativa de romper com interpretações tradicionais, tanto de diagnóstico como de proposição. Limonad (2015) afirma que, pautando a reprodução da vida material dentro do planejamento urbano, é possível que este sirva como instrumento de produção e reprodução de um outro tipo de espaço: público, múltiplo e social, capaz de *abrigar práticas insurgentes*.

⁴² Esse conceito será melhor abordado durante as fases projetuais, onde irei me debruçar sobre leituras mais poéticas dos espaços e das potências para aplicá-las na proposição final.

A partir da compreensão do caráter de formação que a cultura e o lazer imprimem sobre (e derivam dos) os sujeitos, este trabalho pretende ressaltar em sua fase de proposição o **engajamento em ações sociais e culturais**, que visam potencializar insurgências. Estas se fazem pela confluência de diversas manifestações cotidianas e/ou organizadas por grupos e coletivos, afinal o engajamento político e a arte são dispositivos e discursos de re-existências⁴² em territórios estigmatizados (SILVA; FREITAS, 2018).

Reconhecer como essas manifestações são reconhecíveis nas paisagens urbanas faz parte da tarefa de repensar as epistemologias tradicionais – neste caso, a hierarquização de prioridades –, resignificando-as a partir da “possibilidade de habitar, viver e projetar de acordo com as necessidades de cada pedaço do território e de suas comunidades” (TARDIN, 2010, p.6). Ou seja, reconhecer como os valores daquela comunidade são corporificados nas dinâmicas de apropriação do espaço, transformando-o de **espaço cênico para espaço encenado** (JACQUES, 2008).

Sendo assim, este trabalho adota a **triangulação entre espaços livres, cultura e lazer** por enxergá-la como potência e possibilidade de coexistência, dando vazão para as corpografias urbanas encenadas em palcos *com a rua*.⁴³ Sobre corpografias urbanas, a autora traz:

A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, que passamos a chamar de *corpografia* urbana. (...) A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados. (JACQUES, 2008, grifo da autora).

Aqui encerram-se os capítulos de denúncia como estratégias de diagnóstico e de justificativa. É fato que vulnerabilidades surgem como argumentos sólidos para proposições em nossa profissão. Entretanto, pretendo romper com esse tipo de olhar, cavando numa direção outra: a de ressaltar outras práticas e epistemologias de argumentação **a partir da adoção das potências de vida como palcos de encenação de projeto**, afinal “uma sociedade que busca sua própria emancipação deve envolver projetos parciais, coletivos: a plena urbanidade entre eles” (NETTO, 2013, p.258).

Para o encerramento dessa fase de qualificação, no capítulo a seguir serão abordadas questões mais técnicas referentes aos bairros compreendidos no recorte temático escolhido, bem como as razões que levaram à sua escolha. Pretende-se situá-los melhor dentro do contexto do Grande Bom Jardim a partir de dados quantitativos, uma abordagem mais condizente com esse momento de distanciamento social em que essa pesquisa se encontra.

⁴³ Esse conceito deriva das leituras e interpretações de vários dramaturgos sobre o que é “teatro de rua” e se uma abordagem melhor não seria “teatro com a rua”. Essas questões serão melhor abordadas durante as fases projetuais, onde irei me debruçar sobre leituras mais poéticas dos espaços e das potências para aplicá-las na proposição final.

C
A
P.
3
C

revela-se um contexto



O TEMPO REVELA...

Este capítulo trata sobre os bairros Granja Lisboa e Granja Portugal; e o recorte de intervenção. Até então foram feitas contextualizações mais gerais acerca dos temas e da macrorregião de estudo, o Grande Bom Jardim. De base das informações apreendidas, será feito um diagnóstico afunilado: passando desde a escala do GBJ, aos bairros, ao recorte expandido (macroescala) e ao recorte de intervenção (microescala).

Sobre o Grande Bom Jardim, iremos retomar dados tratados nos capítulos anteriores para contextualizar brevemente essa região dentro de Fortaleza. Em seguida, de base dos dados dos setores censitários do IBGE, serão abordadas em mapas, gráficos e tabelas, as evoluções populacional e do número de domicílios ao longo dos últimos 20 anos, estabelecendo setores para fazer comparativos. Compreendendo como se deu esse processo de expansão, essa análise busca verificar possíveis alertas que sirvam de partido para intervenções urbanísticas em espaços públicos.

Em seguida, iremos situar a Granja Lisboa e a Granja Portugal em Fortaleza, fazendo um breve resgate histórico dos seus processos de ocupação e de como se dá a relação entre suas centralidades e os demais equipamentos culturais públicos da cidade, para então avançar para a análise do setor escolhido como macroescala de estudo. Para isso, foram consultados os trabalhos de Mapurunga (2015), Veras (2017) e Sales (2004); e arquivos tipo KML e SHP disponíveis em catálogos online da prefeitura para a confecção de mapas.

Aqui busca-se compreender qual o contexto desse entorno, a partir da análise dos sistemas ambientais, dos vazios urbanos, do uso e ocupação do solo e verificando a disponibilidade de equipamentos, áreas de lazer e esportivas, praças. A caracterização da Bacia do Maranguapinho no contexto da Granja Portugal e da Granja Lisboa também constitui parte indispensável nesse capítulo, uma vez que os impactos do Projeto Rio Maranguapinho sobre esses bairros denunciam tendências de ordens ambientais e urbanísticas que dialogam com os interesses deste trabalho. Esse estudo tomou como base os trabalhos anteriores de Sales (2004) e Santos (2018); e o Diagnóstico Geo-Ambiental do Município de Fortaleza (2009).

Cruzando esses dados, foi possível verificar qual área do recorte expandido possui uma situação de fragilidade ambiental com tendências de ocupação para os próximos anos, que esteja estrategicamente localizada próxima de áreas de lazer e/ou culturais já estabelecidas e com facilidade de acesso. Dessa maneira, estabelecemos uma justificativa bem embasada para a escolha do recorte de intervenção, cujas problemáticas e potencialidades estão sintetizadas em uma tabela final – a ser utilizada como diretriz primeira para a fase projetual.

tentativa de descancelar o Futuro:

[...] A questão crucial torna-se então como construir uma contra-força socialmente efetiva, capaz de produzir instituições que revitalizem o espaço público e politizem questões que a governança neoliberal invisibiliza ao empurrar para o terreno do privado, do puramente pessoal.

Comentários de Marques e Gonsalvez sobre Mark Fisher no posfácio de Realismo Capitalista, p.188. 2 ed. (2020).

CIDADES INVISÍVEIS

Antes de dar início à uma contextualização mais direcionada, faz-se necessário analisar processos de ocupação dentro do território do Grande Bom Jardim **de modo a melhor fundamentar a escolha do recorte de intervenção.**

Os mapas a seguir têm a intenção de revelar a evolução do adensamento em domicílios e populacional ao longo de duas décadas no território do Grande Bom Jardim, **a fim de fornecer subsídios para a compreensão de tendências de expansão e de alertas que possam servir de partido para intervenções urbanísticas** – no caso deste trabalho, requalificação de terrenos baldios. Busca-se compreender, através da modelagem da informação, se há **algum alerta que justifique uma proposição dessa ordem.**

Para a elaboração destes mapas, utilizou-se a base de dados do IBGE por setor censitário dos anos 1991, 2000 e 2010, o software Qgis para a produção de informações visuais georreferenciadas e o Excel para a produção de gráficos e tabelas. Esse processo foi dividido nas seguintes etapas:

etapa 01: catalogação de dados relevantes para análise;

etapa 02: georreferenciamento e extrapolação de dados tabulares e em shape;

etapa 03: exportação dos dados.

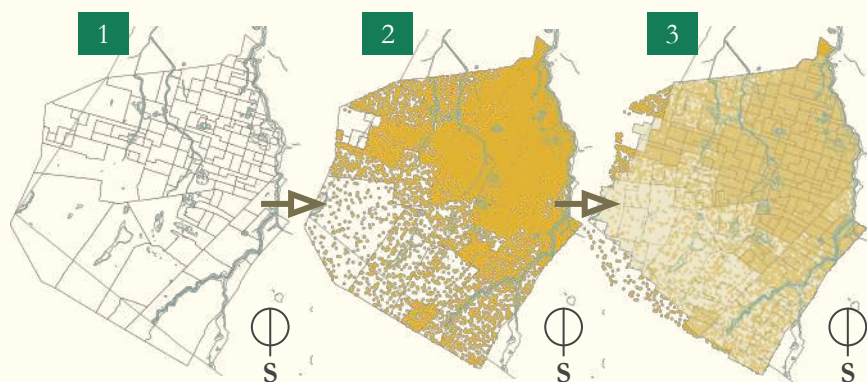
A etapa 01 foi a mais simples de ser executada. A escolha por esse espaço amostral de tempo se deu diante da disponibilidade restrita de dados. Foi possível depreender bastante informação dos ma-

-teriais produzidos, mas entende-se que para um estudo mais preciso seria necessário expandir esse intervalo. A análise a ser realizada pressupunha dados quantitativos em número absoluto e em percentual a fim de **estabelecer comparativos**. Para tal, foi preciso fazer extrapolações devido a mudanças na geometria dos setores censitários de um ano para outro.

Na etapa 02, combinei os dados de 1991 e 2000 com os setores censitários de 2010 a fim de estabelecer comparativos mais claros. Essa etapa realizada dentro do Qgis foi dividida em dois processos: população de pontos e investigação por polígono.

A partir dos shapes de 1991 e 2000, por meio da **ferramenta de pontos aleatórios no polígono**, o software posiciona pontos correspondentes ao quantitativo do atributo selecionado dentro da geometria. No caso deste trabalho, essa nova camada de pontos pode ser entendida como o quantitativo de domicílios ou populacional (a depender do que foi selecionado na hora do cálculo) para cada setor censitário da época.

Como os limites entre cada setor mudam entre os períodos analisados, é preciso **investigar a posição destes pontos dentro da geometria** que servirá como base para análise – no caso, o shape de setores censitários de 2010, por estarem mais completos –, para então excluir aqueles que se encontram fora das novas delimitações estabelecidas e incorporar os dados de anos anteriores. O esquema 01 abaixo demonstra um exemplo desse processo de extrapolação feito entre os domicílios de 1991 e 2010:



esquema 01/autora

extrapolação de domicílios entre 1991 - 2010
(IBGE)

1. setores censitários 1991
2. quantidade extrapolada de domicílios em 1991 por setor censitário
3. sobreposição desses pontos com a geometria de 2010

Com essas informações incorporadas⁴⁴, foi possível partir para a etapa 03. Nessa etapa final, esses novos dados foram exportados em .CSV para que o Excel produzisse gráficos de linhas, facilitando a leitura de como se deu o crescimento populacional e de domicílios ao longo dos anos analisados. As colunas exportadas foram:





shape de domicílios: quantidade de domicílios em 1991, quantidade de domicílios em 2000, quantidade de domicílios em 2010, diferença entre os domicílios de 2000 e 1991, diferença entre os domicílios de 2010 e 2000 e diferença entre os domicílios de 2010 e 1991.

shape populacional: população total em 1991, população total em 2000, população total em 2010, diferença entre a população total de 2000 e 1991, diferença entre a população total de 2010 e 2000 e diferença entre a população total de 2010 e 1991.

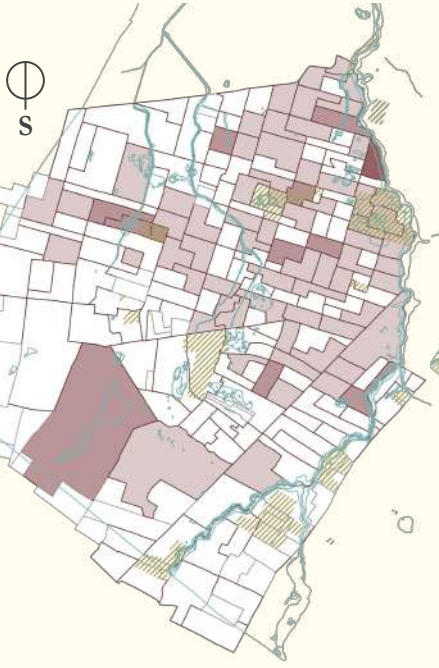
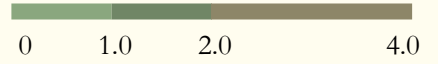
Dessa forma, foi possível produzir mapas que conduzam uma análise evolutiva coerente do espaço estudado, conforme consta a seguir.

⁴⁴ Informações incorporadas neste trabalho significa informações de shapex diferentes que agora estão na mesma tabela de atributos.

LEGENDA GERAL

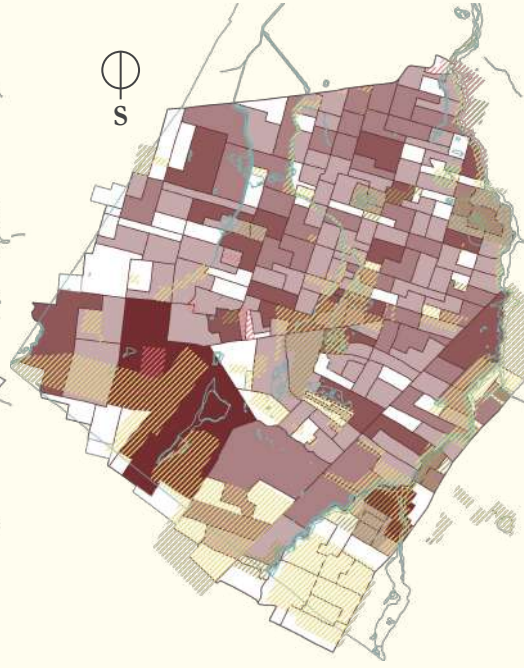
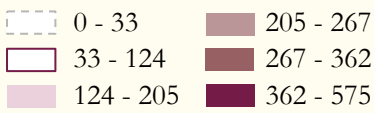
-  Corpos hídricos
-  Assentamentos precários em 1991 (IBGE)
-  Assentamentos precários a partir de 2000 (IBGE)
-  Assentamentos precários sem informação sobre origem (IBGE)

ESCALA GRÁFICA (km)



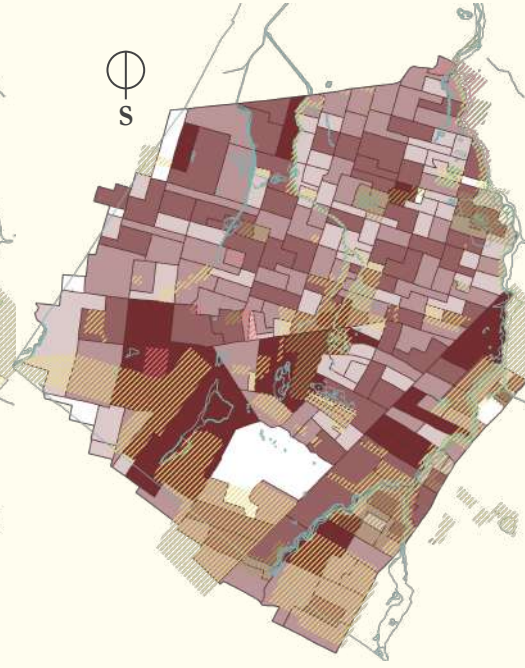
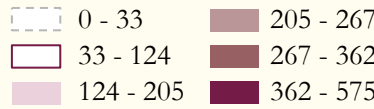
mapa 10/autora

dom. existentes em 1991 (IBGE)



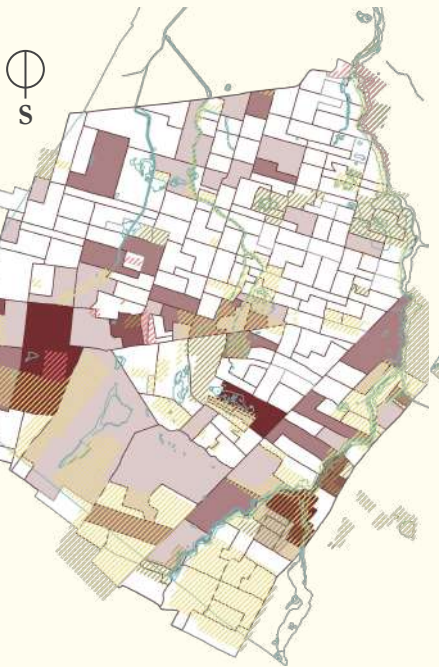
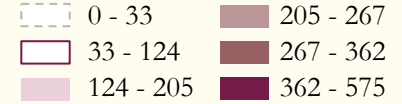
mapa 11/autora

dom. existentes em 2000 (IBGE)



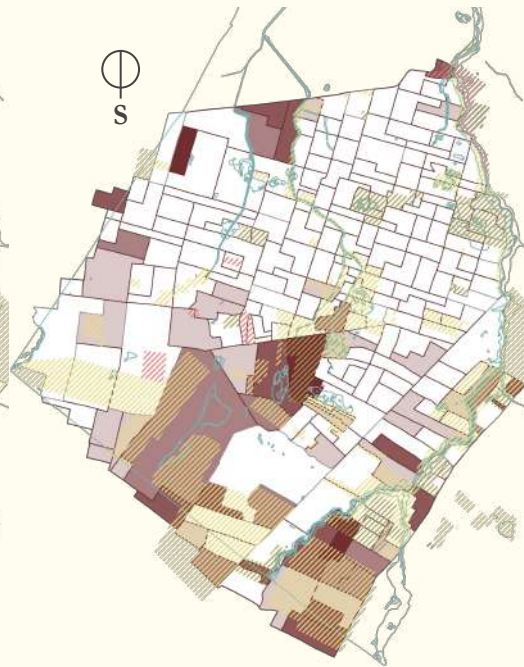
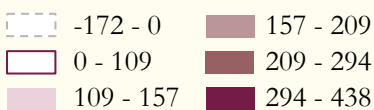
mapa 12/autora

dom. existentes em 2010 (IBGE)



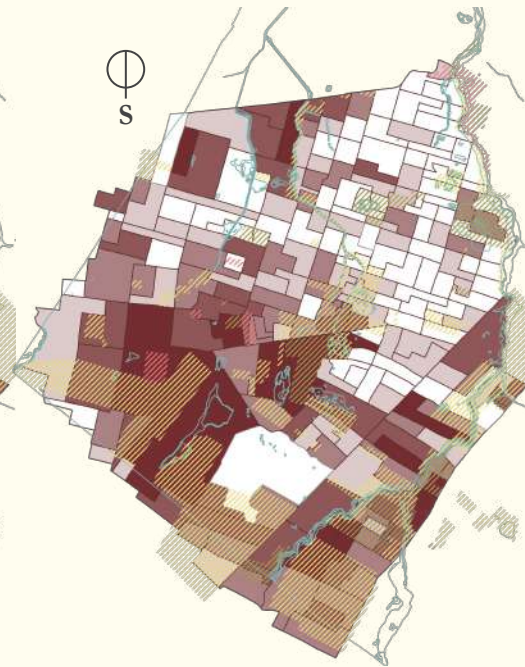
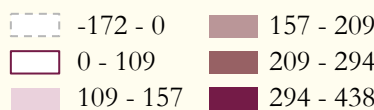
mapa 13/autora

nº de dom. entre 1991 e 2000 (IBGE)



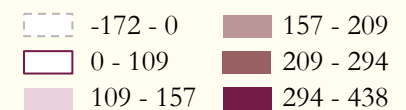
mapa 14/autora

nº de dom. entre 2000 e 2010 (IBGE)

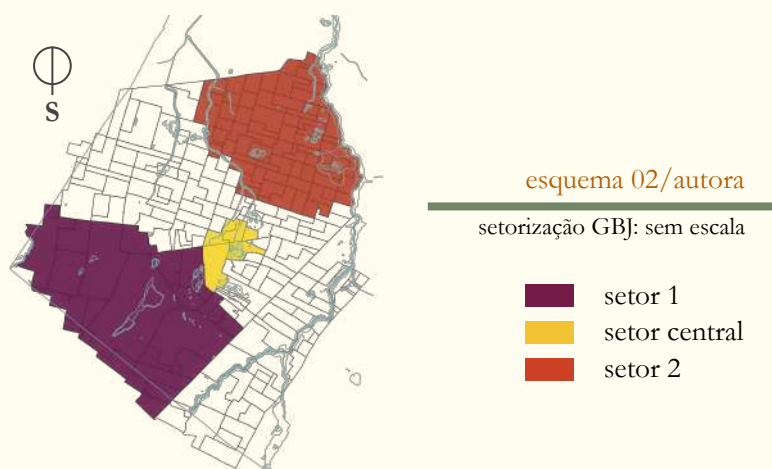


mapa 15/autora

nº de dom. entre 1991 e 2010 (IBGE)



Os três primeiros mapas apontam a distribuição espacial por setor censitário da quantidade de domicílios presentes no GBJ entre os anos 1991, 2000 e 2010 respectivamente. Após verificar no contexto geral como se deu essa evolução em número absoluto de domicílios, resolveu-se destacar três setores principais (setor 1, setor 2 e setor central) para uma análise mais orientada, mostrados no esquema 02 abaixo. Com isso, pretende-se inferir um certo grau de organização a fim de verificar as particularidades de crescimento nesses pontos, **comparando com o território como um todo e verificando tendências.**



Percebe-se que entre 1991 e 2000, conforme aponta o mapa 13, houve um adensamento residencial e surgimento de novos assentamentos precários na parte mais periférica da região (sul e sudoeste). A quantidade de domicílios saltou de 22 532 para 38 372, configurando um **crescimento de 70,30% em número absoluto**. Entre 2000 e 2010, o salto foi de 38 372 domicílios para 57 181, o que dá um **crescimento de 49% em número absoluto**, revelando uma desaceleração na taxa. Isso pode indicar que no primeiro intervalo houve alguma externalidade, como explicam Pequeno e Aragão (2009) sobre os processos migratórios da Região Metropolitana de Fortaleza (RMFor) para as periferias da capital.

Além disso, é possível verificar entre 2000 e 2010 um crescimento mais distribuído pelo território, em que a mesma porção sul-sudoeste permanece em maior contraste em relação às demais. Esses valores estão sistematizados na tabela 01 abaixo:

⁴⁵ Verificar os mapas 04 a 09 apresentados no capítulo anterior.

LOCALIZAÇÃO	dom_1 991	dom_2 000	dom_ 2010	1991- 2000	2000- 2010
GBJ	22 532	38 372	57 181	70,3%	49%

tabela 01/autora

número de domicílios no GBJ
+ taxa de evolução

Por fim, comparando os quantitativos de evolução ao longo das duas décadas, nota-se que a consolidação se deu em sua maior parte nas áreas cujos índices relacionados ao IDH⁴⁵ são os piores e ao longo do percurso de córregos, principalmente ao longo do curso do Rio Maranguapinho, com um aumento expressivo da quantidade de assentamentos precários (em cerca de 80, segundo dados do PLHIS-FOR 2015). Em relação aos demais setores, o gráfico 01 abaixo aponta como se deu o crescimento entre **1991, 2000 e 2010 por setor**.

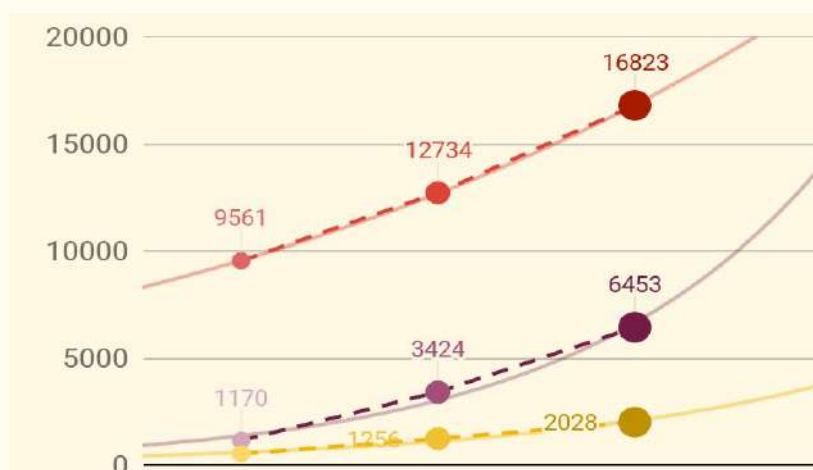


gráfico 01/autora

crescimento em n° absoluto do total de domicílios entre os anos 1991, 2000 e 2010 nos setores destacados previamente

■ setor 1
■ setor central
■ setor 2

As linhas mais claras representam tendências de crescimento com base nos anos anteriores. Nota-se que, apesar de ter os maiores números absolutos, o setor 2 apresenta um ritmo de crescimento **menos acelerado** que o setor 1, o

qual apresentou uma taxa de aumento de 192% e 88% ao longo dos dois intervalos, contra 33% e 27% do setor 2. O setor central apresentou as seguintes porcentagens: entre 1991 e 2000, houve um aumento de 130% e entre 2000 e 2010, 61%; o que pode nos revelar tendências de dinâmicas distintas a depender da sobreposição desses dados com as taxas e tendências de crescimento populacional. Esses valores estão sistematizados na tabela 02 abaixo.

LOCALIZAÇÃO	dom_1 991	dom_2 000	dom_ 2010	1991- 2000	2000- 2010
SETOR 1	1170	3424	6453	192%	88%
SETOR 2	9561	12 734	16 823	33%	27%
SETOR CENTRAL	544	1256	2028	130%	61%

tabela 02/autora

número de domicílios em cada
setor + taxa de evolução

A fim de **tentar compreender processos de expansão e, então, antecipar cenários de ocupação**, este trabalho também fez um levantamento de quantidade populacional ao longo do mesmo intervalo de tempo. Dessa forma, será possível realizar análises mais coerentes e sistematizar problemáticas e potencialidades em uma tabela final.

LEGENDA GERAL

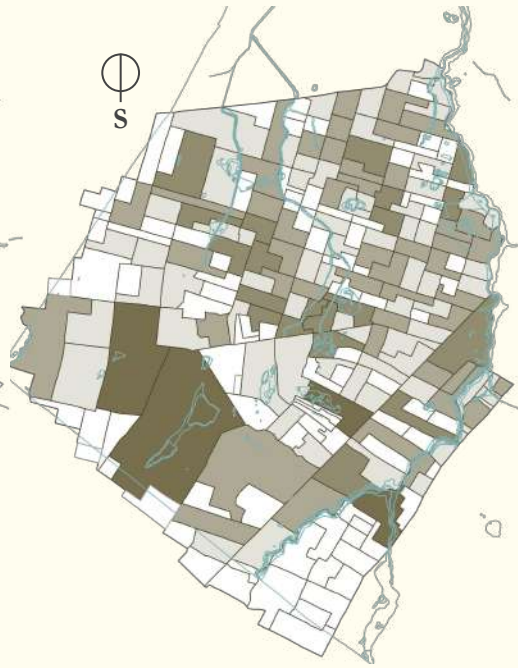
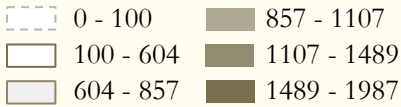
— Corpos hídricos

ESCALA GRÁFICA (km)



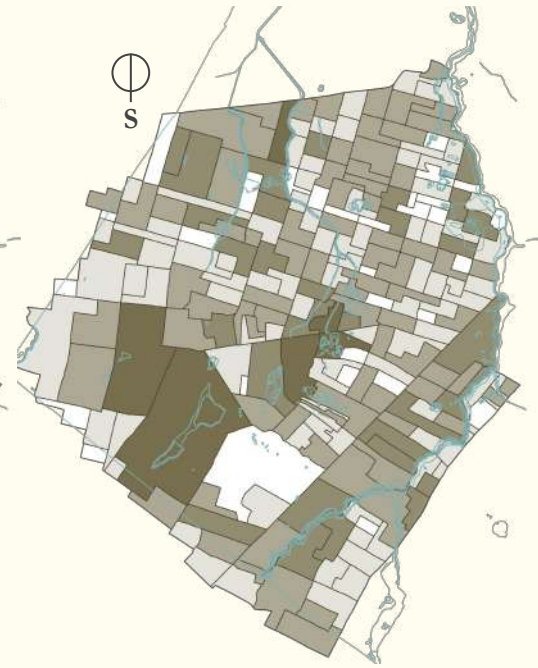
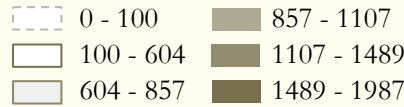
mapa 16/autora

população existente em 1991
(IBGE)



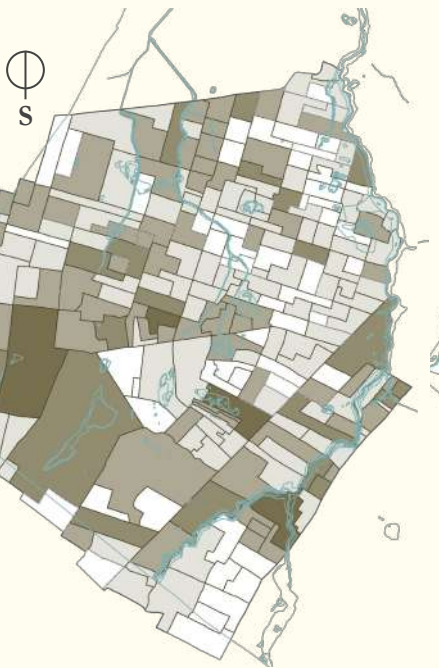
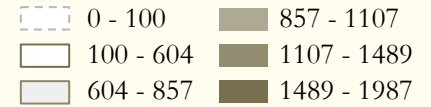
mapa 17/autora

população existente em 2000
(IBGE)



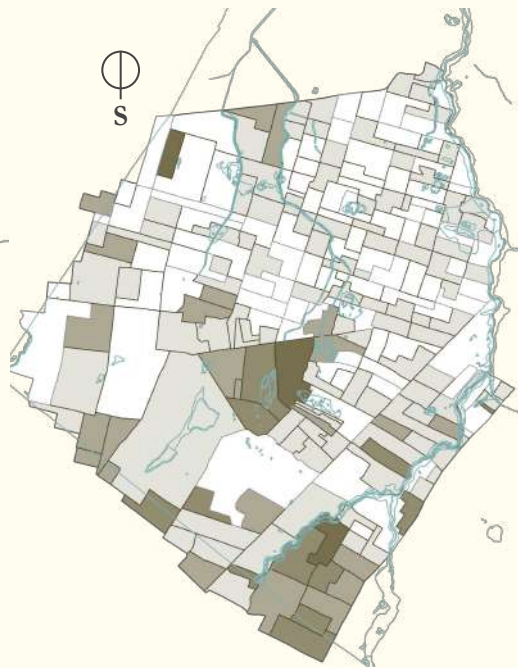
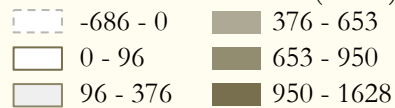
mapa 18/autora

população existente em 2010 (IBGE)



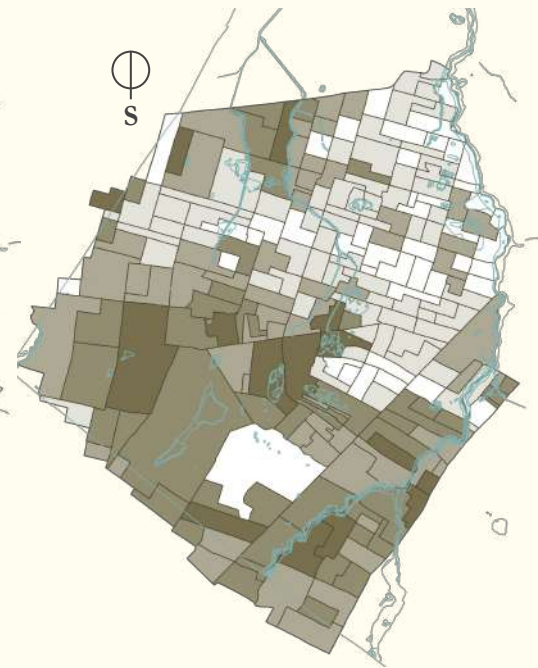
mapa 19/autora

crescimento pop. entre 1991 e 2000
(IBGE)



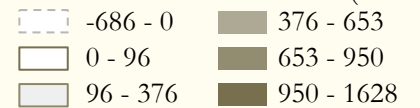
mapa 20/autora

crescimento pop. entre 2000 e 2010
(IBGE)



mapa 21/autora

crescimento pop. entre 1991 e 2010
(IBGE)



Os três primeiros mapas apontam a distribuição espacial por setor censitário da quantidade populacional presente no GBJ entre os anos 1991, 2000 e 2010 respectivamente. Observando o [mapa 19](#), nota-se que entre 1991 e 2000 houve um vetor de crescimento semelhante ao de domicílios em direção sul-sudeste, onde agora não há mais nenhum setor desocupado. A população saltou de 105 867 pessoas para 166 163 pessoas, **configurando um crescimento de 56,95%**. Já entre 2000 e 2010, a população **creceu 24,24%**, revelando também uma tendência de desaceleração. Esses valores estão sistematizados na [tabela 03](#) abaixo.

LOCALIZAÇÃO	pop_1991	pop_2000	pop_2010	1991-2000	2000-2010
GBJ	105 867	166 163	206 455	56,95%	24,24%

tabela 03/autora

número de domicílios no Grande Bom Jardim + taxa de evolução

Comparando com os dados referentes aos domicílios, percebe-se que de maneira geral a população vem crescendo em velocidade menor, denotando um processo de expansão **ainda horizontal de ocupação** das áreas livres do território. No entanto, será feita uma análise setORIZADA, pois esta permite verificar melhor possíveis particularidades. O [gráfico 02](#) abaixo nos permite observar um panorama geral.



gráfico 02/autora

crescimento em nº absoluto do total de domicílios entre os anos 1991, 2000 e 2010 nos setores destacados previamente

- setor 1
- setor central
- setor 2

A tabela 04 abaixo sistematiza os dados referentes aos setores nos anos analisados:

LOCALIZAÇÃO	pop_1991	pop_2000	pop_2010	1991-2000	2000-2010
SETOR 1	5613	17 705	23 414	215%	32%
SETOR 2	44 618	52 397	61 410	17%	17%
SETOR CENTRAL	2394	5133	7809	114%	52%

⁴⁶ Para verificar isto, será necessário analisar outros parâmetros e relacioná-los com levantamentos de população e de domicílio dos próximos anos.

tabela 04/autora

número de domicílios em cada setor + taxa de evolução

Em 1991, alguns dos setores correspondentes ao de 2010 hoje sequer eram ocupados. Havia uma concentração populacional maior na região nordeste do território (setor 2), com 44 618 pessoas no total, enquanto no setor 1, a quantidade era de apenas 5613 pessoas. Em 2000, o setor 1 conta com 17 705 pessoas e o 2, com 52 397. **Isso revela uma taxa de crescimento populacional muito superior do primeiro (com 215%) em relação ao segundo (com 17%) em um curto período de tempo, ultrapassando sua taxa de crescimento em domicílios (192% para o mesmo período).**

Por sua vez, o setor central apresentou um crescimento de 114% entre os anos de 1991 e 2000, taxa superior à média de crescimento populacional do território (56,95%), mas abaixo da sua média de crescimento em domicílios (130%). Entre 2000 e 2010, sua população cresceu 52% e os domicílios 61%, **o que pode significar uma tendência de saturação na ocupação do solo**⁴⁶. Dessa forma, depreende-se que, nesse intervalo observado, **o setor 1, ao contrário do comportamento da média territorial, cresce mais em população do que em domicílios.** Nesse período, sua média de habitantes/domicílio salta de 4,8 para 5,2.

Entre 2000 e 2010, houve uma desaceleração nas taxas de crescimento, mas ainda em consonância com os dados referentes aos domicílios, o setor 1 também demonstra uma **tendência mais acentuada que a dos demais setores**. A população do setor 2 teve um aumento linear de 17% entre os dois intervalos de tempo. Essa parcela do território também corresponde à região com os melhores indicadores relacionados ao IDH⁴⁷ e à região cujas margens dos córregos estão menos ocupadas⁴⁸.

⁴⁷ Verificar os mapas 04 a 09 apresentados no capítulo anterior.

⁴⁸ Verificar os mapas 10 a 12 apresentados neste capítulo.

Diante dos processos extensivos de ocupação em áreas ambientalmente frágeis, é possível verificar potencialidades de intervenção, no tocante a espaços livres, dentro de áreas compreendidas no setor 2 – que compreende parte dos bairros Granja Lisboa e Granja Portugal. Sobre esse processo de urbanização desequilibrada que acontece em Fortaleza, Freitas (2004) traz:

“[...] As ruas são locadas nas áreas mais altas, enquanto os baixios e os cursos d’água se transformam numa terra sem dono, que abriga lixo, atividades ilícitas como tráfico de drogas, e muitas vezes, famílias desabrigadas. Como essas áreas são doadas para o governo sob a forma de “área verde”, e **o governo local não possui vontade política ou recursos suficiente para urbanizar e fiscalizar estes espaços**, eles são alvo de invasão por aquelas famílias que não possuem acesso financeiro ao mercado formal de terras. [...]” (FREITAS, 2004, p.10, grifo nosso).

Portanto, tomando as tendências e as problemáticas expostas como partido, este trabalho **adota uma série de vazios urbanos localizados no setor 2** como recorte de intervenção, cuja caracterização mais orientada se dará ao longo do capítulo.

DE GRANJA EM GRANJA

A Granja Lisboa e a Granja Portugal são bairros localizados **na periferia sudoeste de Fortaleza**, dentro da região do Grande Bom Jardim. Juntos possuem, de acordo com os dados de 2010 do IBGE, uma população em torno de 93 400 pessoas, cerca de 45,25% do total do GBJ. Além disso, os indicadores de saneamento básico, renda média, coleta de lixo e taxa de alfabetização são ou superiores ou muito próximos à média geral do território, conforme demonstra a tabela 05 abaixo:

LOCALI-ZAÇÃO	san_ básico	renda_ média	coleta_ lixo	taxa_ alf.	abast_ água	pop_ 2010
GBJ	30,80%	R\$ 547,27	95,70%	79,31%	98,05%	206 455
GLISBOA	23,8%	R\$ 559,87	95,40%	79,50%	98,55%	53 795
G. PORTUGAL	45,11%	R\$ 561,20	96,21%	77,95%	97,33%	39 617

tabela 05/autora

indicadores de IDH (IBGE 2010) da Granja Lisboa, Granja Portugal e do GBJ.

Em relação ao IDH geral, **ambos os bairros apresentam índices muito baixos**: 0,19 para a Granja Portugal e 0,17 para a Granja Lisboa, não diferindo muito da média do Grande Bom Jardim, que é de 0,16. Estabelecendo um comparativo com as áreas nobres⁴⁹ da cidade, a média de IDH dessa região é cerca de 4,5 vezes maior que a dos bairros acima descritos.

A ocupação da área do Grande Bom Jardim se deu com os processos de **loteamento de fazendas dessa região pela imobiliária da família Gentil no final da década de 50**, destinados aos sertanejos que fugiam da seca e buscavam emprego nas indústrias recém instaladas na capital (MAPURUNGA, 2015). A compra do loteamento, no final da década, do comerciante José Augusto Torres Portugal deu origem ao bair-

⁴⁹ Para estabelecer tal delimitação, utilizamos os bairros com maior renda média, conforme apresentado nos mapas 01 a 03 do primeiro capítulo deste trabalho. São eles: Aldeota, Papicu, Varjota, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Praia de Iracema, Mucuripe, Meireles, Cidade 2000 e Joaquim Távora.

-ro Granja Portugal. Cerca de duas décadas depois, Souza (1978) citado por Sales (2004) afirma que a região passa a ser reconhecida como uma área de expansão e recebe infraestrutura decorrente da construção de dois conjuntos habitacionais do BNH na área, próximos ao Rio Maranguapinho: Conjunto Ceará e o Marechal Rondon. Isso provocou mudanças no tecido urbano de Fortaleza: diante do adensamento progressivo da área, **as margens do rio passam a ser vistas pela população de baixa renda como um meio de integrar-se, ainda que informalmente, à cidade.** Além disso, o adensamento populacional acaba favorecendo os processos de conurbação com o município de Caucaia.

Tem seus limites a norte o bairro Conjunto Ceará, a leste o Rio Maranguapinho – e o Bonsucesso –, a oeste a Granja Lisboa; e a sul, o Bom Jardim. Em 2013, já em articulação com a Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável (Rede DLIS) do GBJ, o **Fórum de Lutas da Granja Portugal** encontra reforço para atuar pela defesa do projeto da Praça da Juventude, que será melhor descrito adiante; bem como em outras ações que careçam de fortalecimento para pressionar e viabilizar as demandas da comunidade (VERAS, 2017).

Além do Fórum de Lutas, a comunidade também conta com a **organização SOLIDU e o projeto SOLIART**, uma proposta de organização que tem início em 2001 e gira em torno dos princípios da economia solidária. De acordo com o site oficial do projeto, o grupo sentiu necessidade de uma sede física para instalar as unidades produtivas de confecção e realizar reuniões.

Então, cerca de 35 mulheres ocuparam um prédio abandonado na rua Maria Júlia onde passou a funcionar a antiga sede do projeto⁵⁰, que tem como objetivos fomentar geração de renda, inclusão social e valorização da cultura através da realização de cursos, confecção e comercialização de roupas e bordados⁵¹, organização de feiras e demais eventos comunitários, entre outros.

Em relação à Granja Lisboa, houve **difficuldade para reunir dados históricos sobre o bairro**. Pesquisas nos repositórios da UFC e da UECE nos revelam trabalhos que apenas *tangenciam* o local de interesse. Tem como seus limites a norte o Conjunto Ceará, a leste a Granja Portugal e o Bom Jardim, a oeste o município de Caucaia e a Sul o bairro Siqueira. Também é um bairro que conta com **presença expressiva de corpos hídricos** que, em sua tese, Sales (2004) nos dá uma pista de que podem estar ligados ao riacho Sangradouro do Açude da Agronomia:




“[o Riacho] percorre parte da porção oeste do Campus do Pici, conflui com o riacho do açude João Lopes, drenando parte dos bairros de Antônio Bezerra e Autran Nunes, seguindo até a lagoa do Genibaú, que possui **um canal de ligação com o rio Maranguapinho denominado riacho Correias** ou riacho da lagoa do Genibaú.”
(SALES, 2004, p.45, grifo nosso)

Ainda possui muitos trechos não asfaltados, sem calçamento, principalmente nas regiões de conurbação conforme aponta o mapa 15, **denunciando um processo de ocupação progressiva em direção à Caucaia**. O bairro também conta com duas praças: a do Cearazinho e a Márcio Régis (ou pracinha da UPA) e dois ginásios esportivos: o Ginásio Marinheiro Popeye (particular) e o Estádio Municipal do Bom Jardim. Os mapas 22 e 23 a seguir situam-nos em relação ao seu entorno imediato e aos equipamentos culturais da cidade, respectivamente.

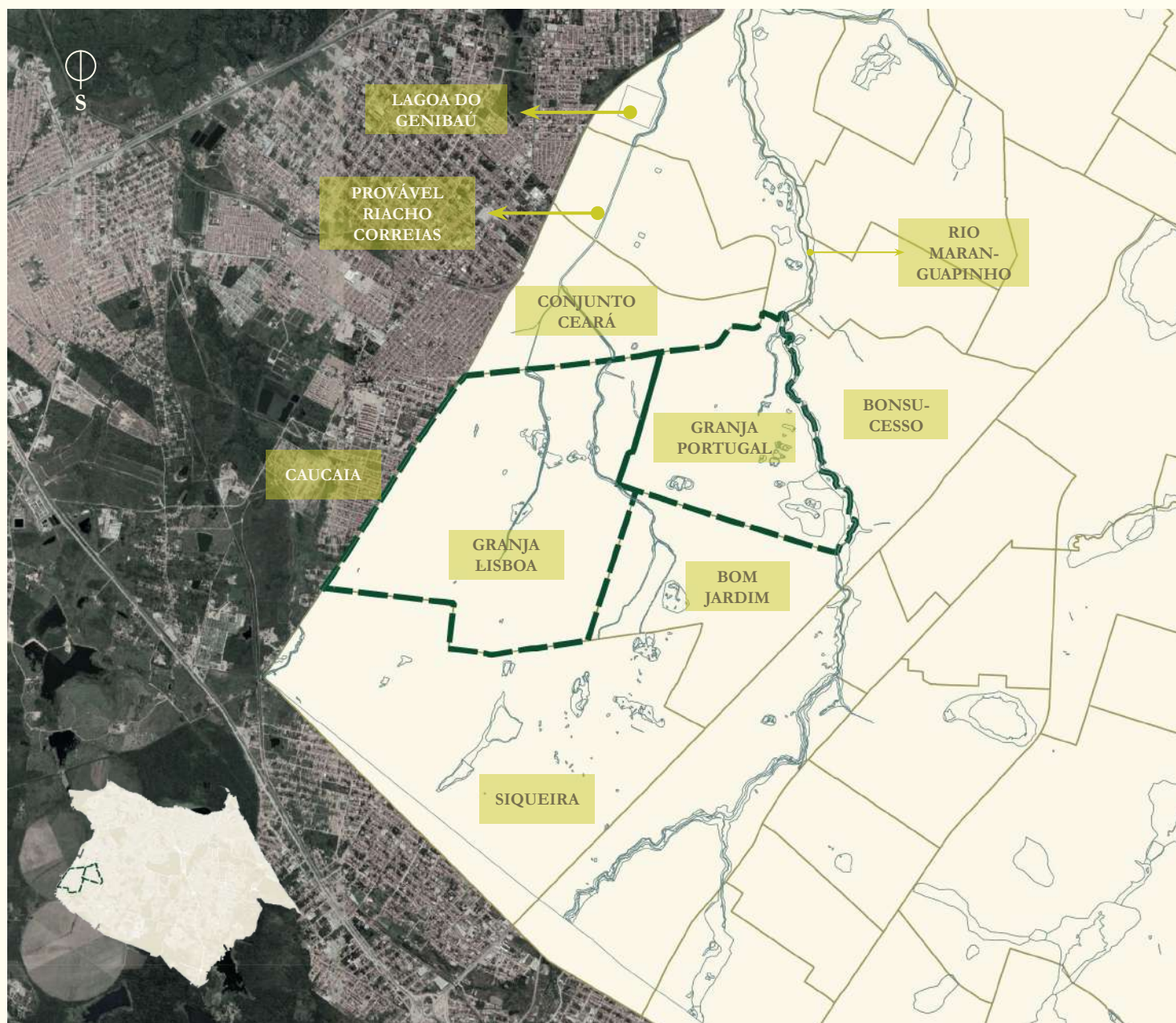
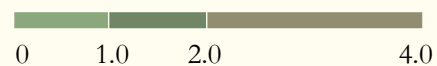
⁵⁰ Hoje, a sede fica na Rua Humberto Lomeu, em frente ao CRAS Granja Portugal.

⁵¹ Em 2010, com o apoio do Banco do Nordeste, esse grupo de mulheres lança sua primeira grife “Mulher, Flor de Algodão”, que tem como matéria prima o algodão cru. Esse projeto trouxe uma alternativa de renda para as mulheres participantes, que, em depoimento no vídeo institucional do projeto, admitem que o empoderamento proporcionado por adquirir um novo saber – com retorno financeiro – trouxe uma melhora na qualidade de vida e na autoestima. O vídeo pode ser acessado em: <<https://www.facebook.com/orgsolidu/videos/363229713872539>>.

LEGENDA CONTORNOS:




-  Corpos hídricos
-  Contorno Granja Lisboa e Granja Portugal
-  Limite bairros

ESCALA GRÁFICA (km)



Mapa 22: **Limites geográficos da Granja Lisboa e da Granja Portugal.** Base de dados: Fortaleza em Mapas. Elaboração própria em 24 out. 2020.

LEGENDA CONTORNOS:








-  Trajeto de ônibus
-  Limite bairros
-  Granja Lisboa e Granja Portugal

ESCALA GRÁFICA (km)



Mapa 23: Situação dos bairros Granja Lisboa e Granja Portugal em relação ao Centro da cidade e aos equipamentos culturais públicos. Base de dados: Fortaleza em Mapas. Elaboração própria em 24 out. 2020.

LEGENDA EQUIPAMENTOS:

-  Sede Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)
-  Cuca Mondubim
-  Cuca Jangurussu
-  Cuca Barra
-  Theatro José de Alencar (TJA)
-  Dragão do Mar
-  Caixa Cultural de Fortaleza

O mapa 23 revela a distância do CCBJ para os demais equipamentos culturais públicos de relevância na cidade. As vias principais de conexão são:

01. Av. José Bastos: pode-se chegar até ela principalmente pelas Ruas Oscar Araripe, Oscar França, Vital Brasil ou pela Rua Emílio de Menezes, todas vias coletoras que cruzam a Av. General Osório de Paiva. Esta torna-se Avenida Augusto dos Anjos e em seguida Av. José Bastos. Esta liga os bairros até o centro da cidade, de onde é possível seguir para as áreas nobres da cidade. É uma via arterial de velocidade alta. Não possui infraestrutura cicloviária.

02. Av. Coronel de Carvalho: pode-se chegar até ela principalmente pelas ruas Teodoro de Castro ou Emílio de Menezes, percorrendo os bairros João XXIII e Henrique Jorge até o cruzamento da Av. Coronel de Carvalho com a Mister Hull. Trata-se também de uma via arterial de velocidade alta. Não possui infraestrutura cicloviária.

03. Av. Presidente Costa e Silva: pode ser acessada após percorrer a Rua Emílio de Menezes até o cruzamento da rua Walter Diogo, já no Mondubim, com a Av. General Osório de Paiva. Também trata-se de uma via arterial de velocidade alta sem infraestrutura cicloviária.

A escolha por medir a distância a partir desse equipamento se dá por se tratar de um ponto de alto interesse dentro da Granja Lisboa e da Granja Portugal; e também pela localização próxima do que seria um ponto central entre os dois bairros. **Sendo assim, é possível generalizar aos dois bairros a distância do CCBJ em relação aos demais equipamentos.**

Apesar de a região do GBJ ter uma boa cobertura de linhas de ônibus, como revela o mapa 02 do primeiro capítulo, elas não chegam a atender de maneira direta o deslocamento entre esses trechos. Os terminais do Conjunto Ceará, mas principalmente o do Siqueira, configuram-se como **pontos de irradiação** da região para o resto da cidade. A tabela 06 abaixo reúne as linhas necessárias para realizar esse deslocamento, a distância percorrida e o tempo médio do percurso. Caso os trajetos sejam feitos de carro, a distância diminui consideravelmente, uma vez que nenhuma das rotas é feita sem passar por um dos terminais, **o que aumenta o tempo de espera e de trajeto.**

TRAJETO	distância (km)	linhas de ônibus*	duração média
CCBJ - CUCA MONDUBIM	6 km	335/336 + 051	40 min
CCBJ - CUCA JANGURUSSU	13,4 km	335/336 + 051	55 min
CCBJ - CUCA BARRA	14 km	335/336 + 052	1h10min
CCBJ - THEATRO JOSÉ DE ALENCAR (TJA)	12,7 km	335/336 + 355/343	55 min - 1h
CCBJ - DRAGÃO DO MAR / CAIXA CULTURAL	14,6 km	335/336 + 030/360 + 077	1h10min

tabela 06/autora





número de domicílios em cada setor + taxa de evolução

* Linhas de ônibus/ETUFOR:
 030: Siqueira Papicu Via 13 de Maio
 051: Grande Circular I
 052: Grande Circular II
 077: Parangaba Mucuripe
 335: Bom Jardim I
 336: Parque Santa Cecília I
 343: Conjunto Ceará 3 etapa
 355: Siqueira José Bastos
 360: Siqueira João Pessoa

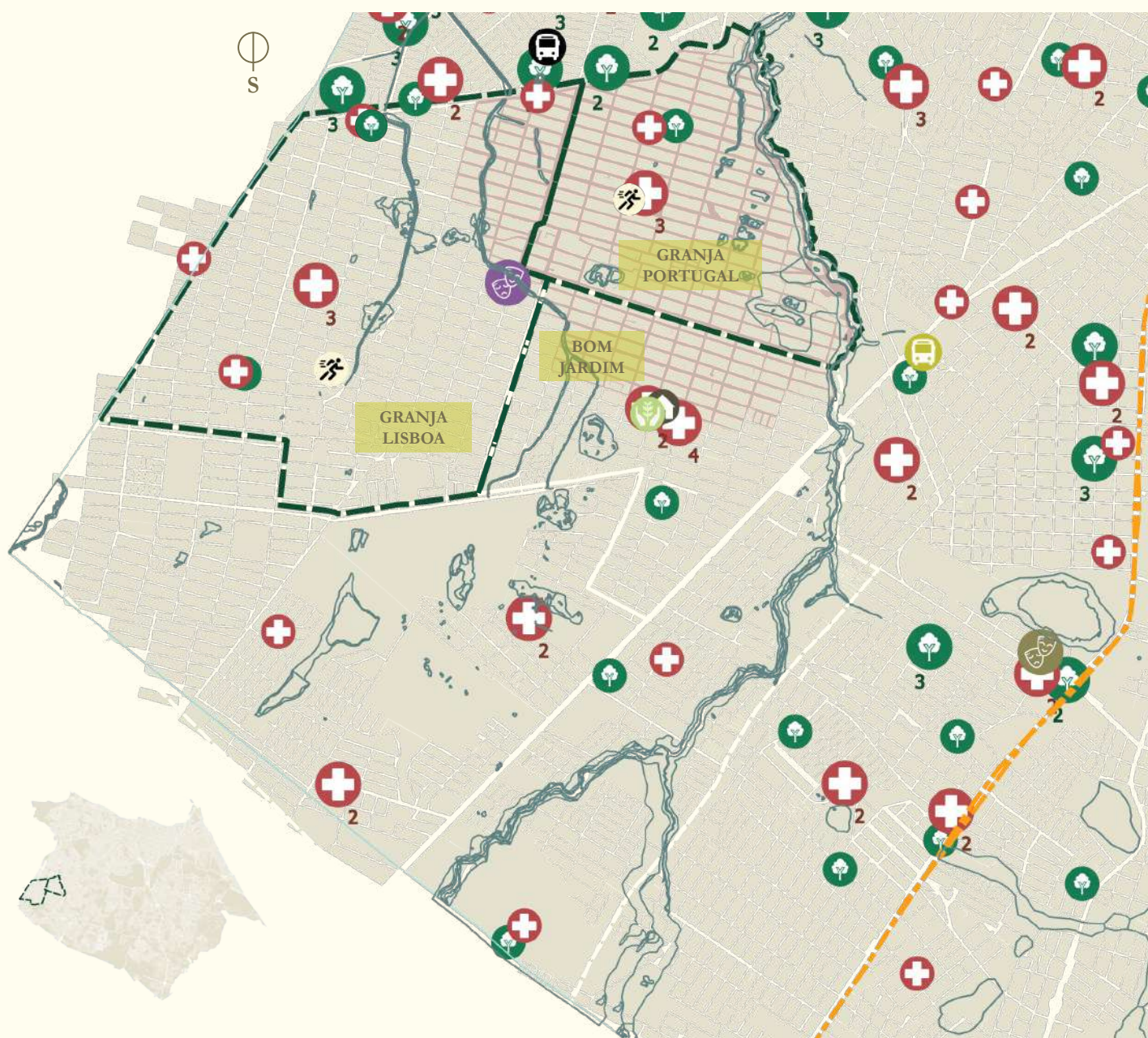
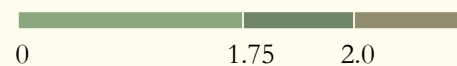
Apesar de o Cuca Mondubim estar apenas a 6km de distância do CCBJ, a duração média do trajeto de ônibus não é compatível com a distância. Isso acontece devido a necessidade de passar pelo terminal do Siqueira. No caso do percurso ser feito de bicicleta existe uma queda no tempo de deslocamento, mas **considerando a infraestrutura precária para esse tipo de modal** nessa área da cidade, outras dificuldades são enfrentadas no caminho: ciclofaixas em péssi-

-mas condições de uso, cruzamentos mal sinalizados, descontinuidade no sistema cicloviário, disputa com veículos motorizados em avenidas movimentadas, entre outros. Portanto, dadas as condições de mobilidade disponíveis, entende-se que de fato **o CCBJ é o único equipamento cultural a serviço imediato dos dois bairros.** Para verificar possíveis compensações, fez-se um levantamento, apresentado no mapa 24 a seguir, de praças e de outros equipamentos presentes na Granja Lisboa, na Granja Portugal e nos bairros do entorno imediato.

LEGENDA CONTORNOS:







-  Corpos hídricos
-  Linha Sul - Metrofor
-  Contorno dos bairros
-  Contorno Setor 2

ESCALA GRÁFICA (km)






Mapa 24: **Disponibilidade de equipamentos nos bairros Granja Lisboa e Granja Portugal; e no entorno imediato.** Base de dados: Fortaleza em Mapas. Elaboração própria em 24 out. 2020.

LEGENDA EQUIPAMENTOS

-  Sede Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)
-  Cuca Mondubim
-  Horta Comunitária Maria Abreu
-  Sede Centro de Defesa da Vida Herbert Souza (CDVHS)
-  Equipamentos esportivos
-  Equipamentos de saúde*

LEGENDA GERAL:

-  Praças*
-  Terminal Conjunto Ceará
-  Terminal Siqueira

* **Obs:** os equipamentos de praça e de saúde foram contabilizados em um raio de 10km e aglutinados num só ícone, de modo a melhorar a legibilidade do mapa.

Dentro das delimitações oficiais, ambos os bairros são **mal servidos de praças e de equipamentos de lazer**. A Granja Portugal conta apenas com a Praça da Juventude, o Centro Cultural Bom Jardim e a Areninha recém inaugurada; e a Granja Lisboa, com a Praça do Cearazinho, a Praça Márcio Régis e o Estádio Municipal do Bom Jardim⁵². Estabelecendo um comparativo do número de praças, *que é o foco deste trabalho*, da Granja Portugal e Lisboa com os bairros mais nobres de Fortaleza⁵³ e o Centro, obteve-se os seguintes dados:

LOCALIZAÇÃO	pop_ total	qtd. praças	relação
ÁREAS NOBRES E CENTRO	242 441	109	1 praça para 2200 pessoas
GRANJA PORTUGAL E GRANJA LISBOA	73 353	3	1 praça para 24 451 pessoas

⁵² O setor 2 em destaque no mapa anterior apresenta três desses equipamentos culturais dentro de sua delimitação: o Centro Cultural Bom Jardim, a Areninha da Granja Portugal e a Praça da Juventude, todos localizados na Granja Portugal.

⁵³ Para estabelecer tal delimitação, utilizamos os bairros com maior renda média, conforme apresentado nos mapas 01 a 03 do primeiro capítulo deste trabalho. São eles: Aldeota, Papicu, Varjota, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Praia de Iracema, Mucuripe, Meireles, Cidade 2000 e Joaquim Távora.

tabela 07/autora

comparativo per capita do número de praças

O número de pessoas a que se destinam as praças dos dois bairros é cerca de 1010% maior que nas áreas nobres e no Centro. Fazendo a mesma relação quanto ao número de **equipamentos de saúde, encontramos um sobressalto de apenas 84%** para os mesmos bairros. Isso destaca a hierarquia de prioridades por parte dos governos Estadual e Municipal, que tratam as questões culturais nas periferias de forma utilitária e genérica: no caso da Granja Portugal, seus dois equipamentos só foram implementados após muita organização e resistência popular.

No caso do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), foi **um dos primeiros equipamentos culturais a ser implementado em território periférico**. Sua promessa e posterior inauguração há quase 14 anos, se deu somente após um grupo de morado-

-res pressionar o governador estadual da época, Lúcio Alcântara (2002-2006), para realizar a construção do equipamento. Em depoimento à equipe do “Fala Aí CCBJ”⁵⁴, Joaquim Araújo, atual Gerente de Formação do centro, conta que a caravana foi preciso acampar no Cambeba, onde funciona o Centro Administrativo do Governo Estadual, até conseguir conversar com o governador.

De acordo com o site oficial do centro, o **CCBJ é um espaço educativo e de formação**, que busca – através de ações, projetos, núcleos e cursos realizados em parceria com outras instituições culturais de Fortaleza ou com grupos organizados da própria comunidade – **fomentar o acesso à cultura e a promoção dos direitos humanos**. Nas figuras a seguir é possível conferir exemplos de ações oferecidas pelo equipamento, bem como sua fachada principal e alguns espaços internos.

⁵⁴ Equipe formada pelos próprios membros do Centro Cultural para divulgar eventos relacionados à comemoração dos 13 anos de seu funcionamento. Disponível em: <<http://ccbj.redelivre.org.br/2019/12/16/os-13-anos-do-ccbj/>>.

⁵⁵ Figura 03. Matéria disponível em: <<http://ccbj.redelivre.org.br/2016/07/>>.

⁵⁶ Figura 04. Matéria disponível em: <<http://ccbj.redelivre.org.br/2020/10/>>.

figura 03

55

Praça das Artes retorna, neste final de semana, com programação artística e cultural para o Grande Bom Jardim

25 DE JULHO DE 2016



Nos próximos dias 29, 30 e 31 de julho, o Instituto Dragão do Mar, por meio de sua Diretoria de Cidadania Cultural e do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), leva ao Grande Bom Jardim o primeiro final de semana de atividades artísticas e culturais do Praça das Artes de 2016. A programação

FORMAÇÃO EM PAUTA – INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O CURSO DE MALABARISMO

1 DE OUTUBRO DE 2020



A Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim abre as inscrições para o curso Malabares- Corpo e Rotina, com Henrique Rosa. O malabarisimo é uma arte que está ganhando admiradores por todo o mundo, seja para apresentações em espetáculos, ruas ou simplesmente para

figura 04

56



foto 01 - fachada principal

57



foto 02 - biblioteca

58



foto 03 - espaço de formação

NARTE

59

Outro equipamento derivado de processos de luta e de resistência é a Praça da Juventude. As obras deram início em 2012, ainda na gestão da então prefeita Luizianne Lins, mas passaram por várias paralisações ao longo dos dois anos até a inauguração da obra. Vários moradores relatam que o **abandono fez aumentar a insegurança do local e prejudicar as vendas**⁶⁰ dos pequenos comerciantes que trabalham próximo à praça. Diante disso, em junho de 2013, moradores se organizam no movimento “A praça é nossa, a praça é do povo” em protesto contra a lentidão da execução do projeto.



Foto 04: protesto de moradores na Granja Portugal em defesa da conclusão das obras da Praça da Juventude. Fonte:

<<https://www.facebook.com/bairrogranjaportugal/photos/a.491700480853435/592021347488014/>>.

Em março de 2014, o então prefeito Roberto Cláudio, divulga o PL062/2014, documento oficial que versa sobre a desafetação da Praça da Juventude para a construção de um Restaurante Popular – nos moldes do restaurante Mesa Do Povo (Parangaba) –. O projeto enfrentou resistência de alguns moradores, que reforçam a importância de se ter uma área de lazer desse porte no bairro, contando até com ocupação de jovens no terreno em questão. Hoje não se têm notícias em relação ao andamento desse PL.

⁵⁷ Foto 01. Fachada principal. Disponível em: <<http://ccbj.redelivre.org.br/contatos/>>.

⁵⁸ Foto 02. Biblioteca. Disponível em: <<https://www.secult.ce.gov.br/2019/10/16/selecionada-em-programa-nacional-biblioteca-do-ccbj-realiza-semana-do-livro/>>.

⁵⁹ Foto 03. Espaço de formação NARTE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mxoeNxxUGJ8>>. Min. 1':16".

⁶⁰ Trecho retirado de matéria veiculada no Diário do Nordeste (2014). Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/construcao-de-cozinha-popular-em-praca-na-granja-portugal-divide-opinioes-de-moradores-1.8456833>>.

A “Praça da Juventude”⁶¹ é um projeto idealizado pelo Ministério dos Esportes, que leva – em parceria com os governos Estadual e Municipal – equipamentos públicos esportivos e de lazer para áreas carentes, criando espaços de convivência comunitária e ampliando o acesso a atividades educativas, culturais e sociais (BRASIL, 2009).

A finalização das obras e inauguração do equipamento acontece oficialmente no final de 2014. O projeto original conta com paisagismo, anfiteatro, salas de convivência, playground, pistas de salto, skate e de cooper; campo de vôlei, ginásio esportivo com vestiários, academia popular, ilhas digitais com salas para jovens e idosos, quiosques e estacionamento. Na ocasião, grupos de artistas do Cuca Mondubim realizaram apresentações nos espaços de arena.

Em 2016, foram denunciadas imagens e vídeos (ao lado) que mostravam o grau de abandono do espaço que, segundo os moradores, **foi inaugurado antes do término das obras.** Em 2018, o governo do Estado autorizou o início da requalificação do polo de lazer do Conjunto Ceará⁶², cuja parte da verba também será destinada a obras em outros bairros da antiga Regional V (atual SR12). A Praça da Juventude da Granja Portugal é um desses espaços, hoje o local encontra-se novamente em requalificação para manutenção/recuperação das áreas já entregues e construção da pista de skate, da areninha Claudio Ferreira Silva e da brinquedopraça.

O abandono, a demora e as obras inacabadas são alvos constantes de reclamação dos moradores, que periodicamente são **privados de usufruir da única área de lazer do bairro.** Diante disso, através do estudo dos sistemas ambientais do

⁶¹ Para saber mais, consultar o site oficial da Secretaria Especial do Esporte: <<http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude>> e o Manual de implementação: <https://pracadajuventude.files.wordpress.com/2010/06/manual_pj.pdf>.

⁶² Para saber mais, consultar: <<https://www.ceara.gov.br/2018/06/13/autorizada-a-requalificacao-do-polo-de-lazer-do-conjunto-ceara-e-de-uma-serie-obras-na-regiao/>>.

bairro, do mapeamento de uso e ocupação do solo e de vazios urbanos, esse trabalho se propõe a delimitar um recorte de intervenção que **sirva de suporte** aos equipamentos culturais e de lazer já mencionados; e como **espaços dignos de socialização e manifestação**.



63 Foto 05/reprodução instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CCJMBOss4sv/>>. Primeiro item.

64 Foto 06/reprodução instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGVsN4rMg6m/>>. Terceiro item.

65 Foto 07/reprodução (vídeo) instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGVsN4rMg6m/>>. Primeiro item.

foto 05/reprodução instagram -

situação em jun. 2020.

63

foto 06/reprodução instagram -

situação em out. 2020.

64

foto 07/reprodução instagram -

situação em out. 2020.

65

Após essa breve apresentação dos bairros e de seus principais equipamentos, é importante realizar uma **caracterização dos sistemas ambientais** a fim de compreender melhor as potencialidades e as limitações do contexto de Fortaleza, da macro e da microescala de intervenção.

Para tal, a partir de dados retirados do Diagnóstico Geo-ambiental do Município de Fortaleza (2009), resolvemos destacar a princípio, no mapa 25, um apurado geral da hidrografia de Fortaleza e de suas áreas próprias e impróprias para a ocupação. Em seguida, no mapa 26, tem-se uma ampliação na macroescala de intervenção, que demonstra como os sistemas se relacionam com as edificações presentes.

A partir da comparação deste último mapa com o mapa 27 e 28, de vazios e uso e ocupação do solo, é possível verificar quais porções do setor 2 estão estrategicamente localizadas – ao se considerar a demanda por áreas culturais e de lazer – que precisam de um manejo específico, cujo objetivo principal seja promover equilíbrio entre as manchas ocupadas e não ocupadas, respeitando suas potencialidades e problemáticas.



Mapa 25: **Sistemas ambientais de Fortaleza, com destaque para áreas próprias e impróprias para ocupação.** Base de dados: Diagnóstico Geoambiental de Fortaleza. Elaboração própria em 24 out. 2020.

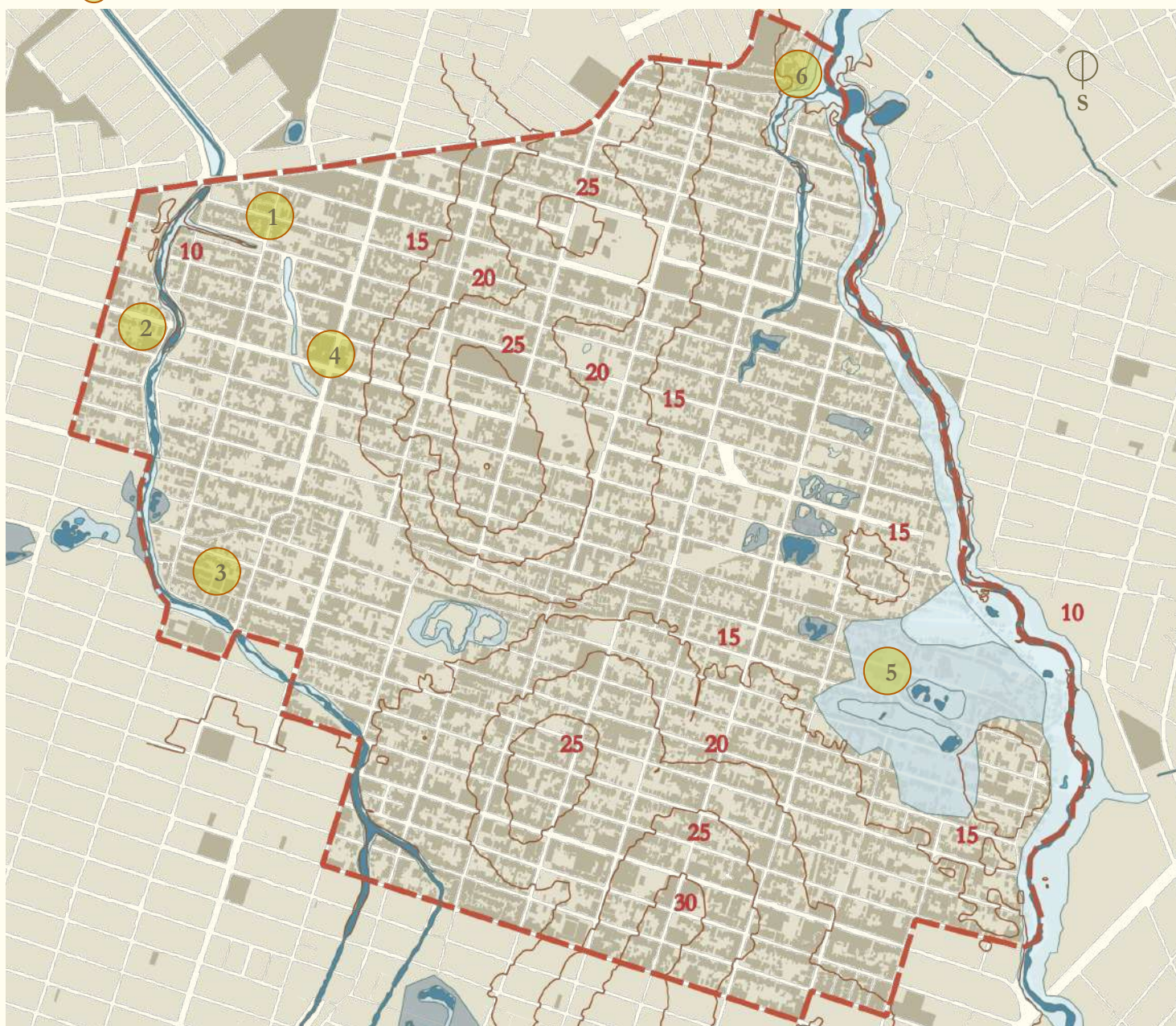
LEGENDA:

- Impróprio para ocupação
- Próprio para ocupação
- Hidrografia
- Contorno setor 2

LEGENDA GERAL

- Edificações
- Contorno setor 2
- Curvas de nível mestras
- Área das fotos

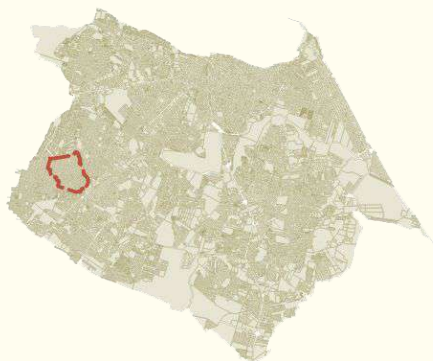
ESCALA GRÁFICA (km)



Mapa 26: **Sistemas ambientais e curvas de nível no setor 2.** Base de dados: Diagnóstico Geoambiental de Fortaleza, 2009. Elaboração própria em 24 out. 2020.

LEGENDA SISTEMAS AMBIENTAIS:

- Rio
- Planície Lacustre
- Planície Fluvial
- Área sazonal de inundação





01. foto 08/google maps

esquina da Rua Primeiro de Maio com a Rua Umurarama



01. foto 09/google maps

vista do canal, Rua Umurarama



02. foto 10/google maps

habitações em área de risco, Rua Umurarama



02. foto 11/google maps

habitações em área de risco, Rua Umurarama



03. foto 12/google maps

habitações próximas ao canal, Rua Humuarara



03. foto 13/google maps

acúmulo de lixo/entulho, Rua Humuarara



04. foto 14/google maps

vista do canal, esquina da Rua Londrina com Tv. Humberto Lomeu



04. foto 15/google maps

campinho, esquina da Rua Humberto Lomeu com Tv. Humberto Lomeu



05. foto 16/google maps

parquinho abandonado, Rua Coronel Fabriciano



05. foto 17/google maps

habitações em área de risco, Rua Coronel Fabriciano



06. foto 18/google maps

habitações em área de risco, Rua Taubaté



06. foto 19/google maps

habitações precárias, outro lado da rua Taubaté

O setor 2, como visto no mapa 24, compreende três bairros: Bom Jardim, Granja Lisboa e Granja Portugal, sendo apenas este contido integralmente dentro do espaço delimitado. Observando os sistemas ambientais de Fortaleza e em seguida o mapa 25, vê-se que a macroescala **está contida na bacia hidrográfica do Maranguapinho, região de cota elevada e com muitas áreas impróprias para ocupação.**

⁶⁶ Dados secundários retirados das tabelas de atributos dos arquivos que geraram os mapas 06 a 09 do capítulo anterior. Fonte: setores censitários do IBGE (2010).

A área analisada também compreende os melhores indicadores⁶⁶ de abastecimento de água (cerca de 97% dos domicílios), alfabetização (com 78% da população total), coleta de lixo (cerca de 97% dos domicílios, com apenas 0,75% aproximadamente sendo jogados em terreno baldio) e de saneamento básico (43% dos domicílios contra a média de 30% geral do GBJ). Ressaltando que, apesar dos indicadores de lixo jogado em terreno baldio e de saneamento serem melhores que à média do Grande Bom Jardim, isso **não os classificam como satisfatórios de maneira generalizada:** ainda é possível verificar em diversos trechos ao longo dos cursos dos corpos hídricos pontos de depósito de lixo e acúmulo de entulhos, favorecendo **processos de assoreamento e de eutrofização dos leitos.**

De acordo com o Diagnóstico Geo-Ambiental do Município de Fortaleza, foi possível identificar no setor 2 a presença de **rios, planícies lacustres e fluviais, áreas sazonais de inundação.** As áreas que não estão em destaque correspondem à **porção de tabuleiros pré-litorâneos.** O quadro 01 abaixo, adaptado do documento original, aponta quais são as principais características e limitações desses sistemas.

QUADRO 01: Sistemas ambientais. Fonte: Diagnóstico Geo-Ambiental do Município de Fortaleza, 2009. p.71-74.

PLANÍCIES LACUSTRES: porções de terreno que bordeiam as lagoas. Em sua maioria encontram-se com suas matas ciliares desmatadas, solos predominantemente mal drenados e profundos. Trata-se de um **ambiente instável**, com inundações periódicas durante a quadra chuvosa, **em que a ocupação não é recomendada**.

PLANÍCIES FLUVIAIS: porções de terreno que acompanham a calha dos rios. Também são revestidas por matas ciliares, que em sua maioria, encontram-se em estado de degradação, o que prejudica a drenagem do solo e o **sujeita a inundações periódicas**. É um **ambiente de transição** e, em se tratando de ocupação urbana, **a área pode ser considerada de risco** tanto em relação à preservação do ecossistema como à qualidade de vida e de moradia dessas pessoas.

ÁREAS SAZONAIS DE INUNDAÇÃO: áreas precariamente incorporadas à rede de drenagem. O caráter argiloso do solo **favorece a permanência da água na superfície**, gerando transtorno para as moradias durante a quadra chuvosa. Também é um **ambiente de transição em que a ocupação não é recomendada**.

TABULEIROS PRÉ-LITORÂNEOS: trata-se da maior porção do território de Fortaleza. São ambientes relativamente **estáveis e com alta tolerância à ocupação urbana**.

Mesmo com tais restrições quanto à ocupação, as fotos 16 a 19 mostram que existem complexidades que transpassam o binarismo homem e natureza. Segundo Freitas (2004), o ponto central da questão **é o processo desequilibrado de urbanização em Fortaleza**, que, alinhado com as dinâmicas capitalistas assimétricas de manutenção da desigualdade, produz e reproduz espaços territorialmente excluídos. A essas pessoas que não têm condição de arcar com o ônus da infraestrutura em áreas consolidadas, **resta uma escolha induzida de morar em áreas impróprias para ocupação, de risco**.

Além disso, é importante falar sobre os impactos que o Projeto Rio Maranguapinho vão imprimir sobre a área. De acordo com a Secretaria de Cidades do Estado do Ceará, esse projeto começou em 2008 e tem os seguintes objetivos principais:

- Delimitar e recuperar o Rio Maranguapinho e suas faixas de proteção, promovendo para isso o saneamento das adjacências;
- **Retirada e reassentamento das famílias que ocupavam as áreas de risco** ao longo do rio e o controle de cheias.

Ao total, são 44,44 km de intervenções divididas em três trechos que abrangem parte da Região Metropolitana de Fortaleza, como mostra a figura 05 abaixo. A Granja Portugal **está inserida no trecho II de intervenção**, que compreende a Avenida Senador Fernandes Távora e a Avenida General Osório de Paiva. De acordo com a Secretaria das Cidades do Estado do Ceará, as obras desse trecho estão cerca de 45% concluídas.



figura 05: trechos e residenciais previstos no Projeto Rio Maranguapinho.

Fonte: Santos (2019). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552858850024>>.

Esse projeto encontra-se em andamento, sendo possível verificar no Trecho II significativo avanço das obras na margem direita (bairro Bonsucesso), enquanto à esquerda os moradores sequer receberam visitas técnicas dos agentes municipais/estaduais sobre eventuais desapropriações (SANTOS, 2018).

As fotos 16 a 19 das regiões 5 e 6 do mapa de sistemas ambientais da macroescala revelam o estado em que se encontram algumas das habitações em área de risco presentes na margem esquerda do Rio Maranguapinho, que sofrem com as inundações sazonais dos períodos chuvosos devido ao sistema precário de drenagem (tanto urbana quanto ambiental) e à diferença altimétrica entre os bairros. Vale ressaltar que esse processo de ocupação das margens do Maranguapinho é **histórico e também apresenta argumentos do ponto de vista bioclimático**.

De acordo com Souza (1978) citado por Sales (2004), na década de 70, a expansão urbana passa a abrigar o leito do Maranguapinho nas proximidades das novas COHABs do BNH (Banco Nacional de Habitação), mas sem de fato inserir o rio (e seus afluentes) dentro de um planejamento que o enxergasse como um manancial passível de uso e como área de lazer. Com o adensamento e a chegada de infraestrutura, o valor da terra aumenta e dá-se início ao processo de gentrificação. Dessa forma, esses espaços ribeirinhos renegados pelo planejamento urbano e mal vistos pelo mercado imobiliário **passam a ser consumidos pela lógica da sobrevivência**: favelas e outros tipos de assentamentos são construídos e reconstruídos diversas vezes ao longo do cursos hídricos. Sobre isso, Sales (2004) afirma que:




[...] Pela sazonalidade das chuvas e picos excepcionais, a planície de inundação (que são terras planas próximas ao fundo do vale do rio, inundadas quando o escoamento do curso d'água exceda a capacidade normal do canal) da Planície Fluvial, **se apresenta em muitos momentos como uma área propícia para a ocupação** por parte da população de baixa renda, que vê nesses espaços sua única alternativa de inserção na paisagem urbana de Fortaleza (SALES, 2004, p.43, grifo nosso).

Santos (2018) também identifica que existe o risco de novas ocupações irregulares surgirem em trechos já requalificados, o que denuncia a **urgência da questão habitacional** ao longo do curso do rio.

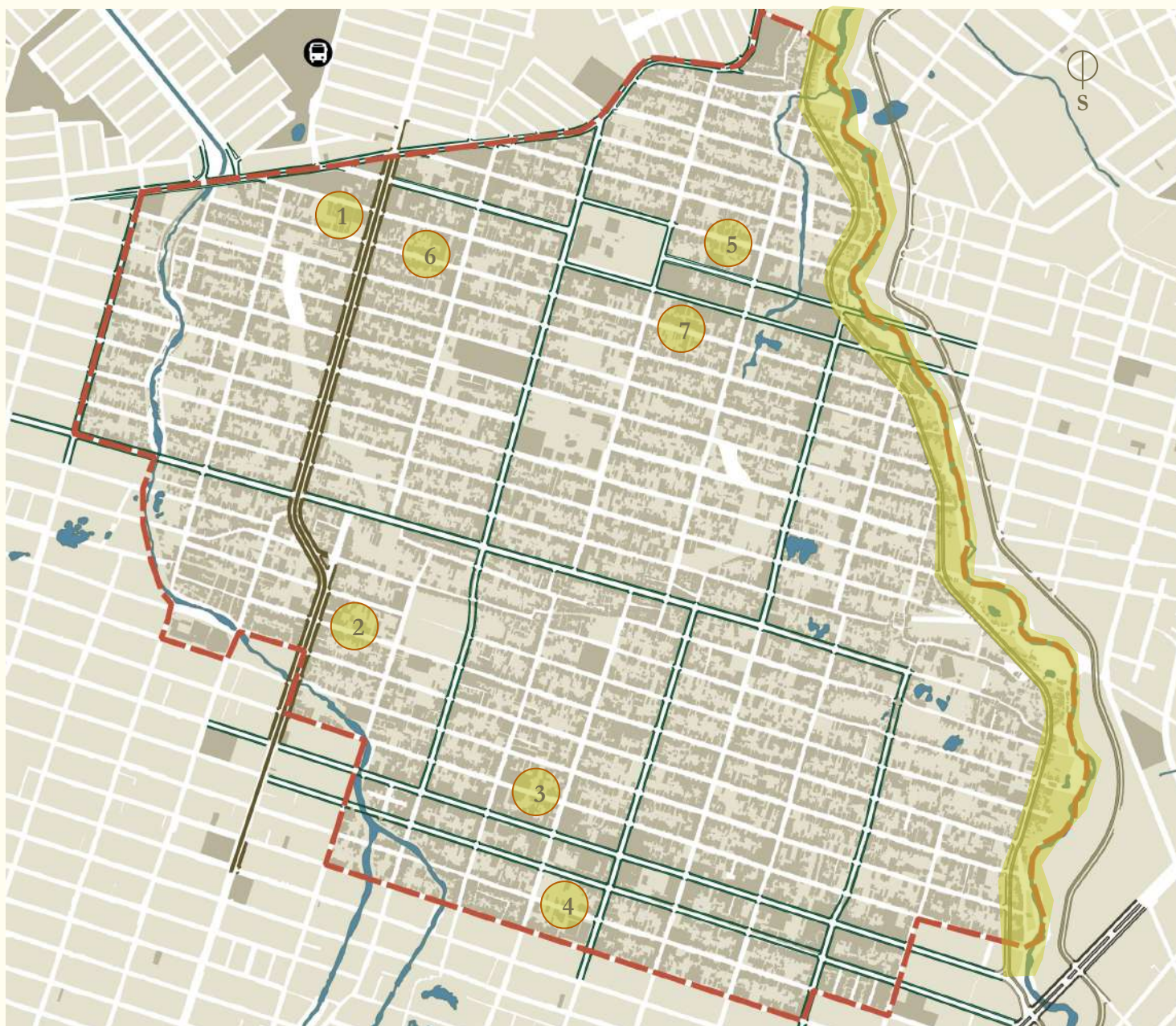
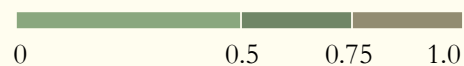
Sendo assim, diante da análise de crescimento populacional ao longo dos anos no setor 2, da compreensão dos sistemas ambientais e das tendências de ocupação dos leitos do rio, esse trabalho entende que, mesmo o setor analisado apresentando um crescimento populacional mais lento que o resto do território do GBJ, suas áreas ribeirinhas, ainda que impróprias para ocupação, continuam sujeitas a tais processos, que **podem se intensificar** conforme as desapropriações previstas para a margem esquerda do rio forem acontecendo.

A fim de escolher um **espaço estratégico** de intervenção na paisagem, capaz de **suprir a demanda por mais áreas culturais e de lazer**, faz-se um levantamento de vazios urbanos e de uso e ocupação do solo de modo a verificar as relações que existem entre os sistemas ambientais, os equipamentos e o entorno imediato. Para uma caracterização mais assertiva da macro e da microescala, também fez-se mapas dos seus respectivos sistemas viários.

LEGENDA GERAL






-  Corpos hídricos
-  Edificações
-  Terminal Conjunto Ceará

ESCALA GRÁFICA (km)



Mapa 27: **Sistema viário do setor 2.** Base de dados: Fortaleza em Mapas.
Elaboração própria em 24 out. 2020.




LEGENDA USOS:

-  Via Arterial I
-  Via Coletora
-  Via Paisagística
-  Contorno setor 2
-  Trecho paisagístico não implementado

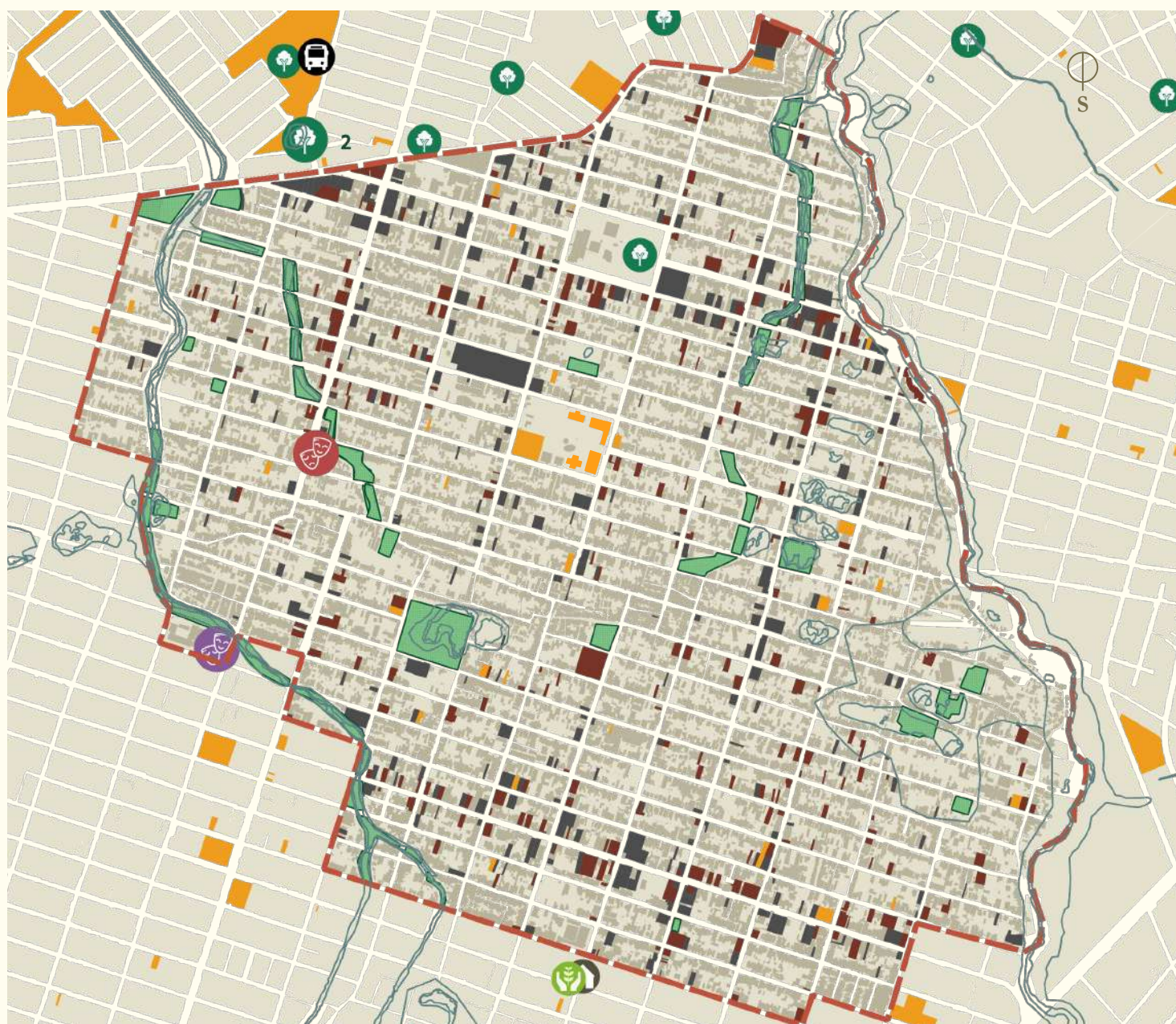
Obs.: as demais vias são classificadas pela LUOS como vias locais.



LEGENDA GERAL





-  Corpos hídricos
-  Praças
-  Terminal Conjunto Ceará

ESCALA GRÁFICA (km)



Mapa 28: **Mapa de usos do solo e equipamentos culturais no setor 2.**
Base de dados: Fortaleza em Mapas. Elaboração própria em 24 out. 2020.

LEGENDA EQUIPAMENTOS

-  Sede Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)
-  Sede Nois de Teatro
-  Horta Comunitária Maria Abreu
-  Sede Centro de Defesa da Vida Herbert Souza (CDVHS)

LEGENDA USOS:

-  Residencial
-  Comercial
-  Misto
-  Demais usos
-  Vazios
-  Contorno setor 2

A partir dos mapas anteriores, verifica-se que setor 2 possui duas vias arteriais: a **Av. José Torres**, que cruza transversalmente a Granja Portugal, ligando o bairro ao Conjunto Ceará; e estabelece seu limite com a Granja Lisboa. É uma via cujo entorno é predominantemente de uso misto, com estacionamento lateral nas duas mãos, sem infraestrutura cicloviária e com pouca arborização, conforme mostra a foto 20. A segunda é a **Av. Coronel Virgílio Nogueira**, uma via que liga a Granja Portugal ao Bom Jardim, com entorno predominantemente residencial, com arborização presente ao longo do canteiro central e sem infraestrutura cicloviária, conforme mostra a foto 21.

O setor possui algumas vias coletoras, sendo a Av. Oscar Araripe e as Ruas Oscar França, Vital Brasil e a Emílio de Menezes as mais importantes por serem pontos de irradiação: ao cruzarem o Rio Maranguapinho, chega-se às Avenidas Augusto dos Anjos e/ou General Osório de Paiva e a partir dessas vias arteriais é possível dispersar para vários setores da cidade. A **Av. Oscar Araripe** possui uma ciclofaixa de mão única, mas encontra-se em estado degradado (ver foto 22). A **Rua Oscar França** se estende desde a Jurema, na Caucaia e vai até a Av. General Osório de Paiva, possui uma ciclofaixa de mão única também em más condições. Em alguns de seus trechos constam arborização sobre a ciclofaixa, o que torna o passeio um pouco mais confortável (ver foto 23). Ambas as vias possuem entorno predominantemente de uso comercial e misto.

A **Rua Vital Brasil** se estende desde a Praça da Juventude da Granja Portugal e vai até a Av. Augusto dos Anjos, ligando a Granja ao bairro vizinho, Bonsucesso. Possui ciclofaixa de mão úni-

-ca em boas condições, com incidências pontuais de arborização adequada, conforme mostra a foto 24. Por fim, a **Rua Emílio de Menezes** se estende desde a Av. H, no Conjunto Ceará e vai até a Av. Augusto dos Anjos, cruzando assim três bairros. Até atingir a altura da Praça da Juventude, a rua é desprovida de infraestrutura cicloviária, possui estacionamento lateral em ambos os lados e recebe muito fluxo de caminhão por conta das áreas de carga e descarga das montadoras, dos supermercados e de outros serviços afins (ver foto 25). Os trechos que contém ciclofaixa estão em boas condições, mas não há arborização adequada conforme mostra a foto 26. Ambas as vias também possuem entorno predominantemente de uso comercial e misto.



01. foto 20/google maps

Avenida José Torres, com pontos de alagamento



02. foto 21/google maps

arborização no canteiro central da Av. Coronel Vigílio Nogueira



03. foto 22/google maps

ciclofaixa em estado degradado na rua Oscar Araripe



04. foto 23/google maps

arborização sobre a ciclofaixa na rua Oscar França



05. foto 24/google maps

trecho arborizado da ciclofaixa na rua Vital Brasil



06. foto 25/google maps

trecho com estacionamento lateral na rua Emílio de Menezes



07. foto 26/google maps

trecho com ciclofaixa na rua Emílio de Menezes

Por fim, às margens do Maranguapinho, podemos verificar a presença das seguintes vias paisagísticas: **Marginal Leste do Maranguapinho**, na Granja Portugal, ligando o bairro desde a via férrea até o limite sul do município; e **Rua Manoel Antônio Leite**, no Bonsucesso, ligando o bairro da Av. Mister Hull / BR 222 até o limite sul do município. De acordo com a Lei de Uso e Parcelamento do Solo (LUOS) de Fortaleza, tratam-se de vias “com limitado padrão de fluidez, com o objetivo de valorizar e integrar áreas especiais, preservação, proteção, faixas de praia, recursos hídricos, dunas e orla marítima.” (FORTALEZA, 2010, p.75).

Essas vias são propostas do projeto de revitalização do Maranguapinho. Entretanto, a Marginal Oeste – nome provavelmente provisório – **ainda não está implementada**, sendo encontradas no local diversas habitações em áreas de risco, como mostra a foto 27. Não há previsão para o início das obras. Já os trechos da margem leste encontram-se em parte finalizados: possuem ciclovia de mão dupla e arborização, mas já é possível verificar pontos de acúmulo de lixo e presença de mato no calçadão (ver foto 28).



foto 27/google maps

trecho implementado com pouca arborização e acúmulo de lixo. Via paisagística no Bonsucesso. Rua Manoel Antônio Leite



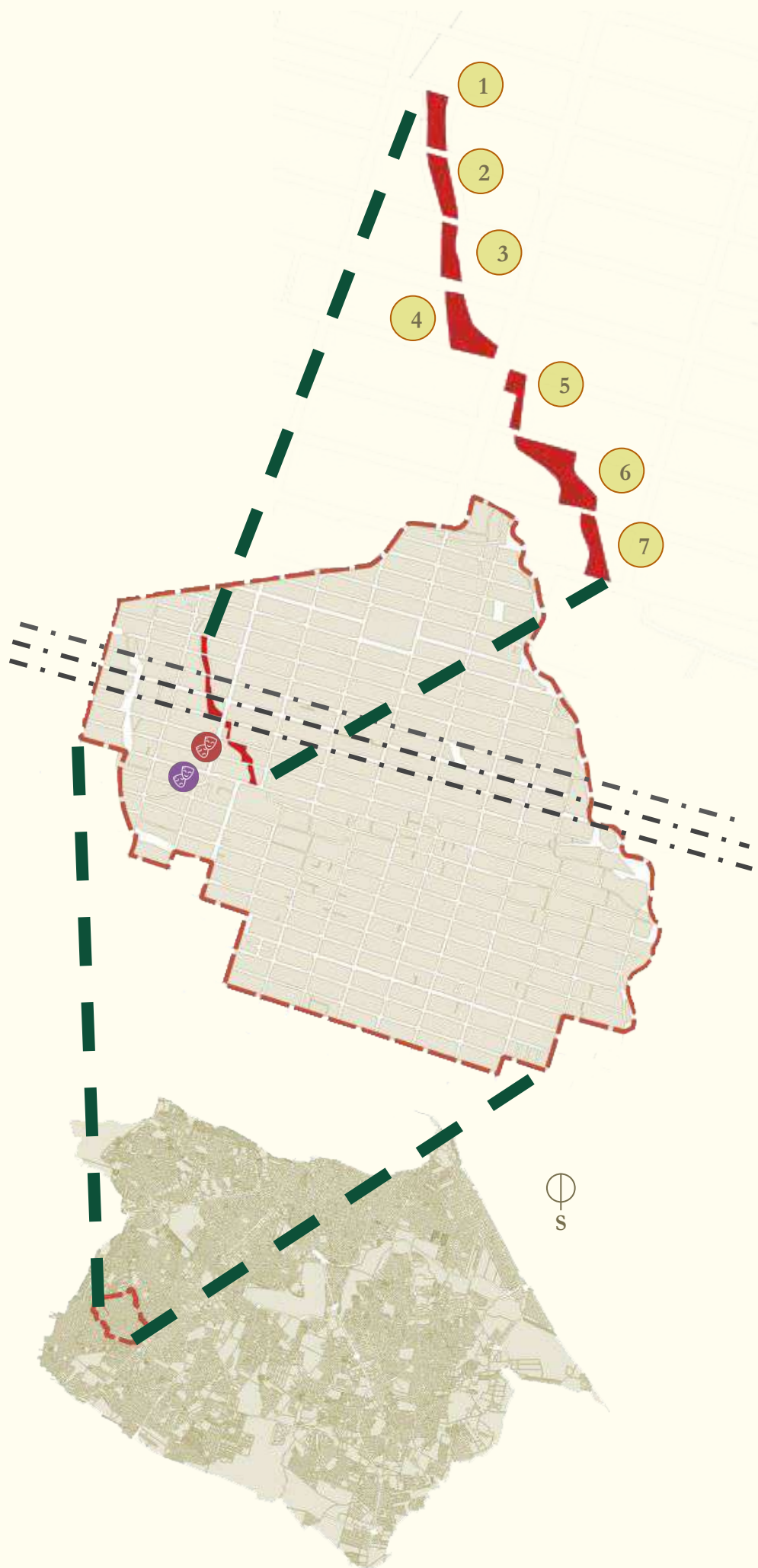
RIO
MARANGUAPINHO

foto 28/google maps

habitações em área de risco no trecho não implementado da via paisagística na margem oeste do Rio Maranguapinho.

Sobre o uso e ocupação do solo, de maneira generalizada, verifica-se uma **maior expressão do uso residencial**, em que a presença de comércios e de usos mistos é mais percebida em áreas localizadas próximas às margens do Maranguapinho e na parte sul do setor, correspondente à divisa do Bom Jardim com a Granja Portugal.

Com base nos mapas, fotos e tabelas apresentadas anteriormente, é possível estabelecer relações que, de acordo com Tardin (2008), são importantes para a escolha de um recorte de intervenção sistêmico e congruente com as relações sociais, espaciais e temporais. No caso deste trabalho, a escolha por desenvolver intervenções orientadas pela demanda por áreas culturais e de lazer nos adiciona mais uma camada de análise: **a proximidade com equipamentos já estabelecidos** de modo que nossa proposição viesse a oferecer-lhes suporte. Sendo assim, o mapa 29 a seguir destaca o recorte de intervenção escolhido.



Mapa 29: **Aproximação para o recorte de intervenção.** Base de dados: Fortaleza em Mapas. Elaboração própria em 24 out. 2020.

Obs.: os demais vazios foram ocultados nesse mapa a fim de destacar o recorte de intervenção.

LEGENDA:

- Quadras
- Recorte de intervenção
- Contorno setor 2
- 🎭 Sede Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)
- 🎭 Sede Nois de Teatro
- Área das fotos
- Vias de interesse (Teodoro de Castro, Londrina e Humberto Lomeu respectivamente)

A Avenida José Torres é o limite territorial entre a Granja Lisboa (à esquerda) e a Granja Portugal (à direita). Dessa forma, o caso estudado apresenta **essa via arterial como eixo principal de dispersão**, sendo atravessado por algumas vias de interesse: Rua Teodoro de Castro, Rua Londrina e Rua Humberto Lomeu. Apesar de serem classificadas como vias locais pela LUOS (2017), elas apresentam ao longo da sua extensão, equipamentos relevantes para o bairro, contidos na quadra mostrada na figura 15 abaixo.

⁶⁷ Ou [o provável] Riacho Correias, como já foi citado anteriormente,



figura 06: quadra de interesse próxima ao recorte temático/google maps

- · — · Rua Teodoro de Castro
- · — · Rua Londrina
- · — · Rua Humberto Lomeu

A Rua Teodoro de Castro corta transversalmente a Granja Portugal, conectando-a ao Conjunto Ceará (Av. H) à oeste e ao Rio Maranguapinho à leste. Apresenta uma maior predominância do uso residencial, com ressalva para a quadra em que fica a recém inaugurada Areninha da Granja Portugal, vizinha ao Posto de Saúde Fernando Diógenes e à Escola Municipal Reitor Antônio Martins Filho.

A Rua Londrina conecta o Rio Maranguapinho a um de seus afluentes⁶⁷ e possui ao longo do seu eixo principalmente usos mistos e residenciais, uma série de vazios urbanos e de áreas de inundação; e canteiro central arborizado até o cru-

-zamento da Av. José Torres, **o que lhe confere um caráter de conexão paisagística** entre as extremidades da macroescala de estudo, principalmente por conta da sua caixa viária larga (cerca de 11m com o canteiro central). Por fim, a Rua Humberto Lomeu possui uma predominância de uso residencial. É através dela que se chega ao CAPS e ao CRAS da Granja Portugal. Seu percurso estabelece **as mesmas conexões entre pontos hídricos** que a Rua Londrina, passando por uma série de vazios e áreas de inundação, mas se difere desta em relação à largura reduzida de sua caixa viária, que mede cerca de 5 metros. Dadas as condições precárias de sinalização verificadas em seu cruzamento com a via arterial e por possuir largura relevante, a **Rua Londrina foi a via escolhida para receber uma intervenção**, que será melhor descrita nos próximos capítulos deste trabalho.

Para a análise dos vazios urbanos, utilizamo-nos dos critérios de classificação, avaliação e síntese propostos por Tardin (2008), sintetizados no quadro 02 (adaptado do documento original) a partir do qual elaborou-se a tabela síntese final, que contém também diretrizes gerais para o partido projetual a ser desenvolvido na próxima

* Este trabalho não vai abordar a classificação edafológica, pois nas proximidades do recorte de intervenção já existem duas hortas comunitárias.

QUADRO 02: Atributos de classificação, análise e síntese propostos por Tardin (2008).

ATRIBUTOS BIOFISICOS*:

- cobertura vegetal: mais ou menos preservadas;
- hidrologia: zonas críticas, suscetíveis ou idôneas;
- declividade: baixa, média ou alta.

ATRIBUTOS PERCEPTIVOS: baixo, médio ou alto

- elementos cênicos: componentes naturais;
- áreas de emergência visual: relevo e hidrografia;
- fundos cênicos: vistas parciais e/ou panorâmicas;
- marcos históricos: interesse histórico e/ou cultural.

ACESSIBILIDADE: baixa, média, média alta ou alta.

- tipo de via: escala, conexões, capacidade de fluxo, risco de modificações por ocupação urbana.

VÍNCULOS DE PLANEJAMENTO: baixa, média, média alta ou alta

- assessorado ou não assessorado diante das vulnerabilidades

baixo (B), médio baixo (M/B), média, média alta (M/A) ou alta (A).



01. foto 29/google maps

Quadra 01 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos A e B.



02. foto 30/google maps

Quadra 02 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos C e D.





03. foto 31/google maps

Quadra 03 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos E e F.



04. foto 32/google maps

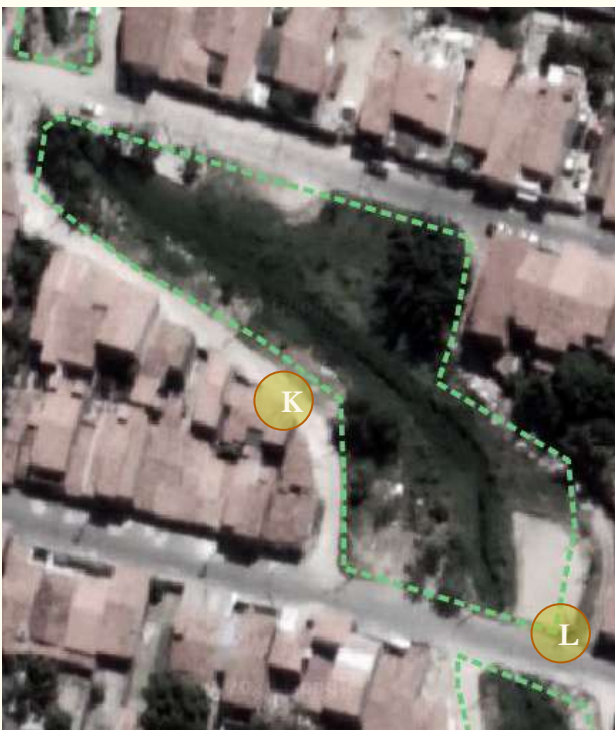
Quadra 04 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos G e H.





05. foto 33/google maps

Quadra 05 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos I e J.



06. foto 34/google maps

Quadra 06 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos K e L.





07. foto 35/google maps

Quadra 07 do recorte de intervenção, com destaques para os trechos M e N.



As fotos anteriores denunciam o estado em que se encontram trechos desse córrego. Apesar de o Plano Diretor de Fortaleza (2009) classificar todas as quadras do recorte como Zonas de Preservação Ambiental 1 (ZPA 1), cujo objetivo principal é o de preservar os ecossistemas e os recursos naturais, o que se verifica é um estado de degradação da vegetação originária, acúmulo de entulho e de lixo em alguns trechos e até mesmo dentro do canal e processos de eutrofização intensos principalmente na terceira quadra. Os quadros 03 e 04 abaixo trazem diretrizes legislativas que servirão para melhor orientar os direcionamentos propostos para a fase projetual. Foram grifados trechos que dialogam com as perspectivas de objetivo deste trabalho. Em seguida, apresenta-se a tabela síntese com um apurado final sobre a área de estudo.

QUADRO 03: PDPFor 2009.

Art. 64 - São objetivos da ZPA:

- I - preservar os sistemas naturais, sendo permitido apenas uso indireto dos recursos naturais;
- II - promover a realização de estudos e pesquisas científicas;
- III - desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental;**
- IV - turismo ecológico;
- V - preservar sítios naturais, singulares ou de grande beleza cênica;**
- VI - proteger ambientes naturais em que se assegurem condições para existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória;
- VII - garantir o uso público das praias.

Art. 66 - São parâmetros da ZPA:

- I - índice de aproveitamento básico: 0;
- II - índice de aproveitamento máximo: 0;
- III - índice de aproveitamento mínimo: 0;
- IV - taxa de permeabilidade: 100%;
- V - taxa de ocupação: 0%;
- VI - altura máxima da edificação: 0m;

QUADRO 04: LUOS 2017.

Art. 106 - Usos permitidos na ZPA:

- I - atividades de pesca e aquicultura;
- II - silvicultura, plantio, replantio e manutenção de matas;**
- III - floricultura;
- IV - cultura de sementes e mudas;
- V - horticultura, cultura de condimentos aromáticos medicinais;
- VI - fruticultura;
- VII - apicultura;
- VIII - camping;
- IX - parque urbano;**
- X - horto florestal;
- XI - aquário.

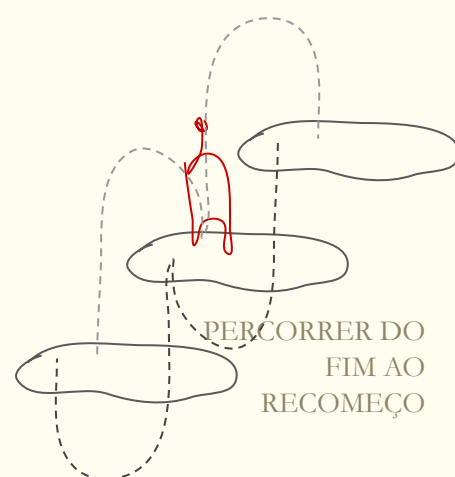
QUADRA	ASPECTOS	NOTA	DESCRIÇÃO	DIRETRIZES
01, 02, 03 e 07 <i>Espaços âncora</i>	BIOFÍSICOS	M/A	vegetação nativa pouco preservada (B), presença de gramíneas e árvores (A), zona crítica de inundação (A), baixa declividade (B)	Recuperar a vegetação original de modo a delimitar as margens do canal, criar passeios, áreas de descanso e conexões com os demais trechos do recorte. Propor mais arborização.
	PERCEPTIVOS	M/A	canal a céu aberto sem margem delimitada (M) com vista parcial para o conjunto de vegetação/hidrografia que segue (M/A)	
	ACESSIBILIDADE	B	interceptadas por ruas locais de mão única e baixa velocidade, calçamento degradado (B), sem incidência de habitações nos leitos (B)	
	VÍNCULO DE PLANEJAMENTO	A	ZPA1: Restrição Alta	
04 <i>Espaço âncora</i>	BIOFÍSICOS	M/A	idem às condições anteriores, indícios de eutrofização ao longo do trecho hídrico na quadra 03	Idem às diretrizes anteriores. Criar conexão com os canteiros centrais da Rua Londrina e da Av. José Torres. Ligar quadra 04 à parada de ônibus da quadra 05.
	PERCEPTIVOS	M/A	idem às condições anteriores (M/A), interceptada por via com canteiro central arborizado (A)	
	ACESSIBILIDADE	M/A	interceptadas por uma via arterial e por uma via de interesse local (A), sem incidência de habitações nos leitos (B)	
	VÍNCULO DE PLANEJAMENTO	A	ZPA1: Restrição Alta	
05 Espaço de referência	BIOFÍSICOS	M/B	pouca vegetação (M/B), córrego degradado (B), susceptível a inundação (M), baixa declividade (B)	Idem às diretrizes das quadras 01 e 02, requalificar a praça existente, propor conexão ao canteiro central da Av. José Torres, à quadra 04 e à quadra de residências ao lado.
	PERCEPTIVOS	A	idem às condições das quadras 03 e 04 (A), presença de ponto de ônibus e quiosques na praça (A), proximidade com a sede do Nois de Teatro e do CCBJ (A)	
	ACESSIBILIDADE	M/A	idem às condições das quadras 03 e 04	
	VÍNCULO DE PLANEJAMENTO	A	ZPA1: Restrição Alta	
06 <i>Espaço âncora</i>	BIOFÍSICOS	M/A	idem às condições das quadras 01, 02 e 07	Idem às diretrizes das quadras 01 e 02. Propor uma praça para as áreas de playground autoconstruídas, prever espaços cênicos conectados com a quadra 05
	PERCEPTIVOS	M/A	idem às condições anteriores (M/A), terreno mais largo (A), proximidade com a sede do Nois de Teatro (A), presença de parquinho autoconstruído (A)	
	ACESSIBILIDADE	B	idem às condições das quadras 01 e 02 (B)	
	VÍNCULO DE PLANEJAMENTO	B	ZPA1: Restrição Alta	

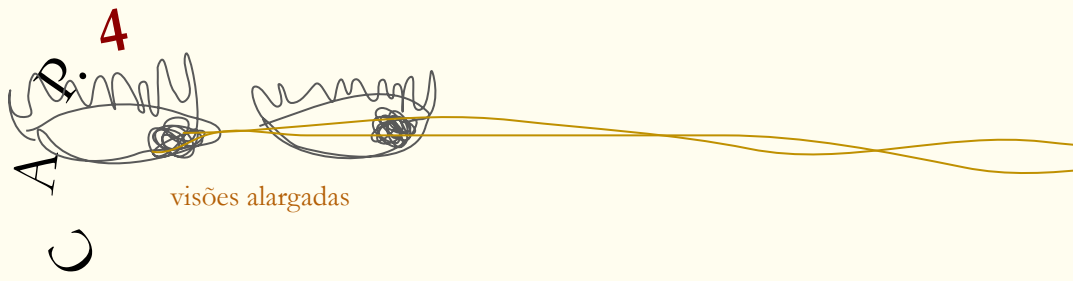
PORVIR...

As ações adotadas nessa fase do trabalho configuram uma abordagem mais técnica diante de um tema de potencial poético tão insurgente: o de ressignificar os espaços públicos e os vazios urbanos através da arte e da cultura. Para introduzir a subversão de hierarquias projetuais, as principais temáticas e a região de estudo, os dois primeiros capítulos permeiam o território do Grande Bom Jardim em relação à cidade de Fortaleza; para então tratar de complexidades referentes aos bairros da Granja Lisboa e da Granja Portugal, à macroescala de intervenção (setor 2) e ao recorte projetual neste capítulo final.

As diretrizes pontuadas servirão como base para o início de um partido de planejamento, que será dividido em dois capítulos: a priori, vou aterrissar e retomar a escala do corpo como instância de produção.

Para a etapa de proposição, tem-se como objetivo de produto final um planejamento de áreas de lazer e recuperação ambiental para os vazios urbanos e o desenho de uma praça teatro. A quadra 05 parece ser a ideal para a implantação desse equipamento, diante da variedade de pontos dramáticos de interesse: parada de ônibus, quiosques, estabelecimentos comerciais, avenida movimentada e conexão com os demais vazios.





EXPANSÕES

Este capítulo trata sobre o surgimento e derivações do teatro de rua, trazendo exemplos de companhias e de espetáculos que se utilizam dessa linguagem artística. Para isso foram consultados autores que tratam da história do teatro, como Santos (2006) e Rosenfeld (2008). Como principal fonte de consulta para as derivações do teatro de rua, usamos os trabalhos de Metzler (2006) e Monteiro (2017), e, por fim, Cardoso (2000), Furquim e Lima (2008) e Monteiro (2017), que apontam as principais interfaces entre teatro de rua, dramaturgia urbana e cidades - fornecendo possíveis inspirações para a intervenção a ser aplicada no recorte adotado neste trabalho.

EXISTEM

MUITAS

FORMAS

DE
CHEGAR

E DE

S

A

I

R



SINAPSES

Para falar sobre o surgimento do teatro de rua é primeiro preciso retornar a seu ponto de partida: o medievo. Antecessor da era vitoriana dos espetáculos, o teatro medieval tem a religião como principal assunto dramático. Através da encenação de capítulos da bíblia, os Milagres utilizavam de uma linguagem erudita, onde a cena acontecia em volta dos fiéis dentro da igreja.

À medida que o público ia aumentando, o espaço tornava-se cada vez menor, incapaz de conter a cena. Foi quando, no fim da Idade Média e no Início do Renascimento, os espetáculos passaram a ocupar o espaço da praça. Sobre isso, Bakhtin (1999) traz:

A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de “exterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. (BAKHTIN, 1999, p.132 apud MACHADO 2009)

Foi a partir da saída da Igreja até a praça que o homem medieval foi ganhando voz na cena (SANTOS, 2006). Com os atores sendo afetados pelo público e vice versa, as peças iam gradualmente adquirindo conceitos como o palco simultâneo/cena paralela (ROSENFELD, 2008) e gradualmente extrapolando os assuntos abordados no texto. Verificava-se cada vez mais a relação direta entre as cenas teatrais e os diálogos e questões do cotidiano, pois agora a encenação também pertencia ao ambiente urbano (CARDOSO, 2000).

Diante das crises do sistema feudal, aumento da fome e perda de poderes dos senhores de terra, os textos profanos ganhavam cada vez mais espaço entre o público itinerante das praças. É nesse contexto que surgem **as moralidades, as farsas e**

a **figura grotesca do bufão**, personagem criado para denunciar de maneira vulgar as questões sociais. Gradualmente o espaço público é apropriado por atores amadores (atores que não representam a Igreja em aspecto algum), que realizam cortejos e carnavais, fazendo “arruaça”. Sobre isso, Cardoso (2000) traz:

“Se no período medieval, a própria cidade era utilizada como um verdadeiro palco a céu aberto, hoje os interesses políticos e sociais sobre tais aspectos se tornaram mais consistentes. (...) Do mesmo modo como os organizadores de Mistérios (...), os diretores de teatro de rua das décadas de 60 e 70 (no Brasil, já no final de 1970 e sobretudo nos anos 1980), utilizaram elementos ou paisagens urbanas simbolicamente relacionadas com suas performances.” (CARDOSO, 2000 apud FURQUIM E LIMA, 2008, p.89, grifo do autor).

Essa é uma temática abordada em vários espetáculos de rua até hoje e também é tratada neste trabalho como **meio de pensar o espaço público e o projeto a partir da escala da peregrinação, dos caminhares.**



01. foto 36/Autoria desconhecida

Foto retirada do google do espetáculo “Urubus”, Pavilhão da Magnólia + Cia Prisma de Artes.



02. foto 37/Festival Nac. de Teatro de Rua do Ceará

Foto retirada do google do espetáculo “Urubus”, Pavilhão da Magnólia + Cia Prisma de Artes.

As fotos 36 e 37 acima, do espetáculo contemporâneo “Urubus” (2019) é um exemplo de cena paralela, onde não existe mais separação entre ator e público, nem entre palco e platéia.

No início do século XX, toma-se conhecimento de uma nova vertente teatral que se comunica com as expressões artísticas medievais: o teatro de Natureza. De acordo com Cheney (1971), citado por Metzler (2006), esse movimento surge como uma reação à vida artificial e como alternativa às salas fechadas de espetáculo, apontando para a necessidade de apresentar-se ao ar livre. Segundo o autor, apenas desta forma seria possível retomar o verdadeiro valor artístico dos espetáculos e seu papel dentro da sociedade, pois:

“[...] para salvar o teatro, o teatro deve ser destruído, os atores e as atrizes devem morrer todos de peste. [...] deveríamos voltar aos gregos, atuar ao ar livre; o drama está morrendo por causa dos camarotes, dos cubículos e da roupa de noite e de pessoas que vêm digerir seu jantar [...]”
(CHENEY, 1971, p.216 apud METZLER, 2006, p.7).

Um dos precursores do movimento foi Thomas Dickinson, dramaturgo responsável pelo projeto Open Air Theatre. Ele afirmava que o teatro ao ar livre era capaz de promover um entretenimento “saudável”, pois ao incorporar multifuncionalidade aos espaços públicos é possível incitar ocasiões coletivas, auxiliando a sanar o problema de lazer urbano nas grandes cidades.

Quando essa premissa foi trazida ao Brasil por Alexandre Azevedo na metade do século XX, o espaço livre reincorporou a hierarquização dos edifícios enclausurados. As principais manifestações dessa escola aconteceram no Rio de Janeiro e, segundo Metzler (2006), o teatro de natureza brasileiro era voltado para a fruição da elite, onde as classes mais altas situavam-se próximas ao palco e eram segregadas da população pobre, sem estabelecer comunicação entre si ou entre os atores.

Essas duas experiências nos dão base para compreender sobre o que se trata o teatro de rua. Sem data de início oficial, os espetáculos de rua constroem seus trabalhos a partir das dicotomias e contradições dos contextos em que estão inseridos. Surge inicialmente a partir de uma rejeição às quatro paredes dos edifícios teatrais, implicando no entrelaçamento entre a cena urbana (que agora faz parte do texto dramaturgico) e as questões sociais (PAVIS, 1996 apud FURQUIM E LIMA, 2008). As errâncias, os caminhares da vida cotidiana e as ações des-pensadas fazem parte do diálogo corpografado dos espetáculos urbanos. Sobre isso, Carreira (2008) afirma que o teatro de rua redefine a ordem da cidade, pois existe uma relação intrínseca entre a cena e a zona urbana ocupada.

“A cidade invadida não é um cenário. Ela não contém a cena. Ela modula a técnica e condiciona a percepção do público, pois diferentemente da cenografia, a silhueta urbana é propriedade do público e porta um quadro de significação prévio à intervenção teatral. Esse quadro sempre será uma força forte, que é a que justamente interfere na própria *performance* do ator.” (CARREIRA, 2008 apud FURQUIM E LIMA, 2008, p. 74, grifo do autor).



01. foto 38/Autoria desconhecida

Foto retirada durante o evento de lançamento do livro “Caminhares Periféricos” em 2017, fruto da pesquisa de Altemar di Monteiro e do processo criativo do espetáculo “Jardim das Flores de Plástico” (2015). Disponível em: <<https://www.ceara.gov.br/2018/06/22/grupo-nois-de-teatro-realiza-evento-de-lancamento-do-livro-caminhares-perifericos/>>.

Ao abrir esse canal de diálogo do espaço com o público, as dramaturgias dos espetáculos de rua têm a capacidade de complexificar o olhar sobre a cidade (MONTEIRO, 2017), pois o autor afirma que lugares apoéticos estão cheios de potência dramaturgica. Ao invadir a cena urbana, os espetáculos de rua trazem um novo olhar sobre as dramaturgias da cidade, convidando os espectadores a desvendar os códigos daquele ambiente (CARREIRA, 2008). Foi sob essa perspectiva que surgiu o espetáculo O Jardim das Flores de Plástico (2015), que trata dos caminhares periféricos pelas ruas do Grande Bom Jardim, destacando a *“a aventura pelas ruas, como locus de reinvenção dos discursos sobre os espaços urbanos em que habitamos”* (MONTEIRO, 2017, p.17).

Partindo disso, este trabalho apresenta uma sugestão de ancoragem: **ressaltar a capacidade do arquiteto-urbanista de intervir no espaço de modo a promover o surgimento de narrativas outras** - ao propor um teatro a céu aberto atrelado a um sistema de áreas de lazer, pretende-se atizar a imaginação e imprimi-la no papel, implicando em uma expansão sobre a ideia do que se denomina “teatro”. Sobre isso, Monteiro (2018) afirma que:

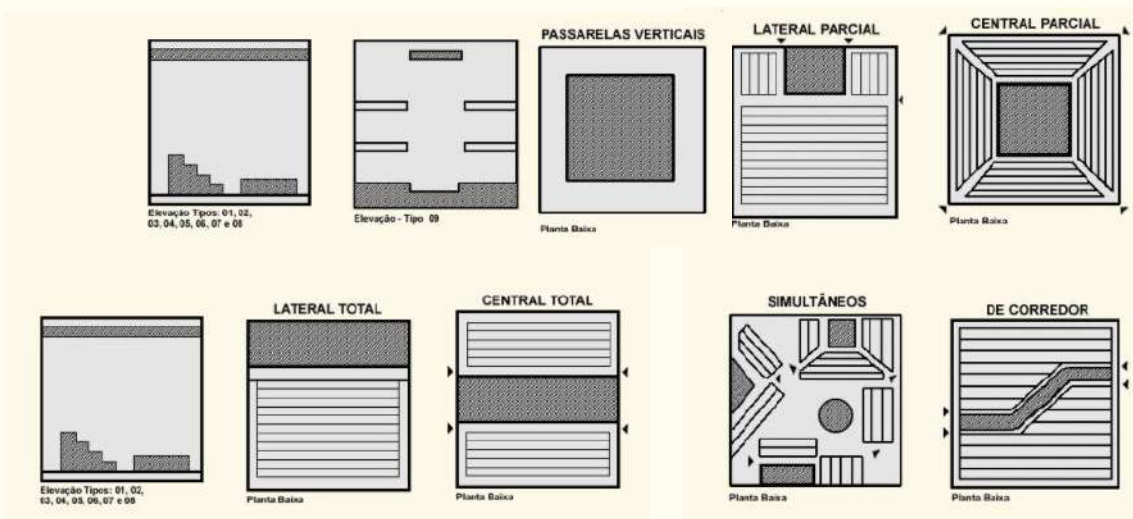
“Perceber a cidade como dramaturgia talvez seja uma possibilidade de pensar em compor junto a ela. Tratá-la como cenário, ou simplesmente como território alternativo quando não podemos usar uma sala de teatro, é subjugar-la em sua potência de composição, de interferência e diálogo com nossas proposições. A rua pulsa em dramaturgia.” (DI MONTEIRO, 2018, p.17).

Buscou-se incorporar o teatro de rua, a partir de suas conformações cenográficas múltiplas, no partido de projeto, procurando por um **elemento chave flexível o suficiente para acolher as dramaturgias do dia-a-dia e da cena ensaiada.**

A opção por um **elemento chave** em vez de uma conformação de anfiteatro parte das diferentes conformações de palco/espço cênico que um espetáculo contemporâneo pode adquirir. Além disso, o fato de o recorte de intervenção tratar de um sistema de áreas de lazer, nos convida a pensar em um elemento que se adapte para usos que excedam a encenação.

Por isso, utilizou-se como referência o sistema de cobertas do teatro múltiplo, adotado pelo Centro Técnico de Artes Cênicas (CTAC). A foto 39 a seguir revela a flexibilidade que esse sistema proporciona para os diversos tipos de espetáculo. Ainda sobre isso, permito-me trazer:

A ausência de molduras no espaço que enclausuram atividades culturais contribui para a espontaneidade;
 espontaneidade gera apropriação;
 apropriação gera criação;
 criação gera ação;
 ação gera momentos;
 momentos geram histórias;
 histórias geram afetos;
 afetos são espontâneos;
 eis o início do fim.



01. foto 39/Espaços múltiplos CTAC

Espaço coberto que se adapta a diferentes composições de palco e de público. Fonte: CTAC.

A.P. 5
C

imaginações escritas



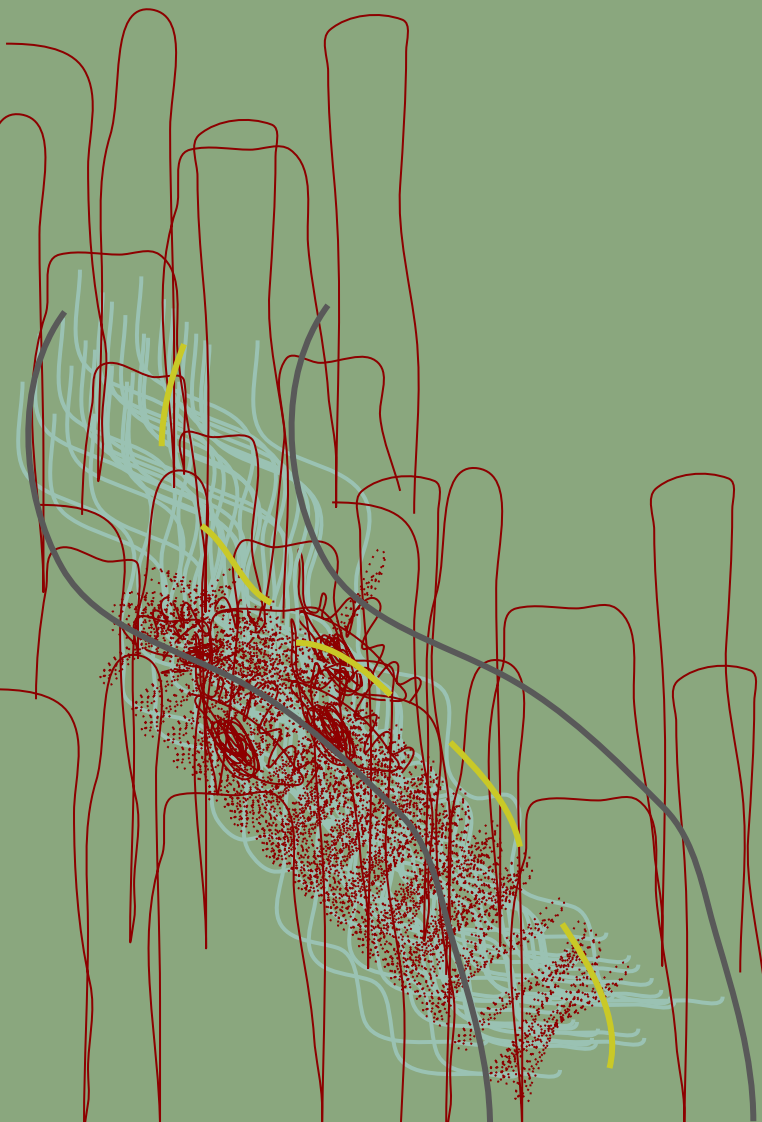
SINAPSES

Este capítulo trata sobre as propostas destinadas ao recorte de intervenção explicado ao longo dos capítulos anteriores. De base das informações adquiridas neste trabalho, para a área verificaram-se demandas relacionadas à mobilidade urbana, drenagem, arborização, acessibilidade e áreas de lazer. A partir da proposta desses espaços pretende-se escrever um convite ao lazer urbano (ROLNIK, 2000) lento, de contemplação e de possibilidades abertas.

Inicialmente, fez-se um diagnóstico da situação atual de mobilidade, destacando os principais conflitos e pontos de intervenção, apresentados em um mapa síntese de mobilidade. O desenho e os cortes da proposta foram elaborados com base nos Guias de Desenho Global de Ruas (2016) e de Desenho de Vias para Bicicletas (2017). Em seguida, tratou-se do Sistema de Áreas Livres de Tardin (2008), destacando as diretrizes gerais de arborização e de pisos. Para tal, foi consultado o Manual de Arborização Urbana de Fortaleza (2020) e Sites de fabricantes de piso, respectivamente.

Por fim, as diretrizes gerais e específicas para cada quadra são apresentadas nas fotomontagens, onde cada decisão foi explicada a partir de um estudo de caso respectivo àquele ambiente. Para as quadras frouxas (1, 2, 3 e 7) e de jogar (quadra 4) consultou-se apenas as diretrizes gerais de arborização, calçamento e cobertura (explicadas ao longo do capítulo), realizando adaptações necessárias de acordo com os limites do local. Quanto à praça teatro (quadra 5), o Parque da Cidade em Sobral e o Red Ribbon Park na China foram os principais referenciais, bem como as in-

-tervenções urbanas realizadas em torno do Dragão do Mar, em Fortaleza-CE. Por sua vez, a praça de brincar (quadra 6) foi inspirada nos playgrounds de Aldo Van Eyck e nas obras de Hélio Oiticica. O capítulo termina com as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas para a produção deste trabalho.



cada lugar tem sua coisa

[...] essa rua tem o nome de um rio
que a cidade
su fo cou [...]

Trecho da música **Iarinhas**, Luiza Lian (2019).
Disponível em
https://www.youtube.com/watch?v=vSs3P5-VeIg&ab_channel=LuizaLian



© 2021 Google

UM CHAMADO À INVENÇÃO...

Projetar um sistema de áreas livres é um exercício contraditório: desenhar uma praça e setorizá-la é uma tentativa solitária de pôr ordem na algazarra da vida. O imprevisível, portanto, deve entrar como uma **força de composição do espaço**, que vai servir como um lugar de estar com o mundo e com as pessoas. Minhas ações projetuais, portanto, não serão impositivas, mas sim parte de um exercício criativo de possibilidades que partem do instável.

Vale ressaltar que, assim como Monteiro (2017), esse trabalho não pretende exaltar o descuido do poder público em relação às periferias da cidade sob o pretexto de se tratar de contradições com potencial dramático. Sobre isso o autor traz:

O que se coloca aqui, é importante sublinhar, não se trata de um elogio primitivista ao espaço rudimentar e sem estruturas de saneamento básico e projeto arquitetônico, pelo contrário, desde sempre o Nós de Teatro tem colocado em jogo, inclusive em cena, o direito cidadão do bairro à cidade planejada. Contudo, o que se evidencia neste pensamento é a **atenção sensível ao viés vernacular** de uma arquitetura e uma topografia que se façam a partir das necessidades de um lugar e não do desejo idealizado e modernizante de um projeto sem relação com a comunidade. (MONTEIRO, 2017, p.150, grifo nosso).

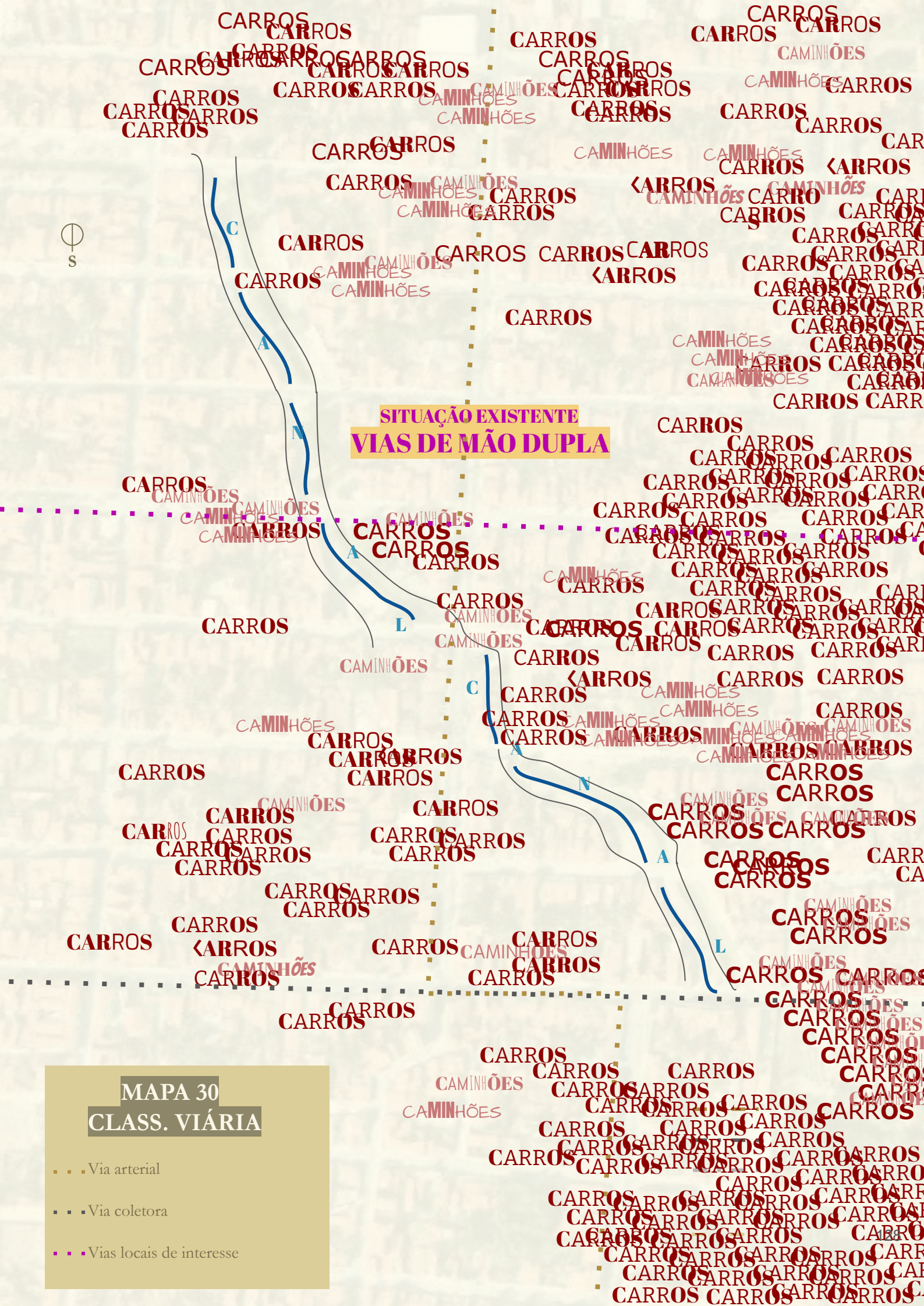
Sendo assim, é a partir da perturbação e da atenção sensível que dou início ao meu partido. O mapa 30 a seguir dá destaque aos elementos protagonistas da mobilidade urbana no recorte de intervenção, dando início a atividade projetual. Em seguida, o masterplan elenca as principais âncoras de projeto, com diretrizes gerais e respectivas a cada quadra ao longo do capítulo.



SITUAÇÃO EXISTENTE
VIAS DE MÃO DUPLA

MAPA 30
CLASS. VIÁRIA

- Via arterial
- Via coletora
- Vias locais de interesse



SITUAÇÃO EXISTENTE - MOBILIDADE URBANA E RUA LONDRINA

O mapa 30 anterior ilustra a situação de fluxo caótico que acontece nos cruzamentos entre as ruas destacadas. Considerando projetos de requalificação de áreas de lazer em bairros vizinhos e na própria bacia do Maranguapinho, é esperado que o fluxo de automóveis se intensifique ao longo dos próximos anos. Diante disso, a ausência de sinalização combinada com a diversidade de modais presentes nas vias ao longo do dia contribui para situações de engarrafamento e conflitos que poderão ocasionar acidentes, principalmente no cruzamento entre a Rua Londrina e Av José Torres. Essa situação pode ser verificada nas fotos 40 e 41 ao lado.

Atualmente, a Rua Londrina possui canteiro central de largura igual a 1.20m, arborizado na extremidade à oeste do cruzamento com a Av. José Torres. À leste do cruzamento não há canteiro central e a faixa lateral da via é utilizada como estacionamento temporário de veículos.

De acordo com o Guia Global de Desenho de Ruas (2016), ruas mais largas que 3,50m e com raios de curvatura maiores que 3,00m tendem a criar um ambiente inseguro para pedestres e ciclistas, pois favorecem o fluxo e o aumento da velocidade dos carros. No caso da Rua Londrina, sua largura, com o canteiro central é de aproximadamente 11,00m, o que indica que precisam ser adotadas algumas **estratégias de modo a garantir a segurança dos modais ativos**.

Por ser uma via local, o fluxo de veículos não é intenso o tempo inteiro. Apesar disso, notam-se



01. fotos 40 e 41 /google maps

situação atual dos trechos à oeste e à leste do cruzamento da rua Londrina com a Av. José Torres, respectivamente.

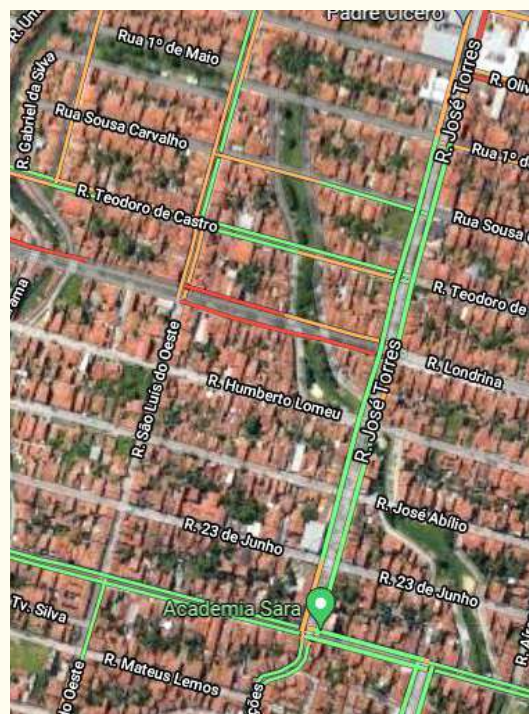


alguns conflitos nos horários de pico dada a má sinalização e a presença do tráfego de caminhões ao longo trecho (ver foto 42 ao lado). Seu desenho original estabelece uma ligação entre o canal e um dos afluentes do Maranguapinho, conforme a foto 43 aponta. Isso revela a existência de **potencial paisagístico para a via**, pois, além disso, existe espaço hábil para propor continuidade do canteiro central arborizado para o trecho à direita do cruzamento, criando unidade visual e mais conforto para os pedestres.

Uma outra questão a se ressaltar é a presença de pontos de alagamento dada a inclinação do terreno, como mostra o já referenciado *Mapa 26: Sistemas ambientais e curvas de nível no setor 2*. As fotos 43 a 45 em seguida mostram a situação em alguns trechos. Portanto, faz-se necessário adotar para a via uma **estratégia de drenagem que também converse com seu potencial paisagístico**.

Por fim, a via possui largura suficiente para comportar ciclovia de ambos os lados, facilitando a **conexão segura** desta com bairros vizinhos e pontos de interesse nas proximidades. As propostas para a área são:

1. **Adequar** travessia, sinalização e calçamento para pedestres;
2. **Conectar** os afluentes do Maranguapinho através da proposta de ciclovia para ambos os trechos da via;
3. **Ressaltar** seu potencial paisagístico através da proposição de um sistema de drenagem integrado, canteiro central arborizado e calçamento adequado e uniforme para a mesma.



01. foto 42/google earth

situação em tempo real do fluxo de trânsito da região. Quanto mais próximo ao vermelho, maior o congestionamento. Print retirado às 17h do dia 27/01/22 (quinta-feira).



01. foto 43/google maps

em verde tracejado: proposição de conexão paisagística entre os afluentes do Maranguapinho. Sem escala.



02. foto 44/google maps

trechos de drenagem deficiente ao longo da rua Londrina

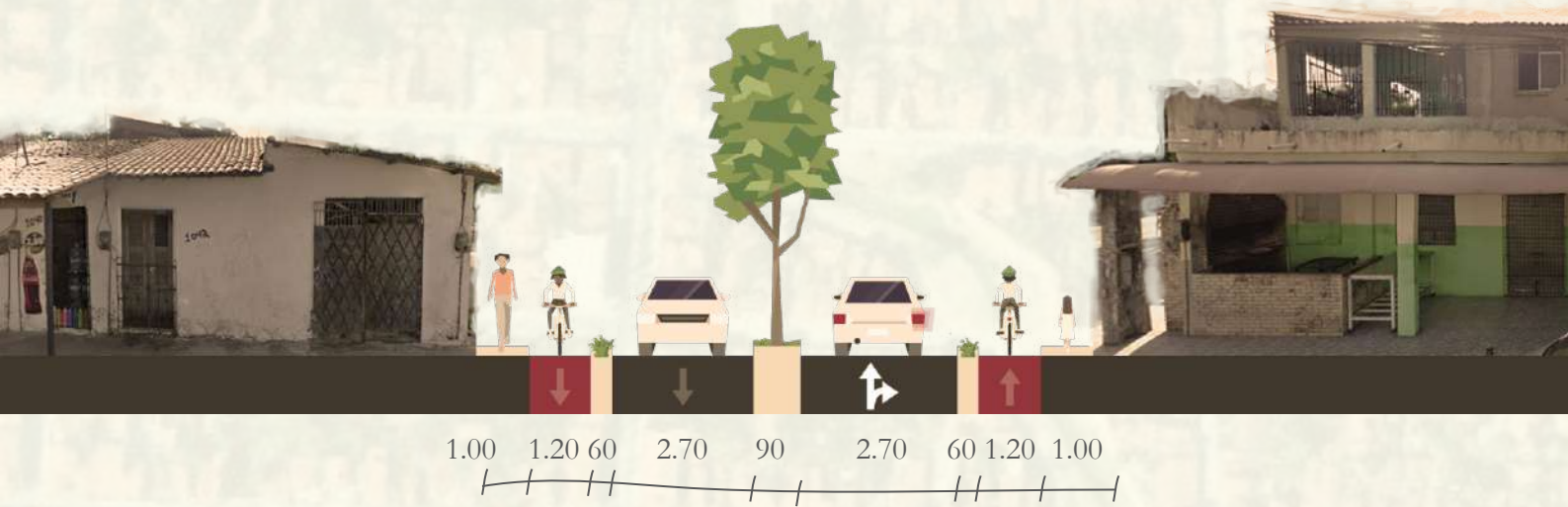


03. foto 45/google maps

trechos de drenagem deficiente ao longo da rua Londrina



FLUXOS SOBREPOSTOS



02. Corte Esquemático 01

Fotomontagem de proposta para a circulação.

Contém:

- CALÇADA 1.00m
- CICLOVIA 1.20m
- JARDIM DE CHUVA 0.60m
- LEITO CARROÇÁVEL 2.70m
- CANTEIRO CENTRAL 0.90m

Diagram showing a street layout with multiple instances of 'rua londrina' (London Street) and a central area marked with a '2' in a circle.

SITUAÇÃO EXISTENTE - AV. JOSÉ TORRES

Em relação à Avenida José Torres, por ser uma Via Arterial do Tipo I, ela possui algumas características gerais: fluxo é intenso, caixa viária larga, bidirecional, com duas mãos para veículos em ambos os sentidos, além de também possuir um canteiro central largo. Assim como a rua Londrina, também constam problemas pontuais de drenagem, má sinalização para pedestres e ausência de infraestrutura para bicicletas.

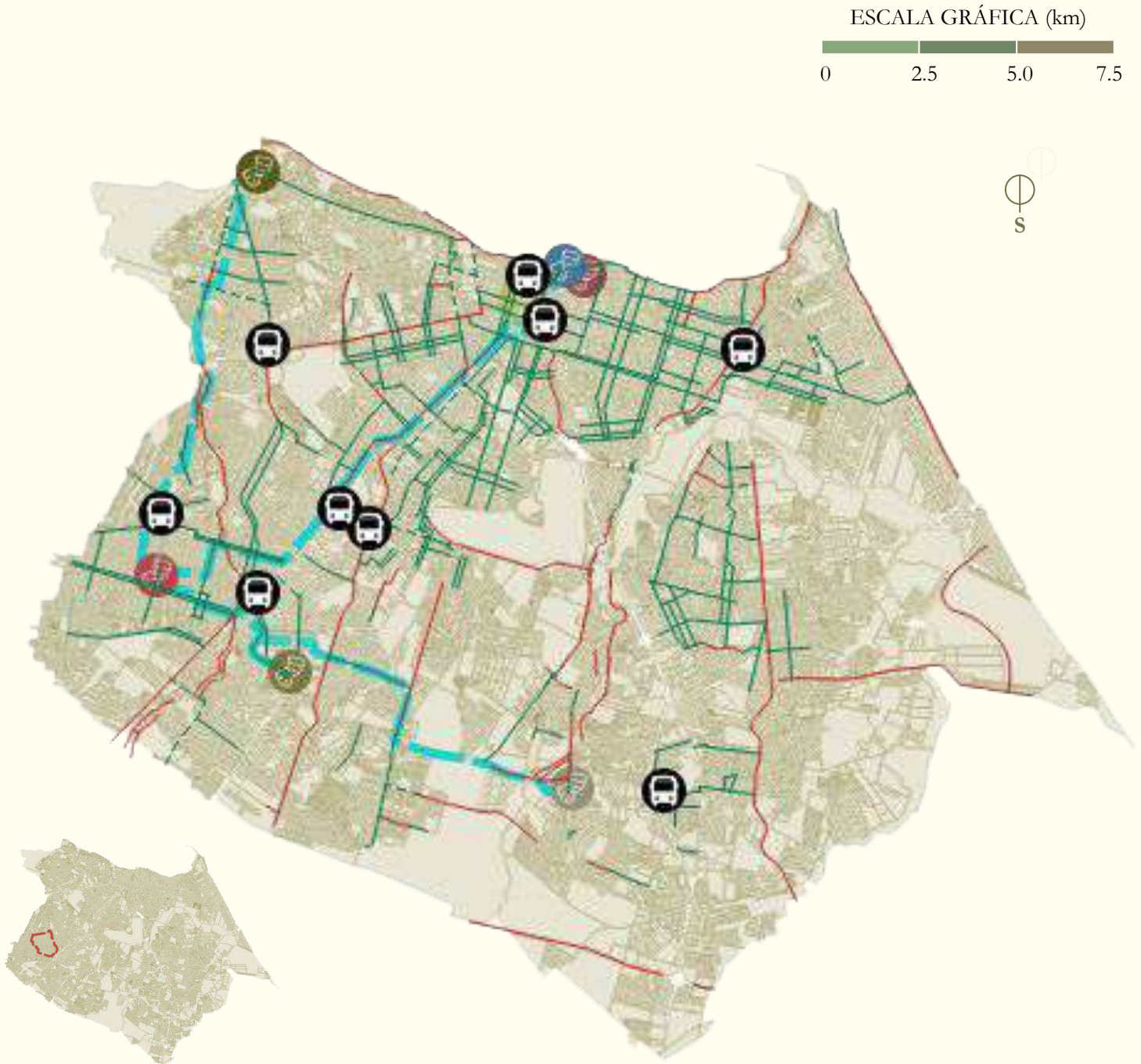
Além disso, a avenida se conecta à uma via Coletora (Rua Coronel Fabriciano), que corta horizontalmente a Granja Lisboa e a Granja Portugal, conectando-os ao Conjunto Ceará e ao Mondubim. Por sua vez, a Avenida José Torres cruza os bairros verticalmente, conectando-os também ao Conjunto Ceará e ao Siqueira. Outra característica da avenida é que ela conecta diversos serviços de uma ponta a outra, como é possível verificar no já referenciado *Mapa 29: Aproximação para o recorte de intervenção*. Também existe presença de algumas paradas de ônibus ao longo da via, o que requer uma atenção especial no desenho, de modo a evitar conflitos entre os modais.

No recorte de intervenção (ver mapa 29), o cruzamento da Av. José Torres com a rua Londrina **foi considerado um ponto de interesse** dadas as características semelhantes entre as duas vias. No entanto, o mesmo necessita de **estratégias que tornem a travessia de pedestres e de ciclistas mais segura**, pois a falta de sinalização, semáforo, e calçamento adequado em alguns trechos é um problema tanto para a mobilidade urbana como para a acessibilidade.



Diante disso, fez-se a consulta do Plano de Desenvolvimento Ciclovitário Integrado (PDCI) da cidade, mas **não foram verificados projetos previstos** para implementação de novas infraestruturas ciclovitárias para a região.





Mapa 31: **Mapa com a malha cicloviária de Fortaleza e próximas implementações.** Base de dados disponível em: <https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>. Elaboração própria em 20 dez. 2021.

LEGENDA MOBILIDADE

- Ciclovía
- Ciclofaixa
- Ciclorrota
- - - Próximas implementações (PMF)
- - - Propostas para pedaladas de lazer

LEGENDA BAIROS

- Quadras Fortaleza

LEGENDA EQUIPAMENTOS

- 🚌 Terminal de ônibus
- 🎭 Sede Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)
- 🍷 Cuca Mondubim
- 🍷 Cuca Jangurussu
- 🍷 Cuca Barra
- 🎭 Theatro José de Alencar (TJA)
- 🌊 Dragão do Mar
- 🎭 Caixa Cultural de Fortaleza



Mapa 32: Mapa com a malha cicloviária de Fortaleza e próximas implementações dentro do setor 2. Base de dados disponível em: <<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>>. Elaboração própria em 20 dez. 2021.

LEGENDA MOBILIDADE

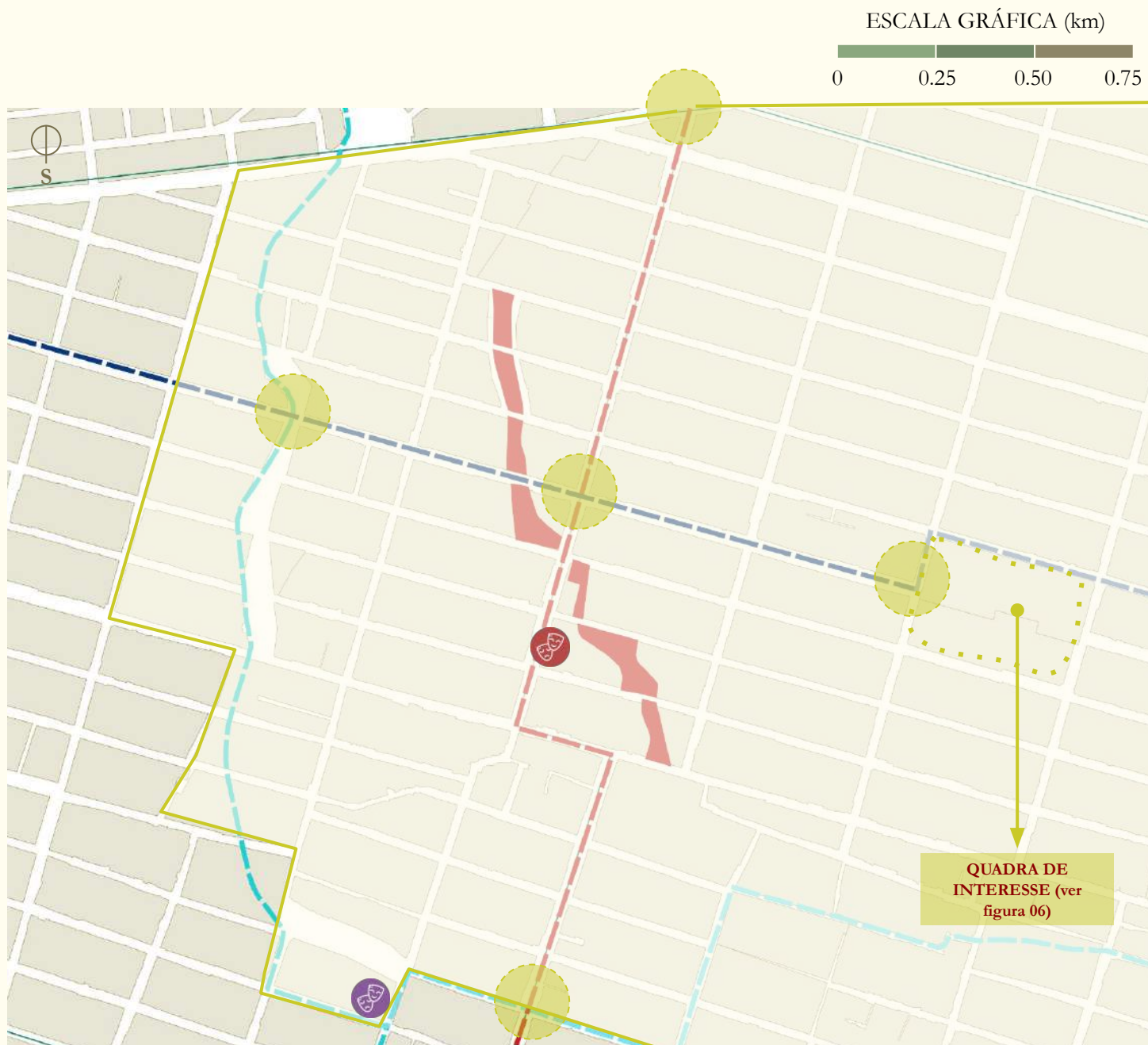
- Ciclovia
- Ciclofaixa
- Ciclorrota
- - Próximas implementações (PMF)
- - - Propostas para pedaladas de lazer

LEGENDA BAIRROS

- Quadras Fortaleza
- Setor 2 de aproximação

LEGENDA EQUIPAMENTOS

- Terminal de ônibus
- CCBJ
- Sede Nois de Teatro
- Cuca Mondubim
- Horta Comunitária Maria Abreu



Mapa 33: Mapa com a malha ciclovitária de Fortaleza e próximas implementações propostas pela Prefeitura e conexões propostas pela Autora. Base de dados disponível em: <<https://urbanismoemeioambiente.fortaleza.ce.gov.br/infocidade/11-arquivos-kml-s-e-kmz-s>>. Elaboração própria em 20 dez. 2021.

LEGENDA MOBILIDADE

- Ciclovía
- Ciclofaixa
- Ciclorrota
- Próximas implementações (PMF)
- Propostas para pedaladas de lazer
- Ciclovía Rua Londrina
- Ciclofaixa Rua Londrina
- Ciclovía Av. José Torres

LEGENDA BAIROS

- Quadras Fortaleza
- Pontos de conexão entre as infraestruturas ciclovitárias
- Setor 2 de aproximação
- Recorte de Intervenção

LEGENDA EQUIPAMENTOS

- CCBJ
- Sede Nois de Teatro



Av.: JOSÉ TORRES

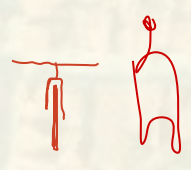
- Adequar travessia, sinalização e calçamento para pedestres
- Conectar a Granja Portugal ao Conjunto Ceará através proposição de uma ciclovia para a Av. José Torres
- Adequar o tráfego das bicicletas com as paradas de ônibus ao longo da mesma Av.



SITUAÇÃO PROPOSTA COMO CHEGAR?

R. LONDRINA

- Adequar travessia, sinalização e calçamento para pedestres
- Conectar os afluentes do Maranguapinho através da proposta de ciclovia e de arborização para a Rua Londrina
- Ressaltar potencial paisagístico da via através da proposição de um canteiro central arborizado e calçamento adequado para a mesma



CRUZAMENTO JOSÉ TORRES x R. LONDRINA

- Priorizar o tráfego de pedestres e de bicicletas nos cruzamentos
- Adequar sinalização nas vias de modo a evitar conflitos entre os modais

RUA CEL. FABRICIANO

CLASS. VIÁRIA

- Via arterial
- Via coletora
- Vias locais de interesse

1

SITUAÇÃO PROPOSTA

Os mapas 31, 32 e 33 revelam respectivamente a situação da malha cicloviária de Fortaleza atualmente (dados de 2020). Nossa cidade conta com um Plano Diretor Cicloviário Integrado (PDCI), cujo objetivo é institucionalizar a bicicleta como um modal efetivo de transporte, dispondo aos ciclistas uma infraestrutura conectada, segura e confortável, suprimindo as demandas de deslocamento e **criando oportunidades** para que a mobilidade ativa se torne cada vez mais presente na cidade.

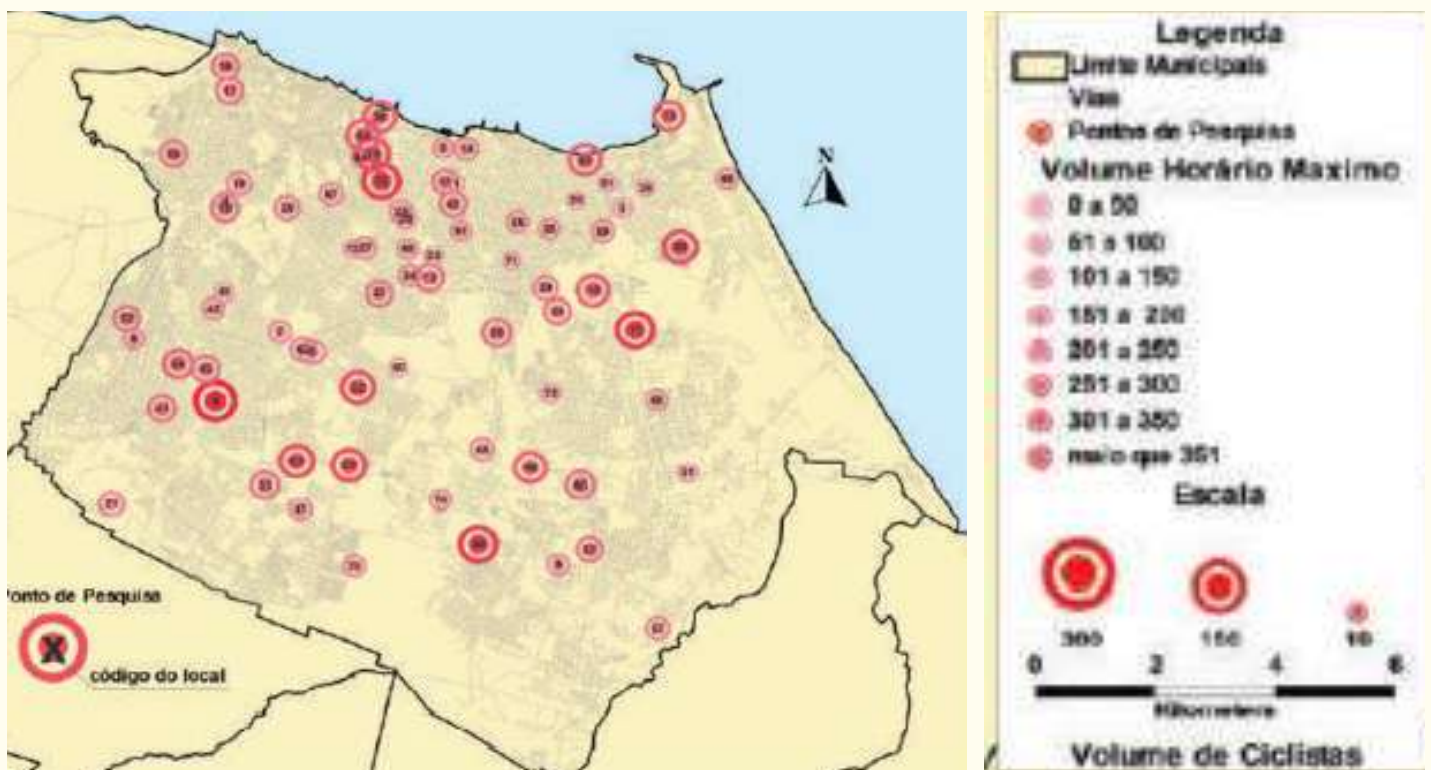
A partir de dados retirados desse plano, foi possível concluir que o perfil de um ciclista urbano de Fortaleza é um indivíduo entre 25 e 45 anos de baixa renda que utiliza a bicicleta como meio de transporte, principalmente no trajeto casa-trabalho. A pesquisa de volume de tráfego trazida no relatório também aponta que as **regiões periféricas da cidade são as que possuem um volume maior de ciclistas** (ver figura 07). Sendo assim, as propostas de ciclovia para os bairros ajudam a **suprir a demanda por mais infraestrutura** para ciclistas, contribuindo para melhorar a mobilidade intraperiférica e a conexão com os pontos importantes dentro dos bairros do recorte de intervenção e nas vizinhanças imediatas.

Resgatando os conceitos de lazer urbano de Rolnik (2000)⁶⁸, o mapa 33 traz uma sugestão de percurso de pedal: um traçado pensado para conectar, à escala da bicicleta e do pedestre, os principais equipamentos públicos de lazer da cidade. O presente trabalho, porém, vai tratar da escala de implementação desses percursos apenas no recorte de intervenção (ver mapa 29).

⁶⁸ para melhor compreensão da discussão, consultar o Capítulo 01 deste trabalho e a obra “O lazer humaniza o espaço urbano” (ROLNIK, 2000).

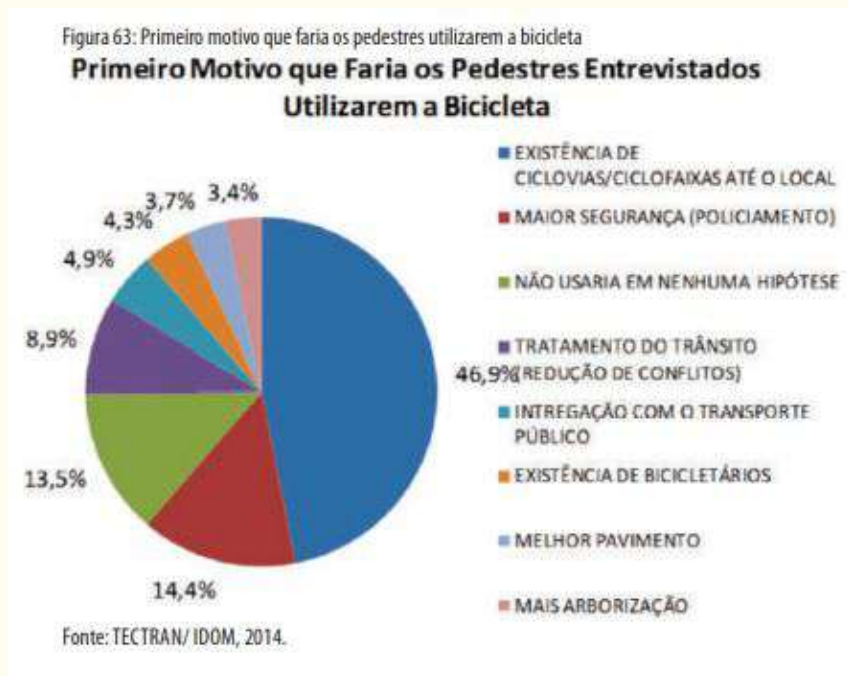
Por sua vez, a partir dos mapas 31 e 32 é possível verificar que existem linhas de infraestrutura cicloviária próximas aos pontos de interesse e ao microrrecorte de intervenção. Sendo assim, de modo a fornecer oportunidades de percurso alternativos a esse eixo casa-trabalho, propõem-se novas ciclovias e ciclofaixas (ver mapa 33) para a Av. José Torres e para a R. Londrina. A partir dessa costura será possível realizar deslocamentos mais seguros entre os pontos de lazer e de interesse indicados, representados no mapa como “pontos de conexão”.

Além disso, ao propor um desenho de ciclovia, é necessário considerar um aumento de tráfego na mesma ao longo dos anos, uma vez que infraestrutura adequada é o principal motivo apontado por pedestres para adotarem a bicicleta como meio de transporte (ver gráfico 03).



03. Figura 07/PDCI Fortaleza. TECTRAN IDOM, 2014

Volume máximo de ciclistas observado ao longo do dia em Fortaleza



03. gráfico 03/PDCI Fortaleza

Mais de 60% das respostas trazem os principais fatores como sendo: investimento em infraestrutura e em segurança pública.

Por sua vez, em relação aos pedestres, de acordo com o Guia de Desenho de Ruas da Nacto (2016), um cruzamento seguro para esse público deve considerar, principalmente, o fluxo de carros, largura da via e trânsito de pessoas ao propor novas faixas de travessia. Também deve-se prever sinalização adequada, ilhas de repouso (em casos específicos) e/ou outras estratégias de traffic calming quando necessário.

Além disso, é fundamental antecipar possíveis comportamentos de risco dos indivíduos, que ocorrem principalmente quando o cruzamento entre ruas envolve três ou mais faixas de pedestre. Nesses casos, vale considerar a implementação de uma travessia transversal, conforme mostra a [figura 08](#) ao lado. Além disso, é necessário que indivíduos de **todas as idades, com necessidades especiais ou não**, sejam capazes de cruzar as ruas de maneira segura. Dessa forma, a sinalização e o semáforo com tempo superior a 40 segundos de contagem regressiva⁶⁹.

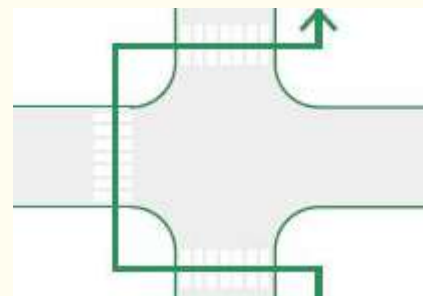


Figura 08: **Situação desfavorável para pedestres.** O guia diz que é mais provável o cruzamento transversal. Fonte: Urban Street Design Guide, p.110, 2013.

⁶⁹ Consultar Guia Global de Desenho de Ruas (2016).

As figura 09 ao lado, retirada do mesmo guia, trazem as recomendações necessárias para uma travessia segura. São elas:

1. Pintar as faixas de pedestres com linhas grossas, facilitando a visualização;
2. Seu tamanho pode exceder as rampas de acesso em largura, de modo a priorizar uma travessia mais segura;
3. Faixas elevadas ou coloridas aumentam a visibilidade e podem ser utilizadas em lugares de alto tráfego;
4. Deve-se reforçar a iluminação pública nesses trechos;
5. Rampas de acesso são indispensáveis para garantir um desenho urbano universal;
6. Quando possível, desenhar raios menores nas esquinas: isso desestimula curvas em alta velocidade e oferece mais segurança ao pedestre e ao ciclista;
7. Quando possível, instalar ilhas de segurança em vias cujo tráfego de modais for mais intenso.

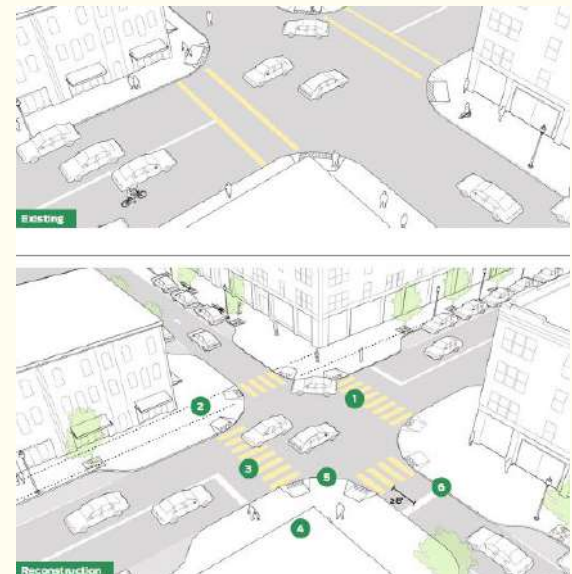


Figura 09: **Proposição para cruzamento amigável ao pedestre.**

Fonte: Urban Street Design Guide, p.112, 2013.

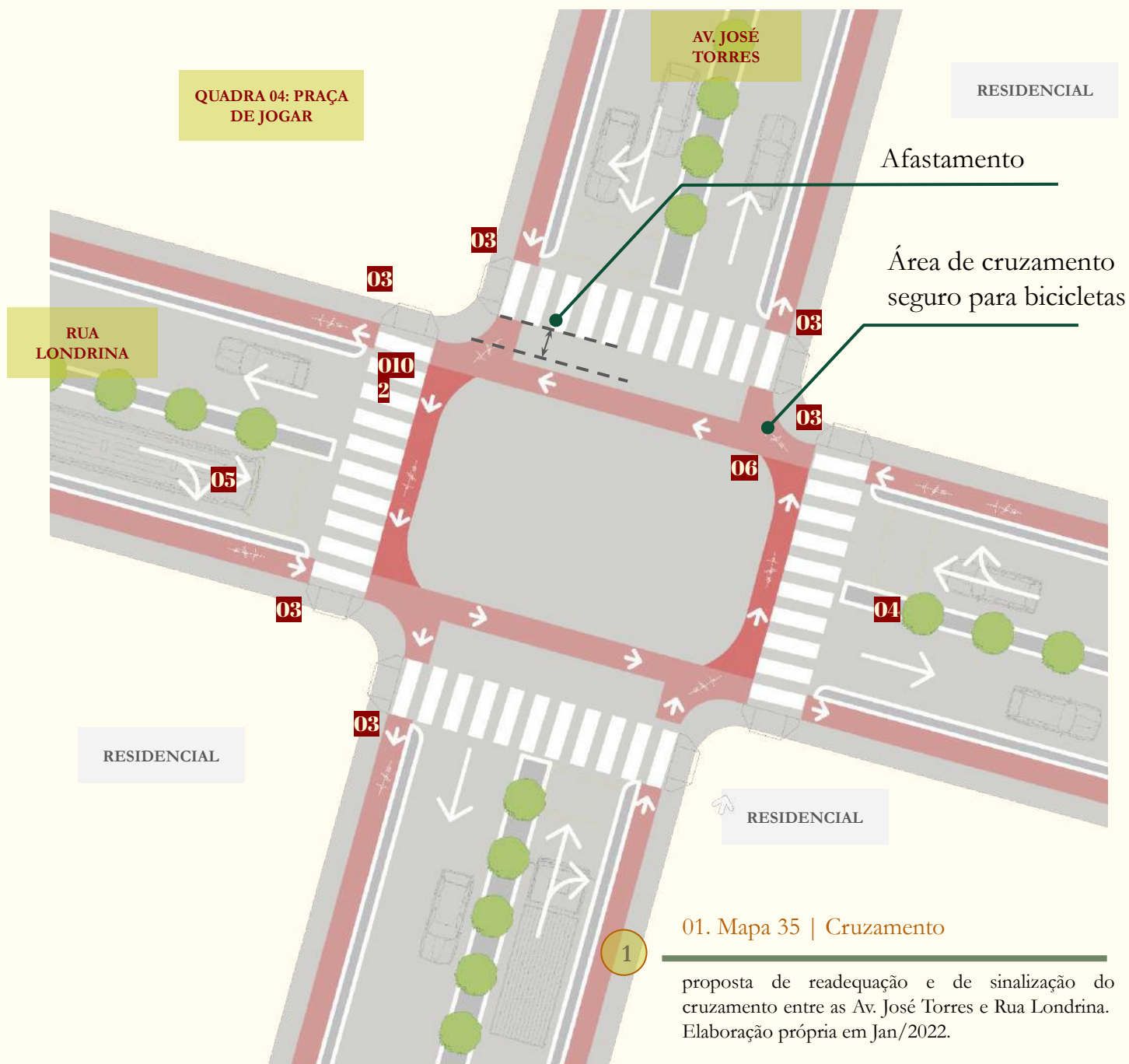
Buscando seguir essas diretrizes, faz-se necessário realizar um projeto de sinalização para pedestres e de ciclovias para o cruzamento da Av. José Torres x Rua Londrina. Algumas aproximações para recortes específicos são necessárias, de modo a solucionar conflitos entre a circulação de bicicletas, de ônibus e de passageiros. O mapa 34 trouxe um resumo das proposições estabelecidas para as vias tratadas até então e, por fim, o mapa 35 traz as propostas de readequação do cruzamento.

ESTRATÉGIAS ADOTADAS:

1. Proposição de 4 faixas de pedestres
2. Afastar faixas de pedestre em 1,50m em relação ao meio da curva, de modo a garantir um cruzamento seguro para as bicicletas
3. Rampas de acesso da calçada para a via
4. Continuidade no canteiro central na Rua Londrina + proposta de arborização
5. Pintura no asfalto dos sentidos das vias
6. Pintura no asfalto que prioriza a bicicleta nos cruzamentos

ESCALA GRÁFICA (m)

0 1.0 2.0 4.0 8.0



DESENHO DAS CICLOVIAS PROPOSTAS

A opção por adotar o desenho das ciclovias **na faixa direita em vez do canteiro central** baseia-se tanto na experiência própria de pedalar na cidade, como nas propostas presentes no Guia Global de Desenho de Ruas (NACTO, 2016) e no Guia de Desenho de Vias para Bicicleta (NACTO, 2014). Para que o projeto seja inclusivo, é necessário que ciclistas de **todos os níveis de experiência sintam-se confortáveis e seguros** no deslocamento.

A ciclovia no canteiro central (ou ao lado do mesmo) põe o ciclista inexperiente em situação de conflito com os veículos motorizados, devido à faixa da esquerda ser a de ultrapassagem e a de maior velocidade. Além disso, em algumas situações, a faixa no canteiro central pede por um desenho e sinalização adequada que eduquem os motoristas a dar preferência para a bicicleta nos cruzamentos, (ver fotos 46 a 48 ao lado).

Por sua vez, a faixa da direita **oferece travessias mais seguras, por colocar os ciclistas em contato com a calçada**. Vale ressaltar que, cabe ao projetista garantir que a circulação dos ônibus, que normalmente ocorrem nessa faixa, não entrem em conflito com a bicicleta, de modo a evitar choques. Sendo assim, a faixa da direita oferece mais vantagens e menos adaptações necessárias para um desenho seguro. Algumas diretrizes básicas foram adotadas (NACTO, 2016):

1. Garantir uma distância mínima de 1.50m entre o ciclista e o veículo motorizado;
2. Dar preferência para separações físicas entre a via da bicicleta e a dos automóveis
3. Garantir cruzamentos mais seguros através de estratégias de design
4. Implantar sinalização própria para o ciclista.



Foto 46: sinalização de presença de ciclovia na Av. Vergueiro, São Paulo.

Fonte:

<https://www.alamyimages.fr/sao-paulo-sp-25-12-2014-sinalizacao-ciclovitaria-em-sao-paulo-sinalizacao-de-vertical-placas-indicando-bicicletas-na-via-pas-de-trecho-da-ciclovia-da-av-vergueiro-regiao-central-foto-antonio-miotto-fotoarena-image209135522.html>



Foto 47: semáforo para bicicletas.

Fonte: Google (domínio público).



Foto 48: sinalização de ciclofaixa com placa educativa. Fonte: Acervo próprio (2021).

multicores

[...] Quando meus olhos estão sujos de
civilização, cresce
Por dentro deles um desejo de árvores e
aves [...]

Trecho do livro de Pré-Coisas
Manoel de Barros. 1996. p.199.

PONTOS FOCAIS










A partir deste ponto do trabalho, abordar-se-ão as estratégias definidas na tabela síntese (ver capítulo 03 deste trabalho). Segundo Tardin (2008), os espaços livres “são também os lugares mais frágeis e um dos mais promissores, tendo em conta a possibilidade de reestruturação do território, já que podem assumir algumas importantes funções” (TARDIN, 2008, p.44). As quadras do recorte de intervenção recebem a função de áreas de lazer dadas as suas qualidades cênicas e aspectos biofísicos também citados na tabela síntese. Atualmente os referidos terrenos possuem alguns aspectos cênicos os tornam candidatos para compor um sistema de áreas livres de lazer, são eles:

1. Presença de um córrego canalizado;
2. Vegetação arborea e gramínea similar em todas as quadras;
3. Presença de elementos de lazer em terrenos distintos, como uma quadra de futebol improvisada na quadra 04 e um playground na quadra 06;
4. Entorno residencial semelhante;
5. Vias de dimensões parecidas, com fluxos equivalentes.

Nesse sentido, elabora-se um masterplan apresentado a seguir, destacando as principais propostas para a área, cujas diretrizes gerais destrinchadas serão replicadas nos terrenos equivalentes (ver tabela síntese, p. 115).



MASTERPLAN

-  Recuperar margens do canal com vegetação
-  Proposição de canteiro central
-  Arborização
-  Conexão: Faixa de pedestre elevada
-  Alargamento de calçada
-  Proposição de mobiliário urbano
-  Proposição de playground
-  Proposição de estação de treino
-  Proposição de ciclovia

DIRETRIZES GERAIS:

1. ARBORIZAÇÃO

Recuperar e propor vegetação para as vias e praças podem ser estratégias utilizadas tanto para **mitigar e/ou solucionar problemas relacionados ao microclima da região, além de compor o sistema de drenagem urbana.** De acordo com o Manual de Arborização de Fortaleza (2018), uma rua arborizada contribui para a redução da temperatura de superfície do asfalto, tornando o microclima mais ameno, proporciona beleza paisagística, causando conforto visual aos transeuntes e diminui impactos relacionados à poluição sonora.

Para a escolha de espécies **a serem implantadas no canteiro central**, deu-se preferência por árvores de **médio porte**, de modo a não causar interferência da copa com os telhados, semelhantes às existentes no local. Deve possuir copas frondosas capazes de promover sombra para as residências. Outro ponto considerado foi o diálogo entre essas espécies com as árvores a serem implantadas nas praças do recorte de intervenção, desenhando uma unidade.

Em relação às propostas⁷⁰ de ampliar a **arborização das praças**, deverão ser escolhidas árvores semelhantes às já presentes no local, mas de espécies diferentes de modo a manter a variedade genética no ambiente. Além disso, a copa deve ser frondosa, promovendo sombra e conduzindo a praça (e os demais terrenos alvos de planejamento neste trabalho) a uma harmonia visual, melhor conforto térmico e bem-estar dos moradores.

⁷⁰ “A arborização urbana, quando planejada, gera diversos benefícios ambientais, além de contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população. Para o planejamento adequado devem ser observados detalhes como as condições ambientais da região, o espaço disponível para o plantio, a análise dos elementos da paisagem pré-existente e características da espécie a plantar.” (FORTALEZA, 2020).

Para beleza estética, deve-se considerar o plantio de árvores com folhagem colorida e/ou presença de flores e frutos. As sugestões intercalam-se entre exemplares de **pequeno e médio porte**, uma vez que árvores maiores necessitam de um estudo mais aprofundado sobre a *qualidade do solo*, não abordado neste trabalho. Todas essas seleções foram feitas com base nas diretrizes⁷¹ apontadas no Manual de Arborização Urbana de Fortaleza (2020). A tabela 08 abaixo traz algumas sugestões retiradas do relatório.

⁷¹ Obs.: segundo o mesmo manual, a implantação de árvores em calçadas cujo passeio é contíguo a áreas verdes como praças e parques não é recomendado. Dessa forma, o projeto para as quadras permanece com a proposta de arborização restrita aos espaços de lazer.

ÁRVORES DE PEQUENO PORTE		
Araticum <i>Annona coriacea</i>	Ipê-branco ou peroba <i>Tabebuia roseoalba</i>	Arapiraca <i>Chloroleucon acacioides</i>
Pereiro <i>Aspidosperma pyrifolium</i>	Catingueira <i>Cenostigma bracteosum</i>	Cassia-do-Nordeste <i>Senna splendida</i>
ÁRVORES DE MÉDIO PORTE		
Jucá <i>Libidibia ferrea</i>	Ipê-roxo <i>Handroanthus impetiginosus</i>	Freijorge <i>Cordia trichotoma</i>
Catanduva <i>Ptyrocarpa moniliformis</i>	Pau-branco <i>Cordia oncocalyx</i>	Caroba <i>Jacaranda brasiliana</i>

tabela 08/adaptado

sugestão de espécies retirada do Manual de Arborização Urbana de Fortaleza (2020).

Por sua vez, quando a vegetação é utilizada para solucionar problemas de drenagem, essas estratégias devem ser pensadas de maneira holística, onde as vias fazem parte de um ecossistema complexo, mais sustentável e resiliente - capaz de promover espaços mais agradáveis para as gerações atuais e futuras (NACTO, 2017).

Considerando uma implementação inicial dessa categoria para a região de análise, deu-se preferência para jardins de chuva (ver foto 49),

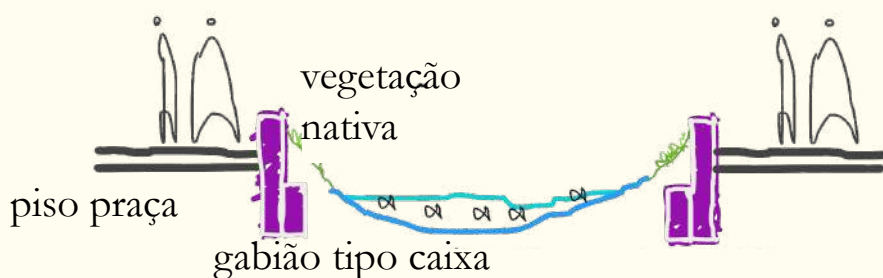
pois apresentam algumas vantagens em comparação com outras infraestruturas verdes e tradicionais. São elas:

1. Sua **manutenção é mais barata** que infraestruturas tradicionais de drenagem, como bueiros e sarjetas (SUSDRAIN apud SAATKAMP, 2019);
2. Seu desenho pode ser adaptado de modo a servir de **barreira física** para ciclovias (NACTO, 2017);
3. **Baixo custo de implementação** (NACTO, 2017);
4. Compor parte da **identidade visual** do projeto, criando uma conexão com a recuperação de vegetação nas margens do canal do recorte de intervenção.

Para compor o **sistema de drenagem e recuperação do canal**, a estratégia utilizada é a de gabiões do tipo caixa. São bastante utilizados em canalizações e em descidas de água, como na obra do Riacho Pajeú, em Fortaleza (ver [foto 50](#) abaixo). Dada a sua estrutura de contenção, pode servir como proteção para evitar quedas no córrego ([ver esquema 03](#)).



Foto 49: ciclovias separadas por jardins de chuva adaptados na Oak Street, San Diego, California. Fonte: Urban Street Stormwater Guide, p.32, 2017.



01. Esquema 03/autora

Esquema ilustrativo da composição do sistema do canal. Obs.: a cor do gabião é meramente ilustrativa. Elaboração própria em Jan/2022.



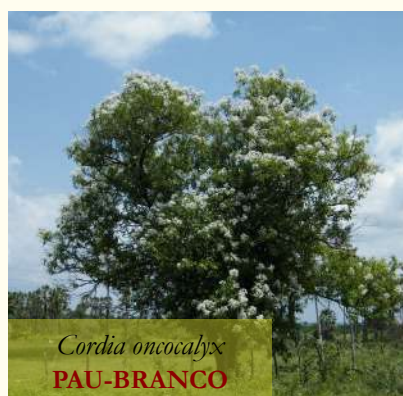
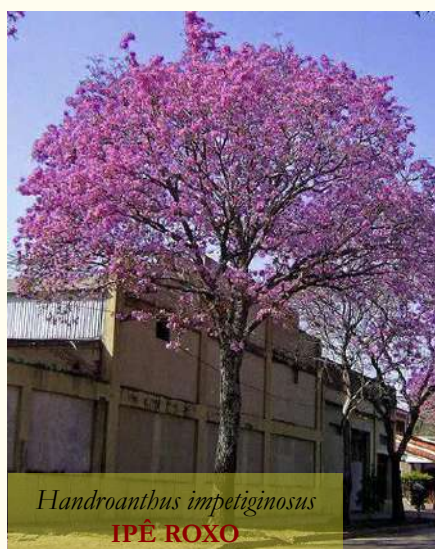
02. Foto 50/Jornal OPovo

Trecho revitalizado do Riacho Pajeú. Disponível em: <Os caminhos do riacho Pajeú | ecossistemas-de-fortaleza | OPOVO+>.

Foto 51: Articum
 Foto 52: Arapiraca
 Foto 53: Ipê Branco
 Foto 54: Pereiro
 Foto 55: Catingueiro

Foto 56: Cássia-do-Nordeste
 Foto 57: Jucá
 Foto 58: Ipê Roxo
 Foto 59: Freijorge
 Foto 60: Catanduva

Foto 61: Pau-Branco
 Foto 62 Jacarandá Boca de Sapo



DIRETRIZES GERAIS:

2. CIRCULAÇÃO/PAVIMENTAÇÃO

Trabalhar sob a perspectiva de composição urbana pressupõe enxergar as coisas de maneira sobreposta, imaginar lugares em que os fluxos sejam flutuantes mas ao mesmo tempo entrelaçados. Traçar **rotas de fuga e de chegada**, destacando as multipossibilidades de dramaturgia ao se compartilhar o espaço público. Para as quadras, escolheu-se trabalhar com dois tipos de piso, considerando necessidades distintas para cada área:

1. Piso drenante: escolhido diante da sua semelhança com o piso cimentício atualmente empregado nas quadras do recorte de intervenção. Tem sido cada vez mais utilizado em projetos paisagísticos diante da sua alta permeabilidade e disponibilidade de cores no mercado. Para os projetos, optou-se pelo acabamento em cor acinzentada, de modo a não criar muito contraste com a paisagem atual;
2. Piso intertravado: a ser utilizado em Travessas ou ruas locais de acesso às quadras do recorte de intervenção. Dessa maneira, os veículos que ainda irão trafegar pelo espaço serão **induzidos a reduzir velocidade**. Ainda, através da comunicação visual mais harmônica entre piso intertravado e piso drenante cria uma unidade no espaço, convidando o pedestre a atravessar a rua e ver o que lhe espera.

Por fim, as fotomontagens a seguir trazem de maneira destrinchada as diretrizes específicas para cada quadra, juntamente com suas justificativas e seus respectivos cenários de ocupação.



01. Foto 63/Google

Piso drenante com arremate para acabamento. Fonte: Conclave Pisos e Revestimentos. Disponível em: <Conclave Pisos e Revestimentos, desde 1996 - Drenante>.



02. Foto 64/Google

Piso intertravado. Fonte: Escola Engenharia. Disponível em: <<https://www.escolaengenharia.com.br/piso-intertravado/>>

DIRETRIZES GERAIS:

3. COBERTA

Por fim, seguindo essa linha de compartilhamento e conexão de espaços, propõe-se um sistema modular para amarração da cobertura, inspirado nos parangolés de Hélio Oiticica e na instalação temporária “*The Shadows of Sant Steve*”, em Olot, Espanha (ver fotos 65 a 68).

Sobre a instalação, trata-se de um evento no qual, durante uma noite no mês de novembro, as ruas recebem uma série de intervenções que tem como principal objetivo ressignificar o espaço. A intervenção realizada pelos arquitetos Anna e Eugeni Bach (2015) faz uso da transparência e da permeabilidade dos tecidos para criar uma fachada-teatro iluminada durante a noite e sombreada durante o dia, convidando os pedestres a adentrarem nessa velha-nova atmosfera.

Os módulos são compostos por estruturas metálicas em perfil “T” de 5x10cm, com ganchos em sua extensão e iluminação, para receber a amarração dos tecidos. A modulação foi aplicada com espaçamento de **1m entre cada pilar para cobrir a passarela**, sendo possível alterar essa distância conforme necessidade. Além disso, a disposição dos ganchos permite que essa base seja utilizada para compor outros elementos. Os esquemas 02 e 03 demonstram dois exemplos. **Sugere-se utilizar: organza, malha ou lona para a cobertura.**

1. Esquema 02: representar a fixação dos ganchos e dos tecidos para cobertura e posicionamento da arandela cubo para iluminação.
2. Esquema 03: para representar outro uso possível para a mesma estrutura metálica. Dessa vez, sobre a passarela, amarrando elásticos aos ganchos, formando um corrimão.



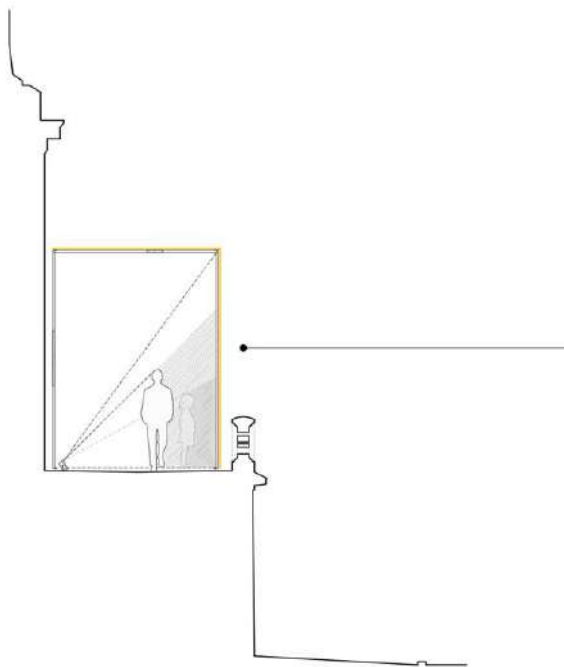
01. Fotos 65 a 68/ Terceira Margem

Fotos da instalação e das performances de Parangolés, Hélio Oiticica. A arte transcende os limites do quadro, compondo a tela junto ao corpo. As imagens podem ser encontradas no site: <http://www.3margem.com.br/inspiraes/2017/2/21/hlio-oitica-artes-plsticas-performances>



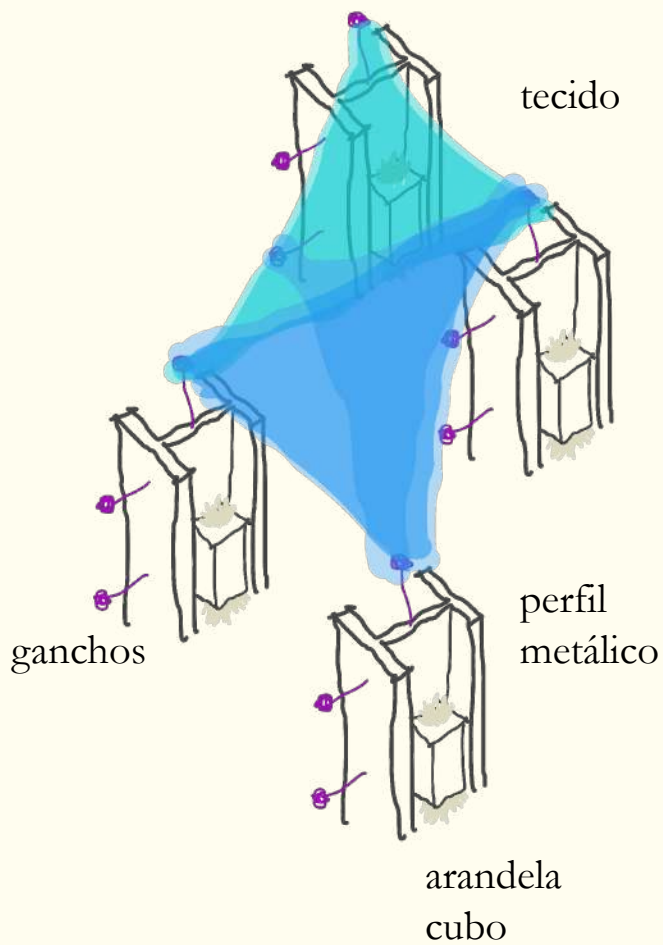
01. Fotos 69 a 71 / Archdaily

Fotos da instalação “The shadows of Sant Steve”.
Disponível em:
<https://www.archdaily.com/785725/the-shadows-of-sant-esteve-anna-and-eugeni-bach>



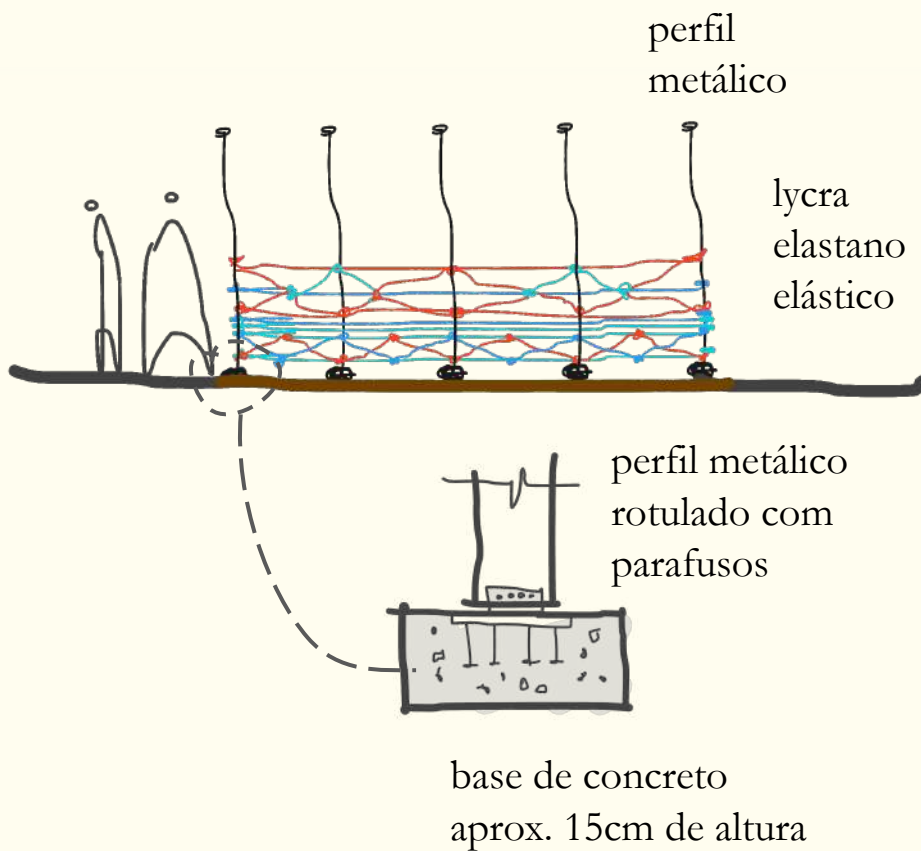
SECTION AND ELEVATION DETAIL





01. Esquema 04 / Autora

Esquema ilustrativo da cobertura, sem escala.
Elaboração própria em Jan/2022.



02. Esquema 05 / Autora

Esquema ilustrativo do corrimão, sem escala.
Elaboração própria em Jan/2022.

DIRETRIZES GERAIS:

4. PASSARELA

Seguindo a ideia de conexão entre os espaços, propõe-se uma passarela que conecte as duas extremidades, ampliando as superfícies de contato. Elas serão cobertas seguindo as mesmas diretrizes mencionadas nos esquemas 04 e 05 anteriores. Por sua vez, o esquema 06 abaixo demonstra como essa conexão entre os diversos elementos (naturais e artificiais) se estabelece na prática, utilizando uma conexão da praça como exemplo. Ao fim da passarela, optou-se por adotar um pequeno canteiro⁷² para compor junto ao resto da arborização das quadras e para estabelecer a separação entre a própria passarela e a estrutura do gabião, prevenindo acidentes.

⁷² Obs.: a largura e o comprimento do canteiro derivam dos cortes do piso drenante, que devem ser ortogonais à sua orientação.



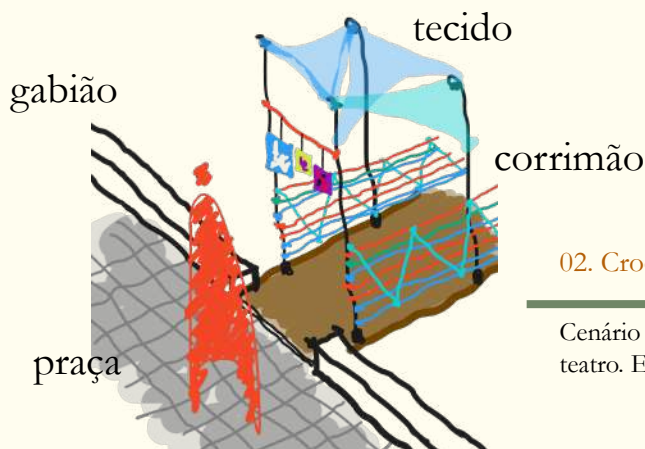
residência
existente

passarela

banco
canteiro

gabião

piso praça



tecido

corrimão

gabião

praça

01. Esquema 06/autora

Esquema ilustrativo da composição do sistema do canal + passarela. Obs.: a cor do gabião é meramente ilustrativa. Elaboração própria em Jan/2022.

02. Croqui 01/autora

Cenário ilustrativo da passarela da praça teatro. Elaboração própria em Jan/2022.

Reiventando o avesso

“A primeira vez que caí no chão de uma grande cidade desejava investigar, na pele, a vulnerabilidade desconcertante dos corpos que se entregam à gravidade a revelia da marcha habitual e urgente que marca a vida produtiva de uma cidade. Caí na Avenida Copacabana, e alguém se debruçou:

– Está passando mal?

– Não, só quero experimentar a cidade por outro ângulo.”

Trecho de ensaio da bailarina e performer Andrea Maciel. Contrapontos.

MACIEL, A. O chão nas cidades. Revista Redobra, Ano-3, n.10. Universidade Federal da Bahia. 2012, p.47-55.

Q1, Q2, Q3 E Q7 PRAÇAS FROUXAS

O quadro abaixo resgata as diretrizes apontadas para a área no capítulo 3 deste trabalho, com seus respectivos objetivos específicos.

QUADRAS 01, 02,03 E 07: ESPAÇOS ÂNCORA

- I. **Recuperar a vegetação original:** delimitar as margens do canal com estratégias de infraestrutura verde, solucionando possíveis problemas de drenagem e promovendo beleza cênica para a paisagem;
- II. **Propor mais arborização:** promover beleza cênica, criar unidade visual entre as quadras do recorte e promover conforto térmico para as áreas de circulação.
- III. **Mais áreas de circulação:** criar passeios, áreas de descanso e conexões com os demais trechos do recorte

01.Quadro 05/autora

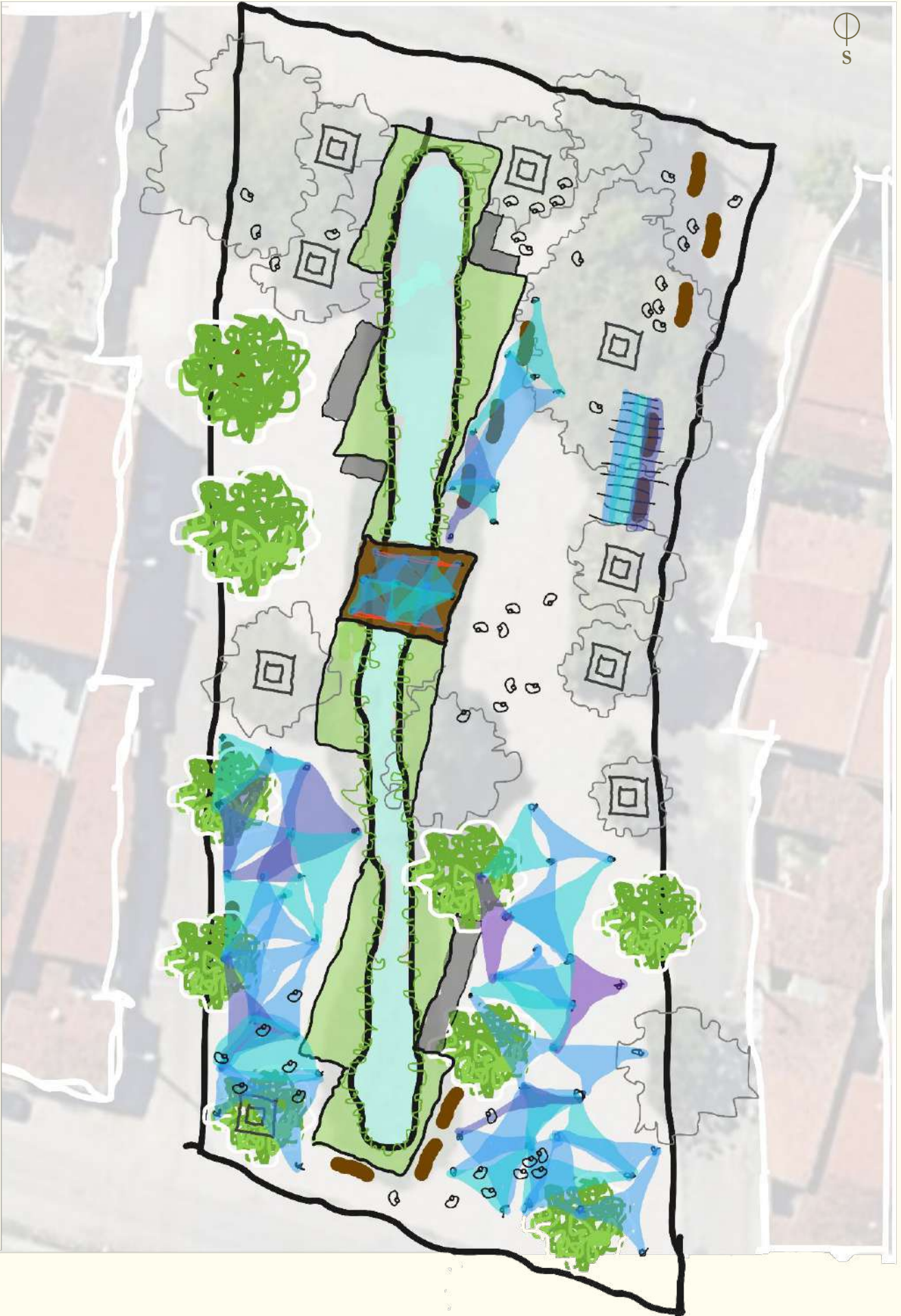
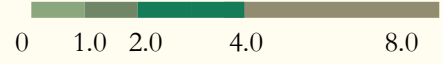
recorte produzido a partir dos dados produzidos na tabela síntese 01 (ver capítulo 3 deste trabalho).

Estas quatro quadras do recorte de intervenção possuem características semelhantes de arborização e de dimensionamento. Sendo assim, serão apontados **apenas os desenhos referentes à praça da QUADRA 01, que servirá como diretriz a ser adaptada** para os contextos específicos de dimensionamento das QUADRAS 02, 03 E 07.

Pelo espaço reduzido que o terreno apresenta, essas praças estão sendo interpretadas como **nós de conexão**, cujo projeto pressupõe um espaço com percursos transitórios conectados por faixas de pedestre elevadas entre elas.

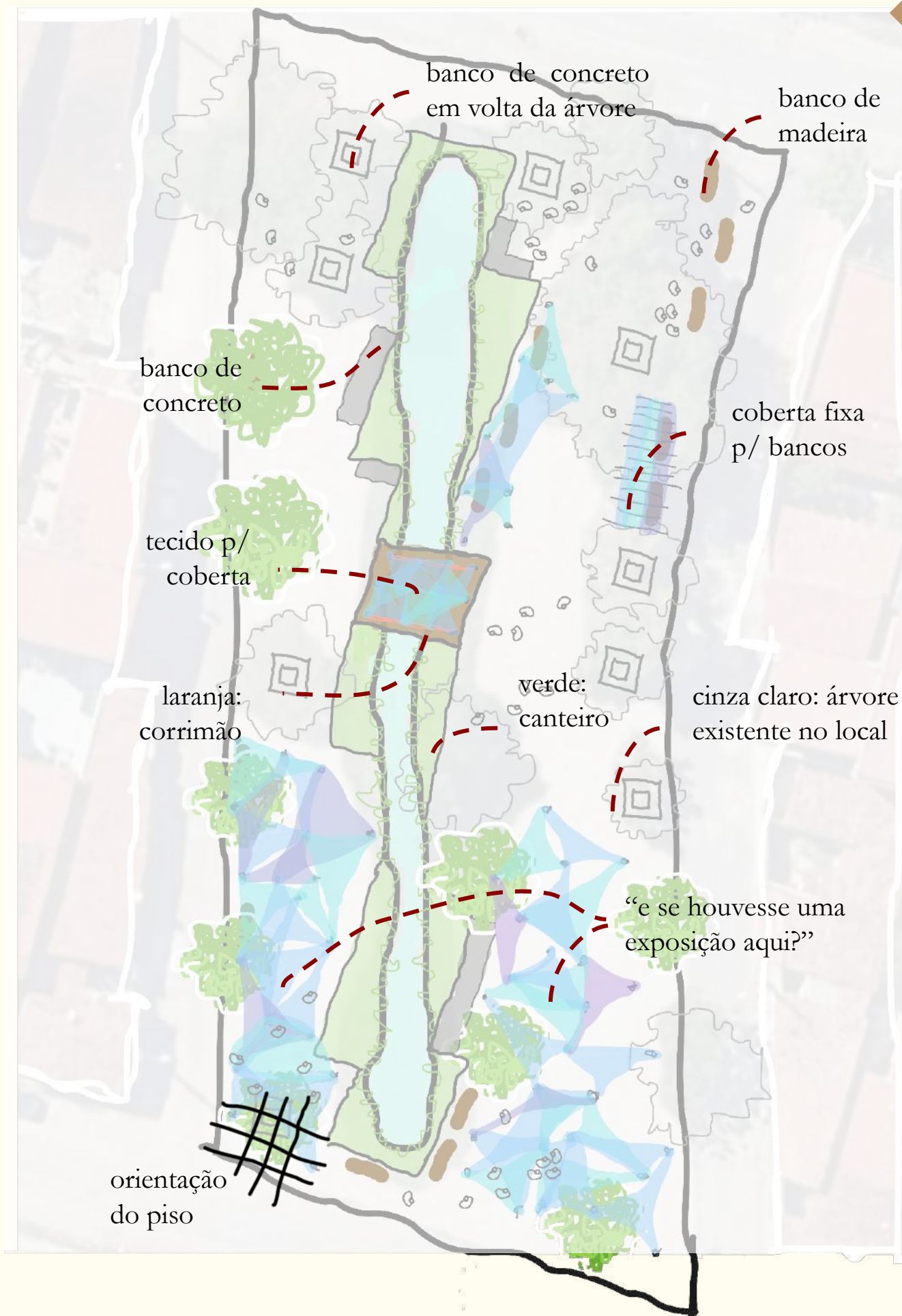
Q1 PRAÇA FROUXA
PROJETO

ESCALA GRÁFICA (m)

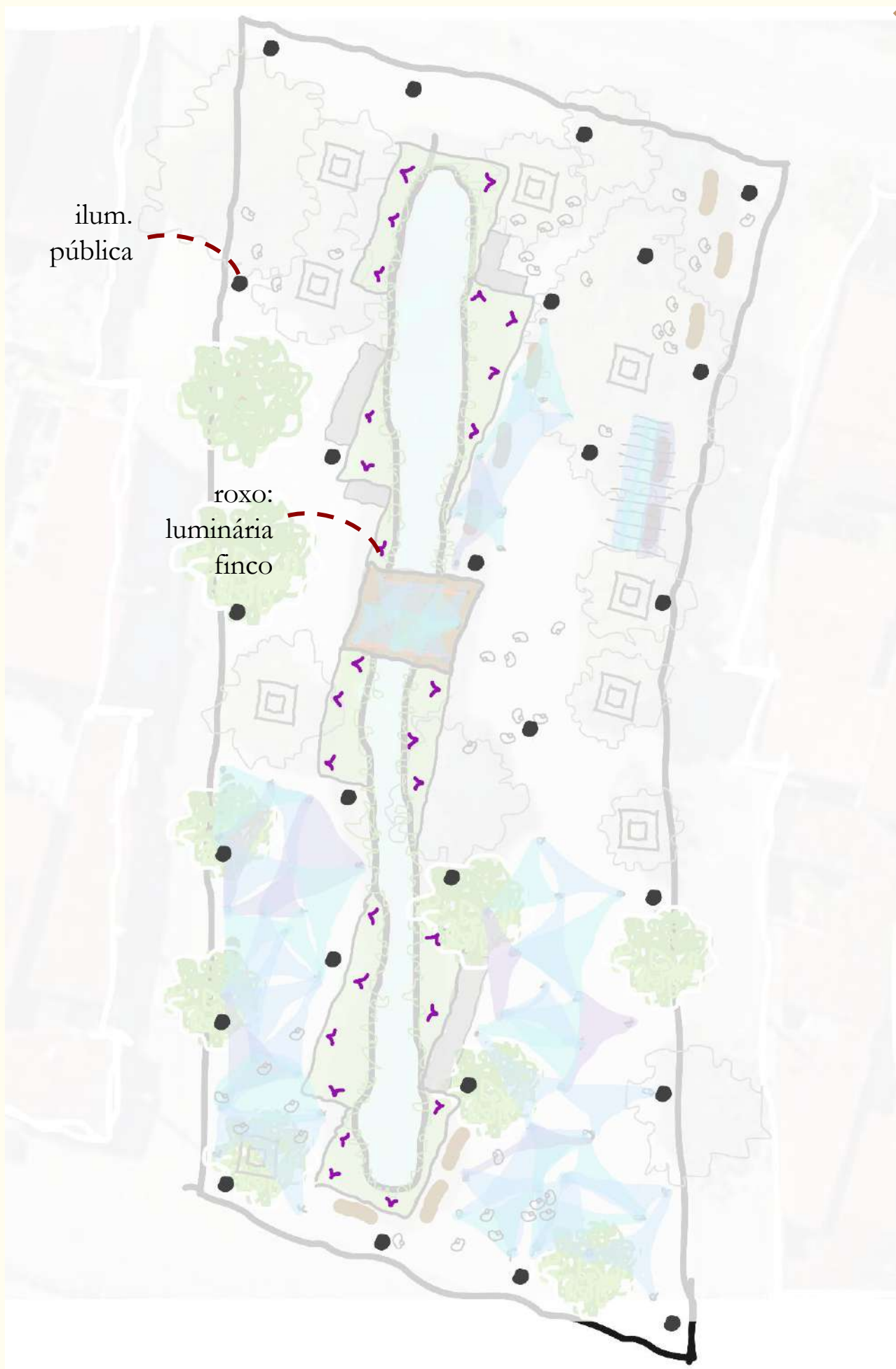


Q1 PRAÇA FROUXA

LEGENDA



Q1 PRAÇA FROUXA ILUMINAÇÃO



Q4 PRAÇA DE JOGAR

O quadro abaixo resgata as diretrizes apontadas para a área no capítulo 3 deste trabalho, com seus respectivos objetivos específicos.

QUADRA 04: ESPAÇO ÂNCORA

- I. **Recuperar a vegetação original:** delimitar as margens do canal com estratégias de infraestrutura verde, solucionando possíveis problemas de drenagem e promovendo beleza cênica para a paisagem;
- II. **Propor mais arborização:** promover beleza cênica, criar unidade visual entre as quadras do recorte e promover conforto térmico para as áreas de circulação.
- III. **Mais áreas de circulação:** criar passeios, áreas de descanso e conexões com os demais trechos do recorte
- IV. **Conectar os espaços:** continuar canteiro central com arborização similar e ligar a quadra 04 à parada de ônibus da quadra 05 através de uma faixa de pedestre.

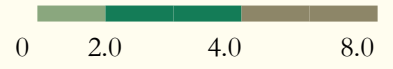
01.Quadro 06/autora

recorte produzido a partir dos dados produzidos na tabela síntese 01 (ver capítulo 3 deste trabalho).

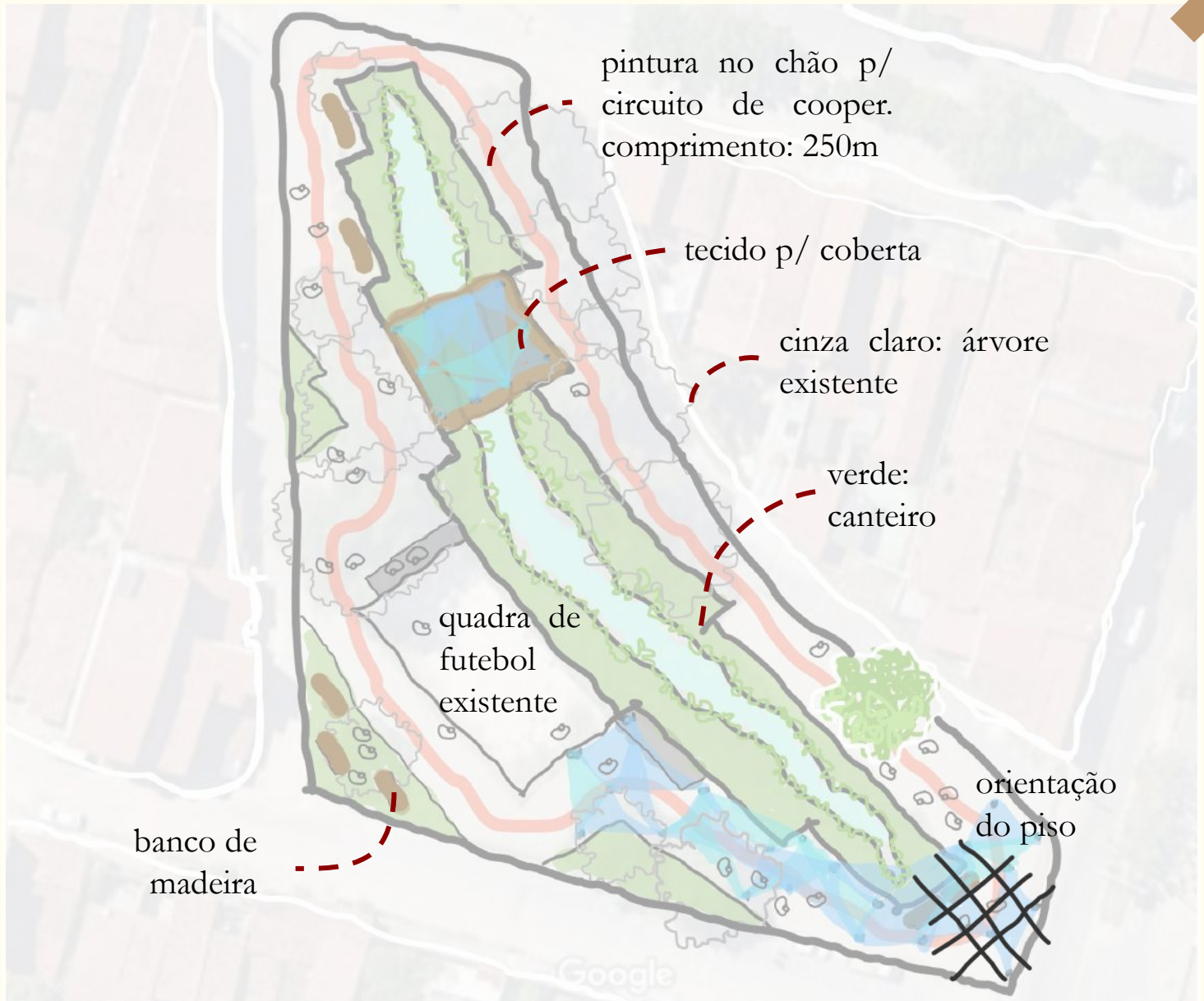
A continuidade do canteiro e das outras diretrizes já adotadas nos espaços anteriores se faz necessária de modo a **ressaltar a qualidade de sistema** para a área de intervenção. Tais ações são destrinchadas a seguir, juntamente com os cenários de ocupação possíveis após a implementação do projeto.

Q4 PRAÇA DE JOGAR PROJETO

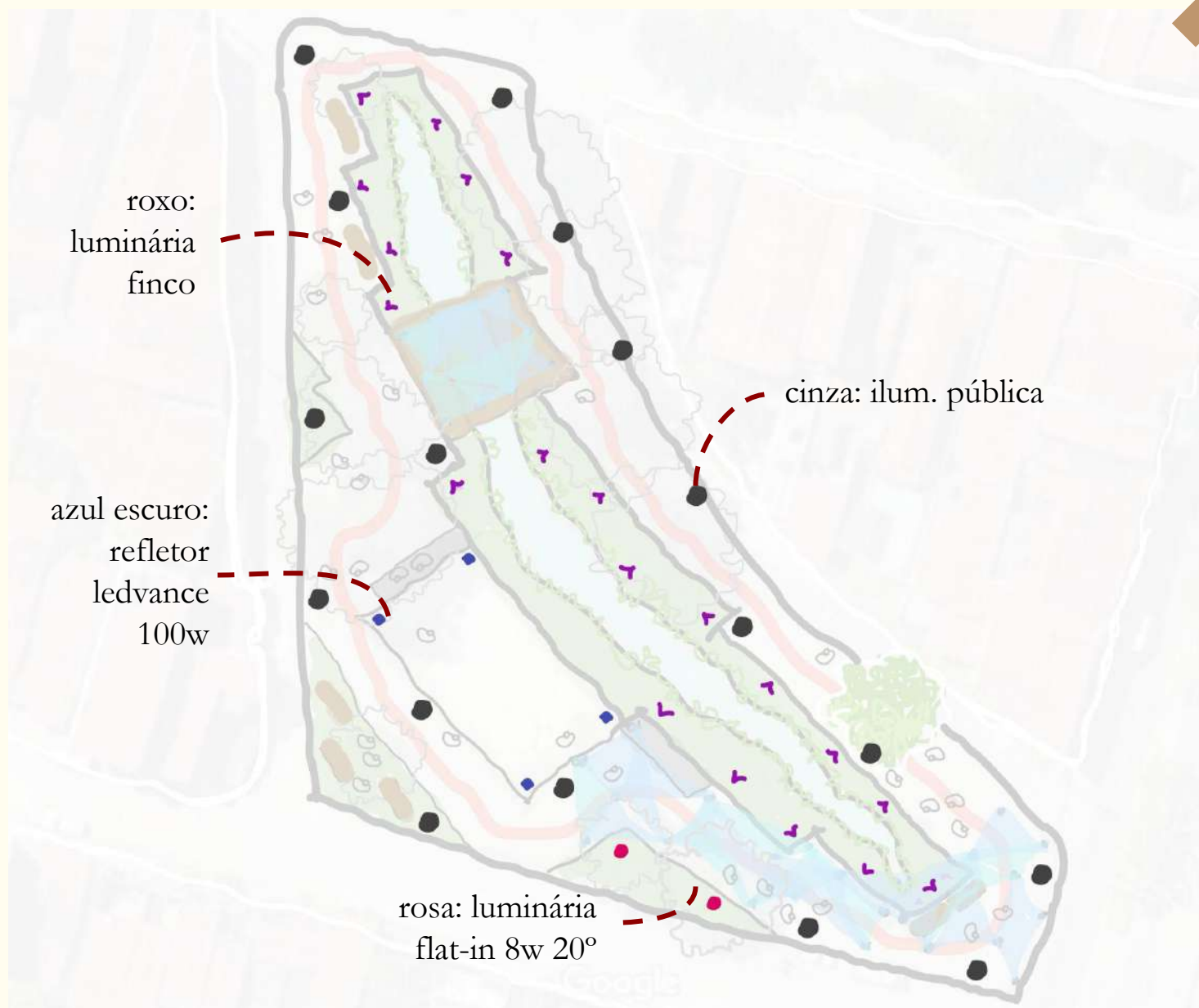
ESCALA GRÁFICA (m)



Q4 PRAÇA DE JOGAR LEGENDA



Q4 PRAÇA DE JOGAR ILUMINAÇÃO



Q5 PRAÇA TEATRO



O quadro abaixo resgata as diretrizes apontadas para a área no capítulo 3 deste trabalho, com seus respectivos objetivos específicos.

QUADRAS 05: ESPAÇO REFERÊNCIA

- I. **Recuperar a vegetação original:** delimitar as margens do canal com estratégias de infraestrutura verde, solucionando possíveis problemas de drenagem e promovendo beleza cênica para a paisagem;
- II. **Propor mais arborização:** promover beleza cênica, criar unidade visual entre as quadras do recorte e promover conforto térmico para as áreas de circulação.
- III. **Mais áreas de circulação:** criar passeios, áreas de descanso e conexões com os demais trechos do recorte
- IV. **Requalificação da praça existente:** readequação do piso, ajuste nos limites da praça, ampliação de áreas de calçada
- V. **Conexão ao canteiro central e às residências:** criar sinalização para pedestres e bicicletas e pinturas artísticas no chão, respectivamente.

01.Quadro 07/autora

recorte produzido a partir dos dados produzidos na tabela síntese 01 (ver capítulo 3 deste trabalho).

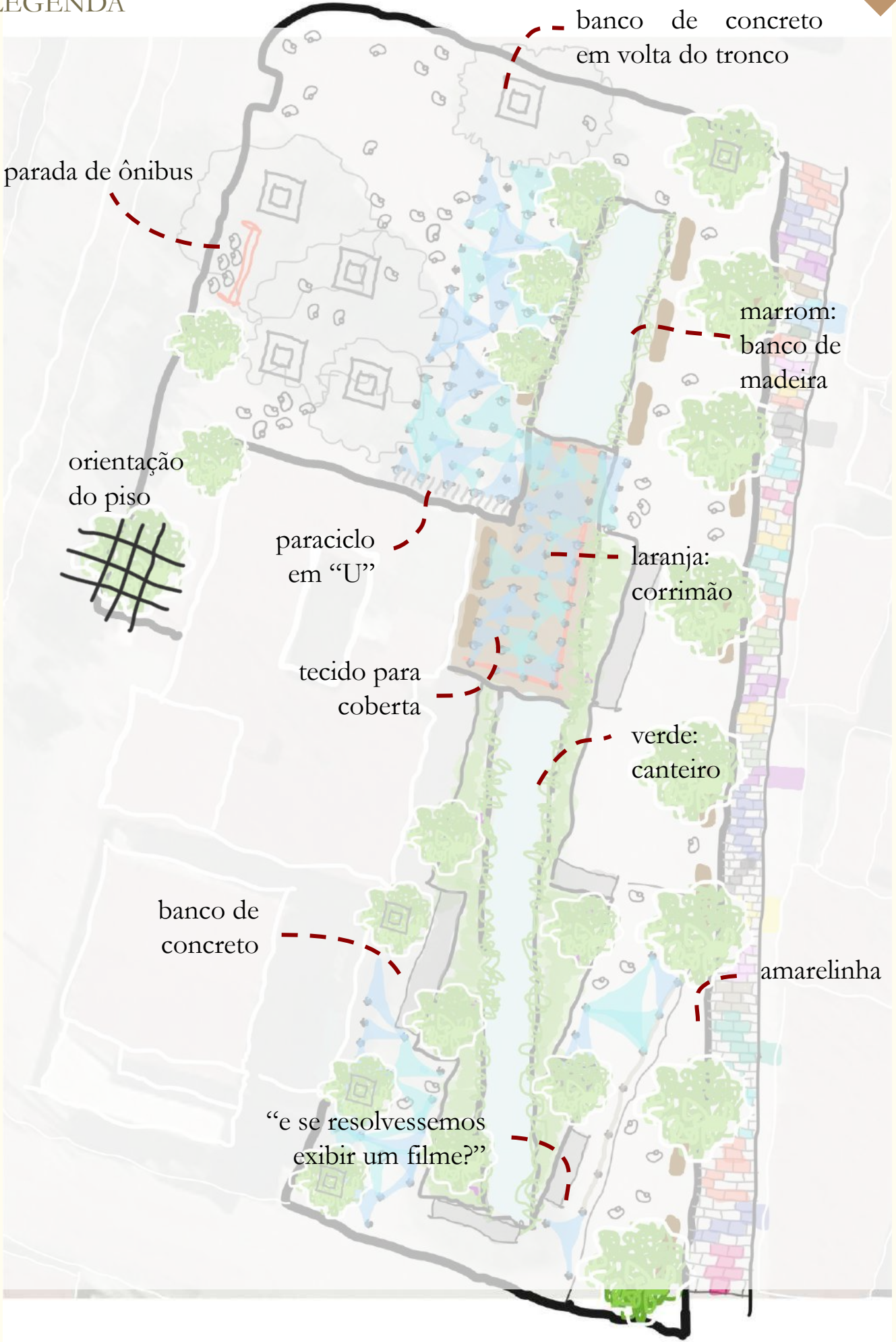
Diante do fluxo intenso que essa praça possui, ela está sendo interpretada como **palco principal** dos acontecimentos. Pretende-se priorizar em seu desenho as circulações, os cruzamentos e a conexão da quadra com as vias e as residências. Tais diretrizes são destrinchadas a seguir, juntamente com os cenários de ocupação possíveis após a implementação do projeto.

Q5 PRAÇA TEATRO
PROJETO

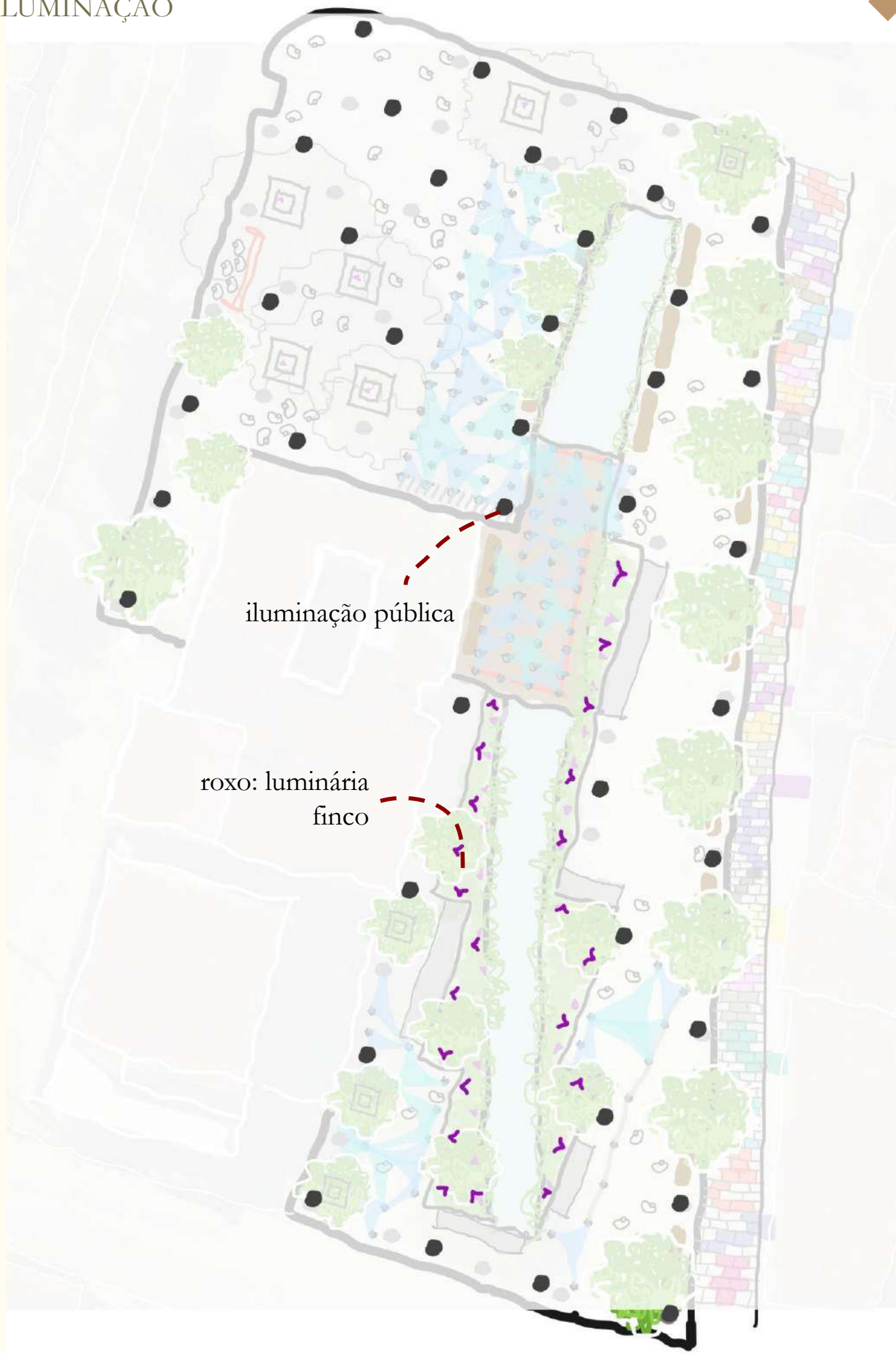
ESCALA GRÁFICA (m)



Q5 PRAÇA TEATRO LEGENDA



Q5 PRAÇA TEATRO ILUMINAÇÃO



CIRCULAÇÃO

Para o partido do desenho da praça teatro foram consultadas duas obras, que revelaram **princípios de continuidade, simplicidade, organicidade, compartilhamento e de multiuso**:

1. Red Ribbon Park, em Quinhuangdao-China: o projeto propôs a revitalização de uma paisagem adormecida através de um banco. Concebido com traçado orgânico, iluminado e até mesmo com vegetação em alguns pontos, o mobiliário sugere que soluções simples são capazes de gerar grande impacto sem alterações significativas da paisagem. Ele é apropriado pelos usuários de diversas maneiras em todas as estações do ano, promove conexão visual e convida o indivíduo ao lazer lento e à contemplação da paisagem. As fotos 72 a 74 mostram parte do projeto.
2. Parque da Cidade, em Sobral-CE: também cortado por um córrego, o Riacho Pajeú, o parque recebeu em 2016 um investimento por parte do governo para revitalizar a área e fomentar o incentivo ao lazer, às artes e à cultura. Os blocos intertravados da praça comunicam-se com o calçamento de pedra na rua de fluxo baixo, por onde trafegam modais pesados - como caminhões. A pavimentação do parque é simples e ortogonal, cortada por canteiros de traçado sinuoso e orgânico, criando um contraste interessante entre as formas e entre o piso e a grama. A paisagem natural é valorizada por meio da continuidade do desenho, que convida o usuário a adentrar o espaço (ver fotos 75 a 77).

desenho inspirado na obra *Deslocador / Ativador do Agir* de martasupernova, artista visual. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_-JKGEJscZ/>.





01. Fotos 72 a 74 / Red Ribbon Parque | Turescape

Fotos ocupadas do Red Ribbon Parque. Fonte: Acervo Turescape. Disponível em: <Parque Red Ribbon / Turescape | ArchDaily Brasil>.





01. Fotos 75 a 77 / google street view

Parque da cidade em Sobral. Os terrenos são conectados por meio de uma faixa elevada, os pisos permeáveis da praça e da rua conversam entre si e existe uma passarela que conecta uma margem do canal à outra.

As árvores próximas ao meio fio previnem que a área seja utilizada de maneira imprópria para o estacionamento de carros.



PISOS + CALÇADAS

Palcos de acontecimentos múltiplos, os pisos e suas pinturas foram escolhidos com base na simplicidade e na tentativa de fornecer ocasião para o resgate de experiências adormecidas. Como sugere Moses (2012), a paisagem inútil ajuda a superar o luto da saudade das cidades.

Foi assim que o ideário urbanístico disseminou-se pelos quatro cantos da Terra, prometendo conforto e funcionalidade para todos, em todas as cidades, destruindo paisagens e modos de vida. Daí em diante a reforma das cidades, visando uma paisagem útil, se impõe e, nessa lógica, transformações radicais anulam paisagens da vida inteira apontando para uma crise de identidade e perda de referências. (MOSES, 2012, REDOBRA p.162).

CALÇAMENTO PRAÇA

Foi escolhido o piso drenante (foto 63) para compor a área de maior circulação da praça. Optou-se por dar continuidade à paginação existente, fazendo apenas a substituição do material impermeável pelo piso drenante. Dessa forma a paisagem permanece semelhante à original, reduzindo as chances de o desenho causar estranheza nos moradores - o que poderia afetar de maneira negativa o sentimento de apropriação do espaço.

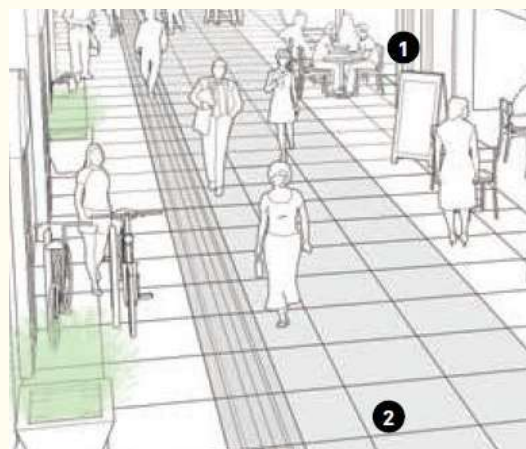
CALÇAMENTO RUAS

Pensando ainda nos **fluxos sobrepostos**, propõe-se para a Travessa Humberto Lomeu o compartilhamento da caixa viária entre pedestres e veículos, dada a natureza de lentidão já proposta para a quadra da praça. Para isso são necessárias algumas estratégias que convidem a redução da velocidade de carros, bem como o redirecionamento de veículos mais pesados para ruas vizinhas. Sugere-se a adoção do **piso intertravado**, considerando sua semelhança com



02. Foto 78/Pinterest

Piso intertravado artificialmente colorido



03. Figura 10/NACTO

Rua compartilhada. Fonte: Guia global de desenho de Ruas, p. 201, 2016.

o piso drenante presente na praça e nas demais quadras do recorte e visando solucionar parte do problema enfrentado com a drenagem deficiente da região, uma vez que existem pontos de alagamento ao longo do recorte de intervenção. Além disso, o veículo é convidado a reduzir velocidade ao adentrar um espaço com esse tipo de calçamento.

Por fim, o resgate nostálgico aparece por meio do uso de cores que sugerem um percurso incomum em meio à pressa: o convite a pular amarelinha. Essa é uma experiência que já foi adotada em Fortaleza (ver foto 79), com incentivo público, e em São Francisco (EUA) por uma moradora local (ver foto 80), e mostra como intervenções urbanas simples (até mesmo as espontâneas) têm potencial para ressignificar alguns espaços. O desenho a seguir mostra a padronagem adotada nessas experiências.

Para o recorte está sendo proposta a pintura do calçamento intertravado nas ruas, criando uma padronagem que sugere a brincadeira da amarelinha. Já nas calçadas, a pintura aparece como uma conexão: utilizando as mesmas cores, continua-se a padronagem da via até a área das portas das residências, convidando o morador a atravessar a rua e percorrer pelo ambiente. Além disso, a situação das calçadas (ver foto 81) também revela uma necessidade de readequação das mesmas, que não tem qualquer tipo de padronização, conduzindo o pedestre a andar no leito carroçável. De modo a atender as condições de acessibilidade e a aprimorar a conexão entre residência e rua, foram consideradas as diretrizes fornecidas no Guia Global de Desenho de Ruas (2016) e da NBR 9050/2016.

Vale ressaltar que a norma brasileira sugere adotar largura mínima de 1,20m como para as calçadas. Entretanto, devido ao caráter residencial desta e das demais quadras, este trabalho sugere adotar 1,50m como largura mínima, visando atender aos critérios estabelecidos para um giro de 360° em cadeira de rodas. Assim, a via ficará com uma largura de 3.00m, suficiente para um tráfego lento de veículos leves e mais pesados.

OBS.: Segundo o Manual de Arborização Urbana para Fortaleza (2020), as calçadas adjacentes à parques, praças ou outros espaços verdes, não devem receber arborização, de modo a não obstruir a visibilidade. Sendo assim, as calçadas adjacentes ao recorte de intervenção receberão apenas a diretriz de readequação de largura, conforme indicado na foto 81 abaixo.



01. Foto 79/G1 CE

Rua Almirante Jaceguai recebe maior amarelinha do Brasil. Foto: AMC/Divulgação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/08/15/jogo-de-amarelinha-gigante-com-400-quadrinhos-e-instalado-em-fortaleza.ghml>>.



02. Foto 80/Youtube

Calçada em São Francisco (EUA) recebe pintura de giz feita por moradora e câmeras de segurança flagram pessoas de todas as idades entrando na brincadeira. Fotos: Reprodução Youtube. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/11/amarelinha-anim-a-pedestres-em-sao-francisco-e-video-viraliza-no-brasil.html>>.



03. Foto 81/Street View

Proposta de ampliação das calçadas.

READEQUAÇÃO LIMITES DA PRAÇA:

Os terrenos trabalhados possuem desenho irregular, com alguns trechos em que as ruas são mais largas e mais estreitas em outros, como ilustram as fotos 82 e 83 abaixo.

SITUAÇÃO ORIGINAL



SITUAÇÃO PROPOSTA



AMPLIAÇÃO

AMPLIAÇÃO

01. Fotos 82 e 83 / Google Earth

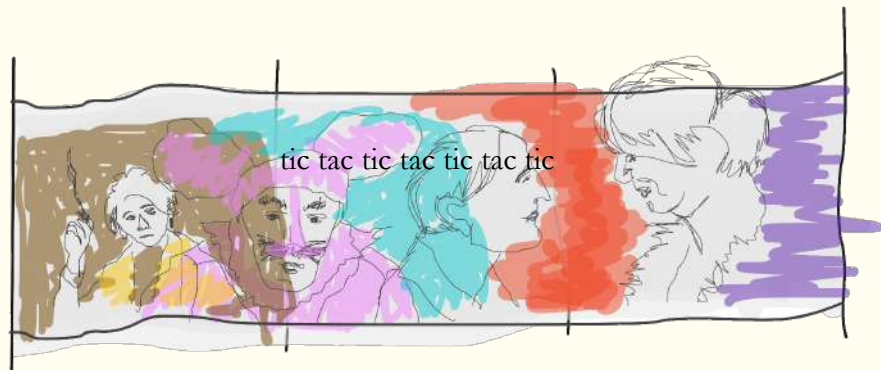
Print retirado do google earth da quadra 05.

Na primeira foto é possível observar que a Travessa Humberto Lomeu vai se estreitando. De modo a ampliar o espaço disponível para propor mais arborização, infraestrutura verde, iluminação e área caminhável, faz-se necessário uniformizar o traçado, readequando o desenho da praça para que a via inteira tenha a mesma largura.

Q5 PRAÇA TEATRO BRINCANÇAS



sobreposição de cenas do filme cearense *Inferninho* (2019). sugestão de exibição em lona estendida



Q6 PRAÇA DE BRINCAR

O quadro abaixo resgata as diretrizes apontadas para a área no capítulo 3 deste trabalho, com seus respectivos objetivos específicos.

QUADRA 06: ESPAÇO ÂNCORA

- I. **Recuperar a vegetação original:** delimitar as margens do canal com estratégias de infraestrutura verde, solucionando possíveis problemas de drenagem e promovendo beleza cênica para a paisagem;
- II. **Propor mais arborização:** promover beleza cênica, criar unidade visual entre as quadras do recorte e promover conforto térmico para as áreas de circulação.
- III. **Mais áreas de circulação:** criar passeios, áreas de descanso e conexões com os demais trechos do recorte
- IV. **Requalificar as áreas de lazer:** readequar o playground autoconstruído, propor mobiliário urbano adequado para espaços de estar e criar área de academia ao ar livre para todas as idades.

01.Quadro 08/autora

recorte produzido a partir dos dados produzidos na tabela síntese 01 (ver capítulo 3 deste trabalho).

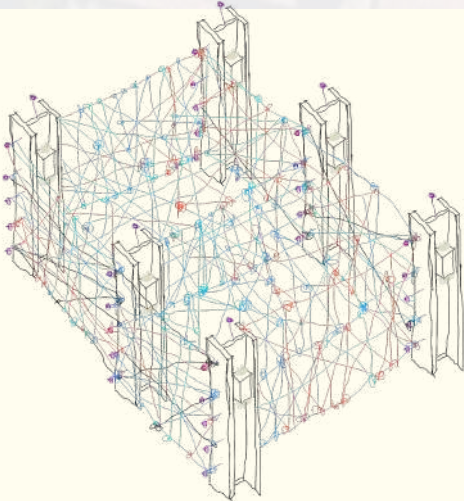
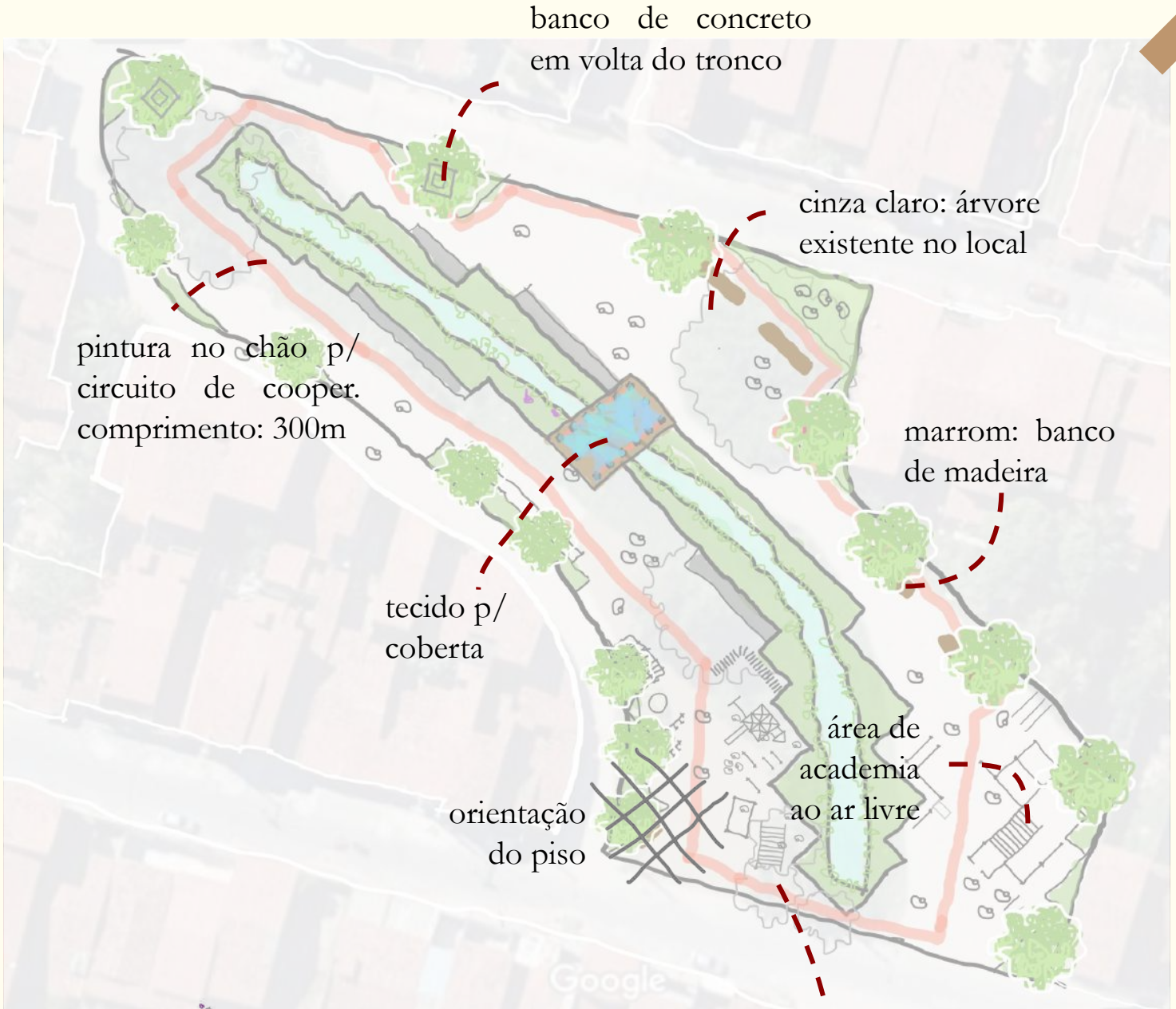
Os esquemas de implantação do gabião e das cobertas seguem as mesmas diretrizes apontadas nos croquis e esquemas das páginas 159 e 160 deste trabalho. Quanto ao desenho das áreas de brincar, pretende-se dar continuidade à linguagem adotada na praça-teatro, como se esta quadra representasse uma extensão do palco principal, ou *a boca de cena*. Tais diretrizes serão destrinchadas a seguir, juntamente com os cenários de ocupação possíveis após a implementação do projeto.

Q6 PRAÇA DE BRINCAR PROJETO

ESCALA GRÁFICA (m)

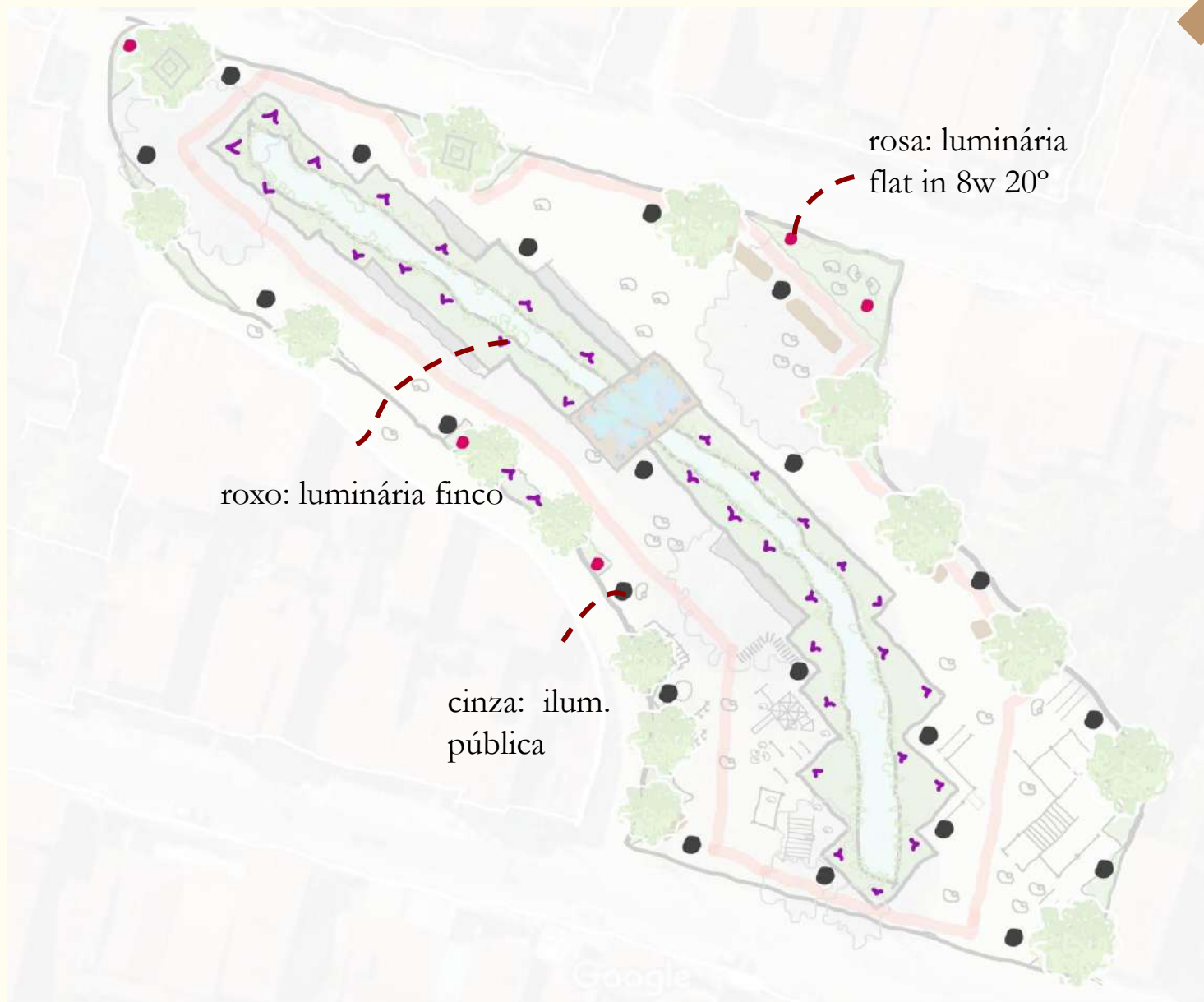


Q6 PRAÇA DE BRINCAR LEGENDA



Q6 PRAÇA DE BRINCAR PROJETO

ESCALA GRÁFICA (m)

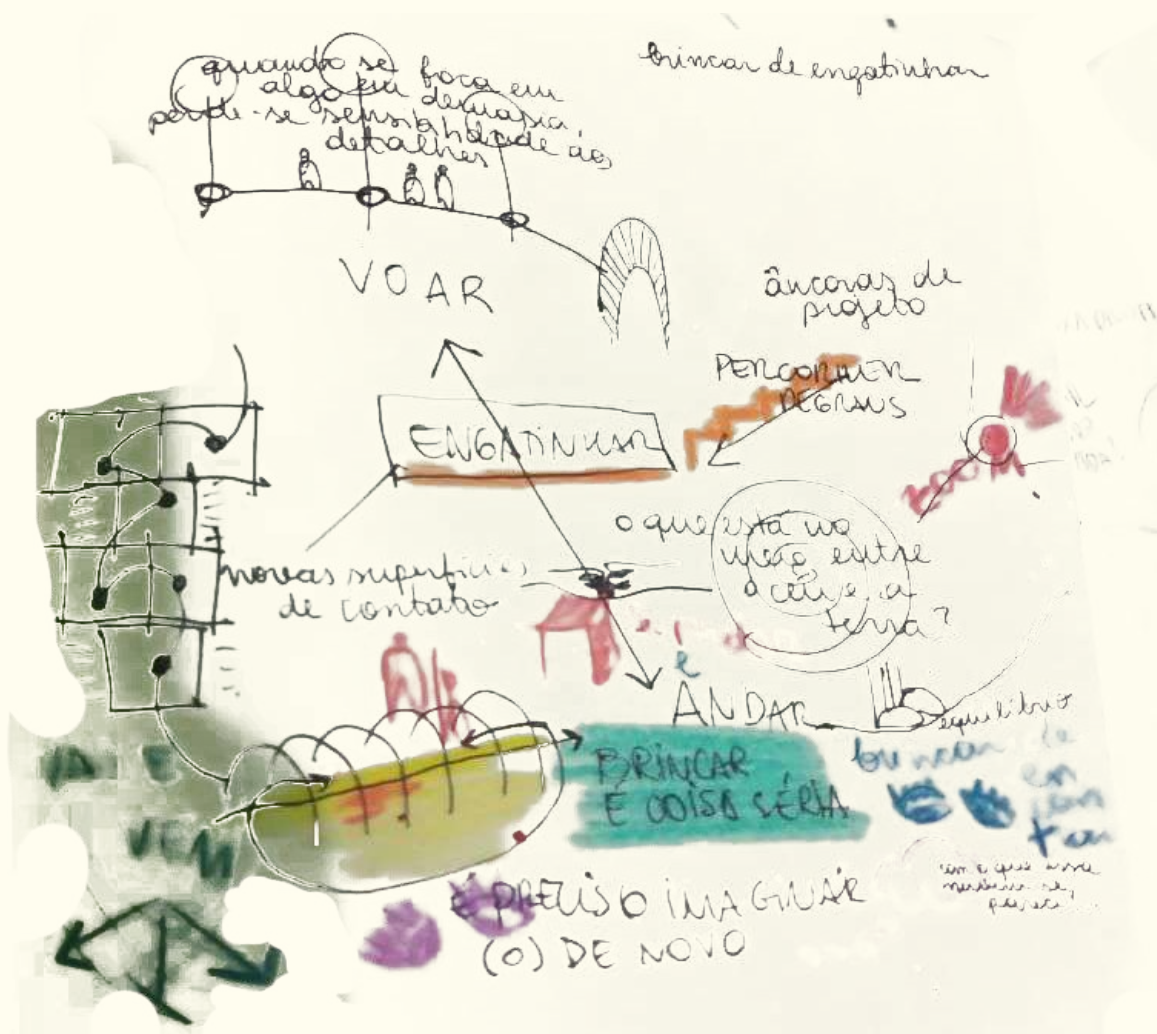


“BRINCAR É COISA SÉRIA”

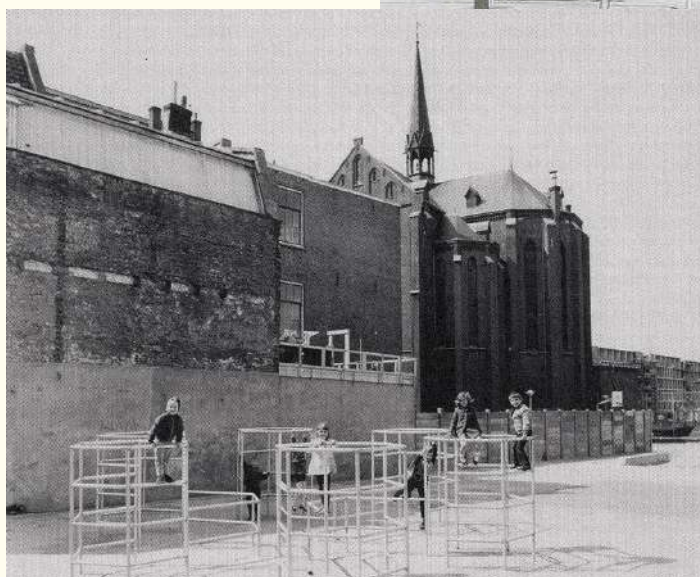
Ainda sob a perspectiva da composição urbana, a proposição de um playground para esse espaço adquire uma interpretação extra: um estímulo a novas histórias e memórias a partir de um circuito de brincadeiras, do homem público e do lazer lento, **corpografando a imaginação**.

Para a elaboração do projeto foram utilizadas as obras de Van Eyck como referência principal. Suas intervenções sobre o espaço tinham um caráter semelhante ao que hoje entende-se por composição urbana, além do objeto trabalho fazer parte de um conjunto de ideias que não eram prioridade⁷³ para o dado momento.

⁷³ Sobre hierarquização de prioridades, consultar WEHMANN (2019). Este trabalho também tratou do assunto no capítulo 01.



01. croqui 02/autora



01. Fotos 84 a 87 / Arquivo Mun. Holanda

Fotos do playground Bertelmanplein, na Holanda. Projeto de Van Eyck. Disponível em: <https://rubberbrasil.com.br/aldo-van-eyck-e-seus-mais-de-800-playgrounds-na-holanda/>





.88

Instalação realizada no Festival Novas
Frequências, dez/2021

<https://www.instagram.com/p/CXO4JaFJcwi/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência do tato reprogramou o rumo desta pesquisa. Inicialmente, minha imaginação vagava por ideias de cartografia do espaço e composição de cenários a partir dos usos do cotidiano. Essas propostas floresceram durante as discussões de criação de cena do Espetáculo Toró - o qual fiz parte, e não contavam com o surgimento de uma pandemia que afetou nossos corpos integralmente. Adaptando a sugestão da cartografia para a realidade do isolamento social, precisei ater-me a um diagnóstico estabelecido principalmente através da leitura de notícias e percursos virtuais. A deriva online também tem seu lugar de investigação, mas deixar-se afetar pelas intempéries e imprevistos do lugar pode nos conduzir a outras propostas de catalogação e de intervenção. A partir de metodologias mais tradicionais de diagnóstico, tentei costurar minhas brincadeiras com caneta, papel e teatro com as intervenções que o local necessitava. Acabei percebendo que as denúncias me levavam para um caminho do planejamento e da invenção, mais do que um projeto de espaços livres em si. A sugestão de uma unidade modular que se integrasse ao ambiente, permitindo expressividades múltiplas foi essencial para a configuração do sistema de áreas de lazer. Os perfis metálicos e seus ganchos são os grandes agentes do palco, que o permite adquirir várias silhuetas a depender da atividade que está acontecendo. Os corpos dos atores e dos não atores se modificam junto do local, que os convida à brincadeira e à lentidão de se estar na rua novamente. Eis o palco urbano que abriga nossas ações, romances, comédias, tragédias... Que abriga as nossas dramaturgias.

Obrigada!

DE ONDE

referências bibliográficas | artigos, livros, revistas e teses

ANDRADE, B.R. *et al.* **Efeitos da periferização nos níveis de acessibilidade aos empregos da população de baixa renda em Fortaleza.** Revista Transportes, v. 28, n. 3, 2020.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/343996967_Efeitos_da_periferizacao_nos_niveis_de_acessibilidade_aos_empregos_da_populacao_de_baixa_renda_em_Fortaleza>. Acesso em 1 out. 2020.

ARAÚJO, T. B. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Observatório CMG/UPFE-MESC/UPDAM-FASE/ME, 2000.

CARDOSO, R.J.B. **Inter-relações entre espaço cênico e espaço urbano.** In: Evelyn F. W. Lima (Org.). Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CARREIRA, A. **Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade.** In: Evelyn F. W. Lima (Org.). Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CHENEY, S. **The Open Air Theatre** (Reimpressão de The Open Air Theatre, New York, Mitchell Kennerley, 1918), New York, Kraus Reprint Co., 1971.

FIGUEIREDO, L. **Desurbanismo: um manual rápido de destruição de cidades.** In: I ENANPARQ. Rio de Janeiro: Anparq, 2010. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/163/163-305-1-SP.pdf>>. Acesso em 8 out. 2020.

FORTALEZA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. **Diagnóstico Geo-Ambiental do Município de Fortaleza: Subsídios ao Macrozoneamento Ambiental e à revisão do Plano Diretor Participativo,** Fortaleza, 2009.

FORTALEZA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. **Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo.** Lei complementar nº 236, 2017.

FORTALEZA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. **Manual de Arborização Urbana de Fortaleza,** Fortaleza, 2020 2ª edição.

FORTALEZA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. **Plano Diretor Cicloviário Integrado,** Fortaleza, 2ª edição, 2020.

FORTALEZA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. **Plano Diretor Participativo de Fortaleza (LEI 062),** Fortaleza, 2009.

FREITAS, C. S. **A produção desequilibrada do meio ambiente urbano de Fortaleza e o papel do movimento ambientalista.** In: II ENANPPAS. São Paulo: Anppas, 2004. Disponível em:

<http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT11/gt11_clarissa_freitas.pdf>. Acesso em 15 out. 2020.

FURQUIM, E., LIMA, W. **Espaço e Teatro: do Edifício teatral à cidade como palco**. 7Letras, 2008.

GUIA GLOBAL DE DESENHO DE RUAS – **Global Designing Cities** Initiative, National Association of City Transportation Officials; Tradução de Daniela Tiemi Nishimi de Oliveira – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. [S.n.] Petrópolis: Vozes, 2015. p.14.

HISSA, C. E. V.; NOGUEIRA, M. L. M. **Cidade-corpo**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 20, n. 1, p. 54-77, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/3-cidade-corpo_cassio_hissa_e_maria_nogueira.pdf>. Acesso em 10 ago. 2020.

JACQUES, P. B. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 8 out. 2020.

JACQUES, P. B. **Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?** Revista de Arquitetura e Urbanismo RUA: UFBA, v. 6, n. 1, p.32-39, 2003.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 1968. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2000.

LIMONAD, E. **Muito além do jardim: planejamento ou urbanismo, do que estamos falando?**. In: Geraldo Magela Costa, Heloisa Soares de Moura Costa, Roberto Luís de Melo Monte-Mór. (Org.). Teorias e Práticas Urbanas: condições para a sociedade urbana. 1ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2015, v. 1, p. 71-102.

MACHADO, I. **A farsa: um gênero medieval**. Revista Ouvir ou Ver, n.5, 2009.

MACIEL, A. **O chão nas cidades**. Revista Redobra, Ano-3, n.10. Universidade Federal da Bahia. 2012, p.47-55.

MAPURUNGA, J. **Bom Jardim**. Coleção Pajeú: Fortaleza, Secultfor, 2015.

METZLER, M. **O Teatro da Natureza: História e idéias**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MONTEIRO, A.G; VÁSQUEZ, H.A.B. **Caminhares periféricos: Nós de Teatro e a potência do caminhar no teatro de rua contemporâneo**. Dissertação (Mestre em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24251/1/2017_dis_agmonteiro.pdf>. Acesso em 30 jul. 2020.

MONTEIRO, A.G. **Teatro com a rua – nuances estéticas e políticas do teatro de rua na contemporaneidade**. Anais do X Congresso da ABRACE, v.19, n.1, 2018. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3914>>. Acesso em 20 Dez. 2021.

MOASSAB, A. **DE QUE LADO A ARQUITETURA ESTÁ?**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 5, n. 1, p. 08-19, 23 jan. 2020.

NETTO, V. M. **A urbanidade como devir do urbano**. EURE, v. 39, n. 118, p.233-263, set. 2013. ISSN digital 0717-6236. Disponível em: <<https://scielo.conicyt.cl/pdf/eure/v39n118/art10.pdf>>. Acesso em 1 out. 2020.

PEQUENO, L. R. B. **Como anda Fortaleza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009.

PROVEDORIA DOS DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA. **Compilação de instrumentos internacionais de direitos humanos**. 1. ed. Timor Leste, 2009. Disponível em: <<http://acnudh.org/wp-content/uploads/2011/06/Compilation-of-HR-instruments-and-general-comments-2009-PDHJTimor-Leste-portugues.pdf>>. Acesso em 8 ago. 2020.

RODRIGUES, J. B.; SILVA, R.A. **Racismo e evasão escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/105138>>. Acesso em 25 set. 2020.

ROLNIK, R. **Exclusão territorial e violência** in São Paulo em perspectiva vol. 13 no 2. São Paulo: SEADE, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400011&script=sci_arttext>. Acesso em 27 ago. 2020.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000. Disponível em: <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/lazerhumanizaespacourbano.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2020.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SAATKAMP, G. **Jardim de chuva: estudo comparativo de um sistema de biorretenção e uma bacia de amortecimento pluvial**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205820>>. Acesso em 10 jan. 2022.

SALES, L. B. F. **Análise Sócio-Ambiental do Segmento do baixo curso do rio Maranguapinho na cidade de Fortaleza-CE: Relações Sociedade x Natureza**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - PRODEMA, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16778/1/2004_dis_lbfsales.pdf>. Acesso em 20 out. 2020.

SANTOS, F.S. **O pensamento medieval visto pelo teatro: TODOMUNDO - um ancestral representante do embate entre o bem e o mal**. Revista Eletrônica “Existência e Arte” - do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II, 2006.

SANTOS, L. de P. **Riscos Ambientais No Contexto Do Projeto De Revitalização Do Rio Maranguapinho E Suas Aplicações Sobre Os Bairros Bonsucesso E Granja Portugal (Fortaleza-CE)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84790>>. Acesso em 24 out. 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. 1.ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

TARDIN, R. C. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. 1.ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TARDIN, R. C. **Ordenação sistêmica da paisagem**. *In*: I ENANPARQ. Rio de Janeiro: Anparq, 2010. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/18/18-231-1-SP.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2020.

URBAN BIKEWAY DESIGN, Initiative National Association of City Transportation Officials, Island Press 2ed, 2014.

URBAN STREET STORMWATER GUIDE, Initiative National Association of City Transportation Officials, Island Press 2ed, 2017.

VERAS, C. V. **Redes de movimentos sociais na luta por direitos: (des) caminhos da participação popular**. Dissertação (Mestrado acadêmico em Saúde Coletiva), Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://uece.br/cmasp/dmdocuments/VANESSA%20CALIXTO%20VERAS.pdf>>. Acesso em 24. out. 2020.

WASELFIJS, J. J. **Mapa da violência 2014**. Os jovens do Brasil. Brasília, 2014. p.149-184.

WEHMANN, H.E; LIMA, C.P.C.d.S. **O direito a habitar a cidade: o reconhecimento da poética cotidiana como direito à cidade**. *In*: XVIII ENANPUR. Natal: Anpur, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=247>>. Acesso em 15 jul. 2020.

DE ONDE

referências bibliográficas | notícias de jornal, lives e filmes

#CidadesEmDisputa | AS CIDADES e os desafios da luta popular em tempos de pandemia. [S.l.]. Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas. 14 jul. 2020. 1 vídeo (1h:09 min). Live. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=20t81IxWZMU&t=2891s>>. Acesso em 14 jul. 2020. Participação de Leonardo Péricles e Raquel Rolnik.

FETTOSA, A. **Homem é preso e SSPDS investigará atuação de policiais na morte de adolescente em Caucaia.** O Povo online, 6 set. 2020. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/caucaia/2020/09/06/sspds-investiga-se-tiro-que-matou-adolescente-foi-disparado-por-policial.html>>. Acesso em 14 set. 2020.

PAULINO, N. **Isolamento social é menos seguido nas Regionais I, III e V da Capital.** Diário do Nordeste, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/isolamento-social-e-menos-seguido-nas-regionais-i-iii-e-v-da-capital-1.2237235>>. Acesso em 5 jul. 2020.

PERIFERIA de Fortaleza concentra maiores taxas de letalidade pelo novo coronavírus. G1 CE, 1 ago. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/01/periferia-de-fortaleza-concentra-maiore-s-taxas-de-letalidade-pelo-novo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 8 ago. 2020.

POLICIAL Militar envolvido em morte de adolescente no Ceará já era investigado por tortura. G1, CE. 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/07/10/policial-militar-envolvido-em-morte-de-adolescente-no-ceara-ja-era-investigado-por-tortura.ghtml>>. Acesso em 8 ago. 2020.



obrigada
até breve...